ELVIS NO CINEMA
Os Filmes que Fez e Poderia Ter Feito

BARTON FINK
Hollywood Segundo os Irmãos Co

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

SET
CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

56330001 - Ed. 53 - Ano V - Nº 11 - Cr$ 2.800,00

O PESCADOR DE ILUSÕES
Robin Williams e Jeff Bridges no Filme que Pode Levar o Oscar

Harrison Ford
de volta em

UMA SEGUNDA CHANCE

Com Annette
Bening

VÍDEO
POR QUE NOVIÇA REBELDE?

E nas Locadoras:
DANÇA COM LOBOS

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO

Digital Audio & Video

AIWA®

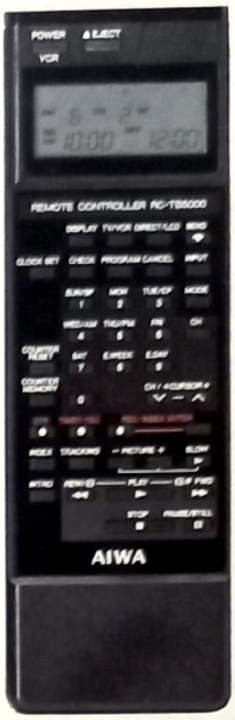
2-11, Ikenohata 1-chome Taito-ku, Tokyo 110, Japan

Central de Atendimento ao Consumidor
Fone: (011) 815-9144
Rede Nacional de Assistência Técnica

iferença Digital

ogia em Videc

PRT-SP-5716/91 25/11/91
COD. ASS. 242456770 91011 ST
EXEMPLAR EXCLUSIVO PARA
LAUDENIR FCO MARCELINO
R LAGUNA 1127
OFICINA
88700 TUBARAO SC
"Impresso Envelopamento autorizado Pode ser aberto pela ECT"



HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

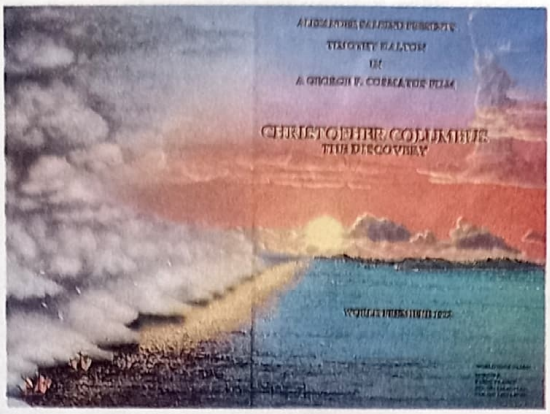
- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

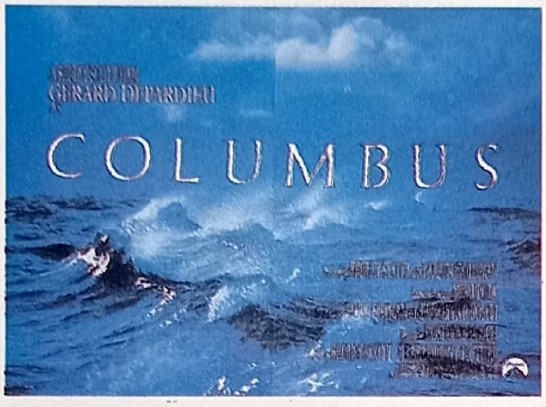
Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

DISPUTA MUNDIAL

DUAS MANEIRAS DE FAZER A AMÉRICA





A propósito dos 500 anos da descoberta da América, em 1992, o cinema mundial desde já se articula em épicas comemorações. O inglês Ridley Scott dirige e produz para a Paramount o seu *Columbus*, com Gérard Depardieu no papel do genovês. Já o grego George Pan Cosmatos, o diretor de *Rambo II — A Missão*, escolheu Timothy Dalton para o papel-título de *Christopher Columbus — The Discovery*. O resultado poderá ser visto em outubro do ano que vem, mas os anúncios podem ser comparados agora.

CASO ANTIGO

DOMADOR, SIM, MAS COM CLASSE

Se a ligação não é perigosa é, no mínimo, escandalosa. Principalmente porque traz **Jack Nicholson,** um ingênuo amestrador de cães, envolvido com uma cantora lírica, a "estimulante" Ellen Barkin. *Man Trouble* é uma comédia, com lances dramáticos, e o responsável pela estranha relação é Bob Rafelson, o diretor que já havia presenteado o amigo Nicholson com o sensualíssimo *O Destino Bate à Sua Porta*, há dez anos. Ainda no elenco, Harry Dean Stanton e Veronica Cartwright. Lançamento previsto para o próximo ano.

OPÇÃO DE INFÂNCIA

A ESCOLA DA SEREIA

Ainda marcada pelo seu papel anfíbio em *Splash — Uma Sereia em Minha Vida*, **Darryl Hannah** afirma estar "cansada de ser tratada como uma criatura inventada pela engenharia genética de Hollywood". Ela poderá ser vista brevemente no quase nacional *Brincando nos Campos do Senhor*, de Hector Babenco. Rodado na Amazônia, Darryl *não* interpretará Yara, a sedutora personagem de água doce da mitologia indígena brasileira. Desde criança, porém, sonhava em tornar-se *A Pequena Sereia*, dos contos de Andersen. A loira escultural espera poder ainda realizar esse seu desejo de infância. Só falta algum produtor maluco fazer o convite.

Sygma

Sygma

"Os americanos fazem filmes da mesma maneira que fazem guerra. Para eles, nos dois casos, não importa o saldo final de mortos"

MATHILDA MAY, durante as filmagens de *Naked Tango*.

UIP

Branagh descobre uma foragida de guerra na mente da esposa Emma

CASAIS EM DUPLICATA

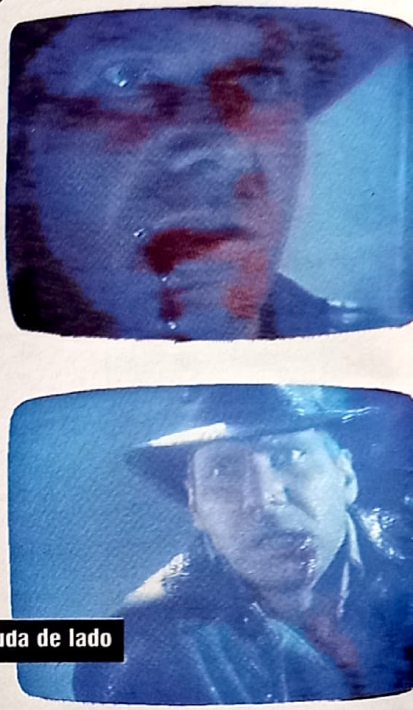
INVESTIGAÇÃO NA CABEÇA

Garoto bem-sucedido, esse. Depois do sucesso de *Henrique V*, o já trintão inglês **Kenneth Branagh** dirige e interpreta agora *Dead Again*. Meio thriller, meio comédia romântica, essa produção americana apresenta dois casais: um em 1948 e outro em 1991. Um compositor e uma pianista, comunistas expatriados, vêm a Los Angeles, foragidos da II Guerra. Em 1991, um detetive, metido com hipnose, investiga o passado de uma mulher sem memória, atormentada por pesadelos. A novidade: os dois casais são interpretados por Branagh e sua esposa **Emma Thompson**.

NA COLA DE SPIELBERG

OLHO VIVO

O leitor Marcio Rogério Paulon, de São Paulo, SP, descobriu um bom motivo para se rever *Indiana Jones e a Última Cruzada* (CIC). É só um pequeno detalhe, uma gafe inofensiva, mas um tanto incômoda e engraçada. Depois de ser obrigado a devolver a cruz, a relíquia cobiçada pelos vilões, o jovem Indiana (River Phoenix) recebe um chapéu de presente e se torna adulto. Harrison Ford aparece num navio, com uma mancha de sangue de um lado da boca — o direito dele. Nas cenas seguintes, depois de golpeado no rosto, a mancha desaparece daquele canto da boca e aparece no outro. Foi assim que o mago Steven Spielberg inventou o "soco curativo"...



Indiana e a gafe: o sangue muda de lado

- Começaram em setembro as filmagens de *Jennifer Eight*. Andy Garcia investiga assassinatos de garotas cegas. Uma Thurman está no elenco.
- *Nascida Ontem* será refilmado pelos estúdios Disney. Melanie Griffith está no papel que foi de Judy Holliday.

GAROTAS DE VIDA FÁCIL

Julia Roberts em *Uma Linda Mulher:*
"Eu sou a coisa certa"

Rebecca DeMornay em *Negócio Arriscado:*
"Você está pronto para mim?"

Susan Sarandon em *Pretty Baby:*
"Meus peitos são melhores que os das outras"

Jodie Foster em *Taxi Driver:*
"Como você quer fazer? Assim..."

Shirley MacLaine em *Irma La Douce:*
"Isto não é um serviço. É uma profissão"

Kathleen Turner em *Crimes de Paixão:*
"Soldado, por 50 dólares você escolhe seu campo de batalha"

Stills

Rebecca

Warner

Julia

Warner

Susan

LFI

Jodie

Armando Gonçalves/Azul

Shirley

Fox

Kathleen

LIVRO

OS 200 MELHORES

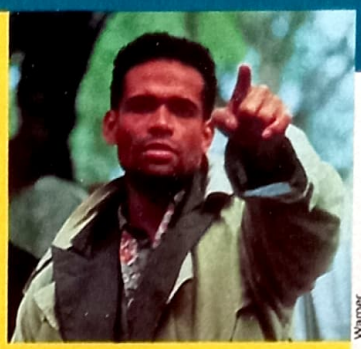
Um trabalho que se propõe a relacionar e comentar as obras-primas do cinema parece ser um intento pretensioso. Claude Beylie, francês, descreve em seu livro mais de 200 filmes, catalogados cronologicamente, diagramados um por página, com "Roteiro", "Análise da Obra", "Ficha Técnica" e pequenos boxes com comentários. De *A Chegada do Trem na Estação* (1895), de Louis Lumière, a *O Sacrifício* (1986), de Andrei Tarkovski, passando por *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha, *As Obras-Primas do Cinema* (280 páginas, Editora Martins Fontes) vai se tornar um item importante na estante do cinéfilo exigente.

Fotos Ivan Carneiro/CIC

INTERVALO

MARIO VAN PEEBLES

O diretor de *New Jack City*



Warner

O que você acha da violência gerada com o lançamento do seu filme?
É como no futebol. Não há nada de violento nele. A platéia é que não é civilizada.

Você se identifica com os outros diretores negros?
Não somos um time de basquete. Somos muito diferentes entre nós, como Coppola, Scorsese e Lynch. Eles são brancos mas não são vistos como uma mesma pessoa.

Por que você escolheu o rapper Ice-T para o papel do policial?
Para dar credibilidade. Queria alguém que tivesse vivência de rua. Na vida real, Ice-T é contra as drogas e a violência das gangues.

Quais são seus filmes favoritos?
Os do meu pai, Melvin Van Peebles, *Orfeu Negro, Sindicato de Ladrões, Vidas Amargas, Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos, Atrás da Porta Verde...* Não, este é brincadeira.

Qual é seu próximo projeto?
Filmar uma love story com Jessica Tandy e eu. Adoro mulheres mais velhas (risos).

Lorena Calabria

COMO RESISTIR A UMA CAIXA DE BIS.

Stills

MALCOLM X

QUEM FAZ A COISA CERTA?

Setembro passado Spike Lee começou a rodar seu sexto filme: *Malcolm X*. Líder negro, assassinado há 26 anos, Malcolm é motivo, hoje, para acalorada discussão ideológica. O poeta e dramaturgo Amiri Bakara, ex-*beatnik*, porta-voz da Frente de Preservação do Legado de Malcolm X, reagiu contra o filme, antes mesmo do início da produção. Horrorizado com que o diretor pode fazer com a vida de Malcolm, Bakara põe lenha na fogueira quando afirma que "qualquer filme de Eddie Murphy é melhor que os de Lee". O diretor de *Febre da Selva*, irritado, revelou à revista *Newsweek* que a Cultura Negra não tem ministros oficiais. "Malcolm pertence a todos e todos têm o direito de dar a sua interpretação." Os críticos ao trabalho de Lee receiam, ainda, que Hollywood possa explorar aspectos criminosos da vida de Malcolm; ou que o diretor se atenha somente aos últimos anos do líder, quando adquiriu uma visão mais ortodoxa e religiosa do problema racial, comparada, às vezes erroneamente, à política de não-violência de Martin Luther King. Spike Lee, que convenceu a Warner a não dar a direção do filme ao canadense Norman Jewison, tem ainda o importante apoio da viúva de Malcolm X. Será assim tão tortuoso o caminho para se chegar à "coisa certa"?

- **Harrison Ford**
- **está em**
- **Londres para**
- **rodar *Patriot***
- ***Games*, que**
- **faz parte de**
- **seu contrato**
- **de três filmes**
- **com a**
- **Paramount.**
-
- ***Hellraiser III:***
- ***Hell on Earth***
- **será a nova**
- **saga de terror**
- **baseada nos**
- **personagens**
- **criados por**
- **Clive Barker.**

ZOOM ZOOM ZOOM

- Quando *Psicose* (1960) foi exibido para a MPAA (Motion Picture Association of America), três censores viram cenas de nudismo de Janet Leigh no chuveiro; dois deles não viram nada. O filme foi devolvido para Hitchcock efetuar os cortes. O diretor mandou a cópia de volta sem remover um único quadro. Na segunda exibição, os censores, com o espírito do dever cumprido, liberaram a cena.
- Na Suécia, *E.T. — O Extraterrestre* (1982) foi permitido apenas para crianças acima de 11 anos, porque apresentava "pais hostis aos próprios filhos".
- *O Mundo Mágico dos Muppets* (1979) foi censurado na Nova Zelândia por causa da "violência gratuita".
- Mickey Mouse foi proibido na Romênia, em 1935, porque "estava assustando as crianças".
- A censura mexicana cortou mais de meia hora do filme *Silkwood* (1983), porque a atriz Cher "representava uma lésbica".

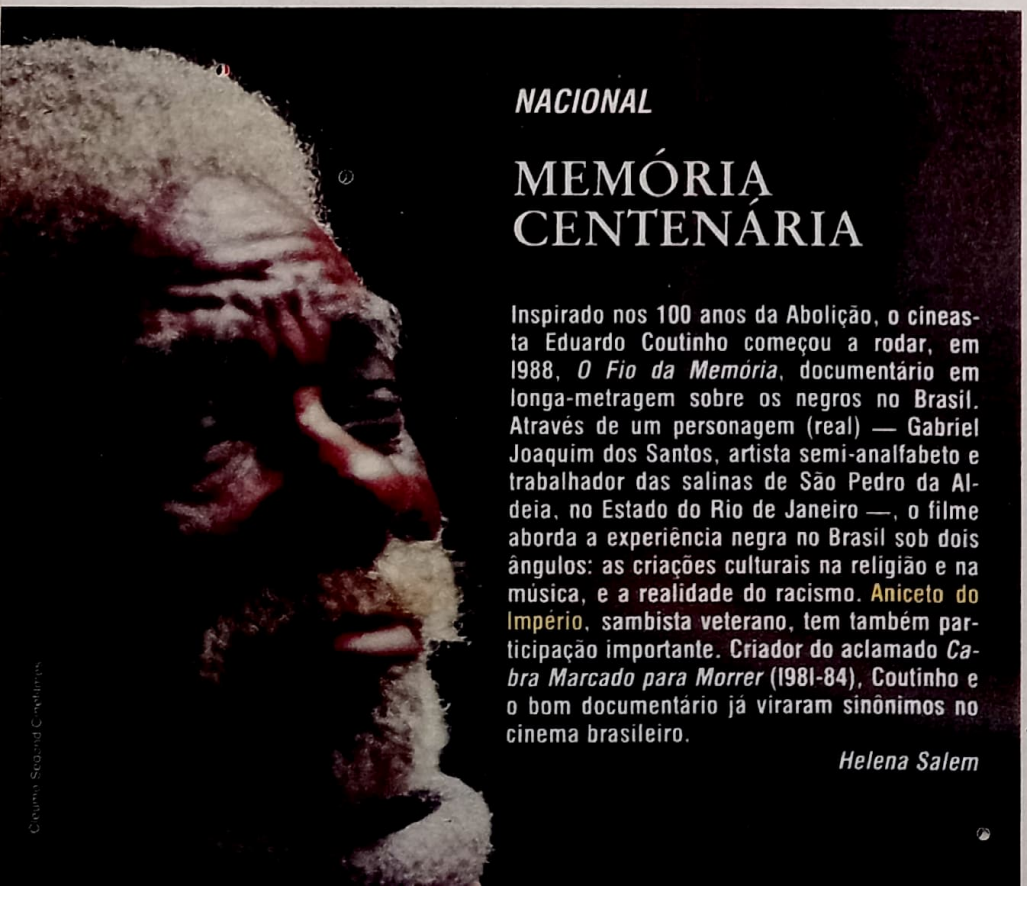
Sygma

John Clark Gable e seu parceiro Bad Jim

JÚNIOR

O AMIGO DO COWBOY

Não é à toa que **John Clark Gable** tem um nome desses. Ele é filho de Clark Gable e nasceu em 1960, três meses depois da morte do pai. *Bad Jim* é seu filme de estréia, um western no qual John e seus companheiros James Brolin e Richard Roundtree, acampados na planície, recebem a visita de um cavaleiro moribundo. Após a morte deste, o cavalo Bad Jim vai se tornar o melhor amigo de John.



Cinema Segredo Cinelândia

NACIONAL

MEMÓRIA CENTENÁRIA

Inspirado nos 100 anos da Abolição, o cineasta Eduardo Coutinho começou a rodar, em 1988, *O Fio da Memória*, documentário em longa-metragem sobre os negros no Brasil. Através de um personagem (real) — Gabriel Joaquim dos Santos, artista semi-analfabeto e trabalhador das salinas de São Pedro da Aldeia, no Estado do Rio de Janeiro —, o filme aborda a experiência negra no Brasil sob dois ângulos: as criações culturais na religião e na música, e a realidade do racismo. Aniceto do Império, sambista veterano, tem também participação importante. Criador do aclamado *Cabra Marcado para Morrer* (1981-84), Coutinho e o bom documentário já viraram sinônimos no cinema brasileiro.

Helena Salem

EM CARTAZ: O MUNDO!

Veja o que está chegando com o novo vídeo Panasonic:

- Reprodução de fitas em PAL-M, NTSC e PAL Europeu*
- Gravação também em NTSC, para edições com câmeras.
- Panasonic. Qualidade e prazer em vídeo.

*Reproduções em PAL Europeu são incompatíveis com alguns modelos de TV.

J48 BR

F66 BR

- Controle Remoto com Jog & Shuttle.
- Hi-Fi Stereo Sound System.

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

À venda na Zona Franca de Manaus

48ª MOSTRA INTERNACIONAL DE VENEZA

PARA ONDE VAI ESSA GÔNDOLA?

De 3 a 14 de setembro, os tradicionais gondoleiros da cidade de Veneza estiveram ocupados em transportar turistas muito especiais. Eram os participantes da 48ª Mostra Internacional, um evento que se revelou mais uma feira macarrônico-religiosa do que um festival descobridor de obras-primas. Aqui, um resumo dos principais acontecimentos.

● Aventuras submarinas: Luc Besson não perdeu o fôlego com seu *Imensidão Azul*. O diretor francês exibiu desta vez *Atlantis*, rodado inteiramente nas profundezas do oceano.

● Santo de casa: o filme *Lanterna Vermelha*, do diretor chinês Zhang Yimou, mesmo depois de ter levado o Leão de Prata, continua proibido na China.

● Casa de Irene: o *rendez-vous* veneziano exibiu 87 filmes de 20 países. O Brasil não foi representado.

● Dio come ti amo: havia convites promocionais para tudo. Desde a tradicional regata de gôndolas até uma missa na paróquia de Santo Antonio.

● Tintas em excesso: o diretor inglês Peter "cabeção" Greenaway agradou alguns e entediou outros com seus vícios de linguagem em *Prospero's Books*, mas se autodenominou um "pintor cinematográfico".

● Gay's Folie: o incansável militante Derek Jarman apresentou seu *Eduardo II*, a história do rei homossexual do século XIV. "A única história de amor do reinado da Inglaterra ao lado daquela da rainha Vitória e seu Alberto."

● Câmera lenta, borderô alto: *Anima Mundi*, o curta do diretor "nova era" Godfrey Reggio, exibido na abertura da Mostra, foi financiado, com intenções ecológigas, pelo joalheiro Paolo Bulgari: um milhão de dólares.

● Praça da alegria: a prefeitura de Veneza fechou a Praça San Marcos para a entrega dos prêmios, ponto turístico oficial da cidade. Milhares de turistas se acotovelaram pelas ruas próximas.

● Dama de copas: Glenn Close, que só aceitou ir a Veneza porque era carta marcada no prêmio de melhor atriz por *Meeting Venus*, acabou não levando nada. Inconformado, Paolo Ferrari, diretor da Warner na Itália, pegou a socos, por via das dúvidas, o diretor de operações da RAI Uno, Mario Maffucci.

OS PREMIADOS

LEÃO DE OURO: ***Urga***, **de Nikita Mikhalkov • GRANDE PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI:** ***A Divina Comédia***, **de Manoel de Oliveira • LEÃO DE PRATA:** ***A Lanterna Vermelha***, **de Zhang Yimou;** ***O Pescador de Ilusões***, **de Terry Gilliam;** ***Não Escuto Mais a Guitarra***, **de Philippe Garrel • COPA VOLPI — Melhor Ator: River Phoenix, em** ***My Own Private Idaho*** **• COPA VOLPI — Melhor Atriz: Tilda Swinton, em** ***Eduardo II*** **• OSELA DE OURO:** ***Mississipi Masala***, **de Mira Nair (argumento e roteiro);** ***Grito de Pedra***, **de Werner Herzog (pela dificuldade de realização);** ***Alemanha Nove Zero***, **de Jean-Luc Godard (banda sonora) • MEDALHA DE OURO DA PRESIDÊNCIA DO SENADO:** ***Alemanha Nove Zero*** **• LEÃO DE OURO ESPECIAL: Gian Maria Volonté**

VIDEOTECA

O QUE EU CURTO REVER

José Luiz Fagiolo

CARLA CAMURATI, 30 anos, atriz e diretora de curtas.
"Eu vejo e revejo ***Mary Poppins*** **(Abril Vídeo), de Robert Stevenson, ou os filmes do diretor alemão Reiner Fassbinder, como** ***Lola*** **(Poletel),** ***Lili Marlene*** **(F.J. Lucas) e** ***Querelle*** **(Poletel). Também adoro Woody Allen: assisto sempre** ***A Era do Rádio*** **(LK-Tel/Columbia) e** ***A Rosa Púrpura do Cairo*** **(Globo Vídeo). Tenho todos em casa."**

Gladstone Campos

ZIRALDO, 59 anos, escritor, cartunista e desenhista.
"Eu curto muito ver os filmes do grupo Monty Python, como ***A Vida de Brian*** **(VTI), de Terry Jones e** ***Monty Python em Busca do Cálice Sagrado*** **(VTI), de Jones e Terry Gilliam. Gosto também de** ***Um Peixe Chamado Wanda*** **(Vídeo Arte), de Charles Crichton; e dou nota dez para** ***Brazil, O Filme*** **(VTI), em que o diretor Gilliam conta a história de uma ditadura absurda. Mera coincidência?"**

Luizinho Coruja

CLÁUDIA MATARAZZO, 32 anos, cantora e apresentadora de TV.
"Eu não consigo deixar de ver, sempre, ***Bagdá Café*** **(América Vídeo), de Percy Adlon;** ***...E o Vento Levou*** **(Vídeo Arte), de Victor Fleming, eu vejo e revejo, sempre, sempre, sempre. O** ***Fitzcarraldo*** **(Transvídeo), de Werner Herzog, que é um filme lindo, também tem lugar na tela de casa; e** ***Esposamante*** **(Warner), de Marco Vicario, que dispensa apresentações."**

"Há certos assuntos na minha vida que não converso nem comigo mesma"
KATHARINE HEPBURN,
84 anos, que lança agora seu livro
Me: Stories of My Life

STANDARD

SE A SUA TV É DA ÉPOCA EM QUE O FRED NAMORAVA A

© 1975 Hanna-Barbera Productions, Inc.

WILMA, O SARGENTO GARCIA ERA CABO E O DIREITO DE NASCER NÃO ERA REGULAMENTADO, ESTÁ NA HORA DE CONHECER A NOVA LINHA PHILIPS.

© Zorro Productions Inc.

© Direitos Reservados Televisa.

PHILIPS 21, 20 E 14 P

AS NOVAS ATRAÇÕ

STANDARD

14 GL 1311

21 GR 7560

Caixas acústicas opcionais

PHILIPS

OLEGADAS.
ES DA TV.

20 GL 1341

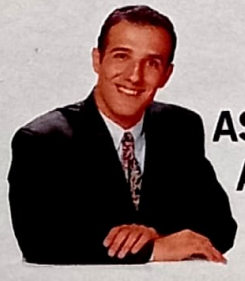
PHILIPS
Relações com o Consumidor
Dúvidas, críticas, escreva para caixa postal 360 CEP 07111 Guarulhos - SP

QUANDO VOCÊ LIGA A SUA TV, VOCÊ NÃO É INVADIDO POR UMA ESTRANHA SENSAÇÃO DE NOSTALGIA? SE É ASSIM QUE VOCÊ SE SENTE, É MELHOR IR CORRENDO COMPRAR UMA DAS NOVAS ATRAÇÕES DA PHILIPS. UM SHOW DE SOM E IMAGEM.

PHILIPS 21 STEREO SURROUND: É SÓ LIGAR PARA SE SENTIR TRANSPORTADO PARA DENTRO DA TELA. O SOM É STEREO SURROUND, PARA VOCÊ OUVIR O SOM MAIS PURO QUE UMA TV PODE TER. TELA PLANA, COM QUALIDADE DE IMAGEM SUPERIOR.

38 MEMÓRIAS PROGRAMÁVEIS E ENTRADA ÚNICA VHF/UHF. E O NOVO TUBO DARK, QUE ACENTUA MAIS O CONTRASTE DA IMAGEM. O CONTROLE REMOTO É UM DOS MAIS COMPLETOS: 41 FUNÇÕES.

PHILIPS 20 E 14: DUAS TVs COM UM BELO DESIGN. O CONTROLE REMOTO É FACÍLIMO DE OPERAR, COM 25 FUNÇÕES. OSD - ON SCREEN DISPLAY, QUE INDICA AS FUNÇÕES NA TELA. 38 MEMÓRIAS PROGRAMÁVEIS E ENTRADA ÚNICA VHF/UHF. E, PARA COMPLETAR, A PHILIPS 14 VEM COM O NOVO TUBO DARK. AGORA QUE VOCÊ JÁ FOI APRESENTADO À NOVA LINHA PHILIPS, CONHEÇA TAMBÉM O DISCOVERER, OS MODELOS LCD COM TELA DE CRISTAL LÍQUIDO E A LINHA DE VIDEOCASSETES. DEPOIS QUE VOCÊ COMPRAR UMA PHILIPS, VOCÊ VAI COMEÇAR A ACHAR QUE A SUA TV ANTIGA ERA BEM PARECIDA COM A DOS FLINTSTONES.



PHILIPS.
AS GRANDES ATRAÇÕES DA TV.

PHILIPS

PHILIPS

PROGRAMA

4 TAKES
16 ELVIS NO CINEMA
Prisioneiro do Rock
Na tela, de fato, ele não morreu
20 VIDEOLANÇAMENTOS
A Noviça Rebelde
Sei lá, mil coisas!
Os "noviceiros" revelam o segredo de sua paixão
24 OUTROS LANÇAMENTOS
36 PERFIL
Annette Bening
A Mulher Esconde a Mulher
38 O PESCADOR DE ILUSÕES
Anjos da Sarjeta
Uma história de mendigos pode levar o Oscar
Entrevista exclusiva com Terry Gilliam, Robin Williams e Jeff Bridges
42 NOVOS FILMES
***Uma Segunda Chance, Unidos pelo Sangue, Encontro com Vênus, Homicídio, Objeto do Desejo* e outros**
48 BARTON FINK
Hollywood segundo os irmãos Coen
50 WALT DISNEY
Sr. Cartoon
90 anos de nascimento do mestre
52 YOUNG HOLLYWOOD
Carne Nova no Pedaço
12 baby faces que despontam

56 MEMÓRIA
Hammer — Fábrica de Horrores
Quando Drácula atacou menininhas de minissaia
60 EQUIPAMENTOS
Viagem Auditiva
Tudo o que você pode fazer com o estéreo
63 LIVROS
Futrica das Boas
As biografias de Woody Allen e Jack Nicholson
Toda a história marxista
Groucho por ele mesmo
64 CARTAS
66 NOSTALGIA

Na capa: Robin Williams e Jeff Bridges em *O Pescador de Ilusões* (Columbia Tri-Star), Harrison Ford e Annette Bening em *Uma Segunda Chance* (UIP), *Dança com Lobos* (Warner) e Elvis Presley (Paramount)

Prisioneiro do Rock

Ilustração Renata Soares

Elvis Presley não foi um grande ator, mas levava as garotas à loucura com seu gingado frenético. Na verdade, queria ser James Dean

Elvis Presley (1935-1977) viveu como uma paródia de história de sucesso. Aos 19 anos jogou a cultura popular no delírio conhecido como Era do Rock. Vendeu milhões de discos, inspirou milhares de imitadores, apareceu em 33 filmes, comprou dúzias de carros, atirou em inúmeros aparelhos de televisão, casou, divorciou, namorou misses e atrizes, isolou-se em sua mansão, drogou-se até inchar, e, aos 42 anos, comprovou que nada mata tão eficazmente os heróis da cultura da América quanto o sucesso. Elvis se destruiu como se estivesse cumprindo um cronograma, vendendo mais discos após sua morte do que durante a vida, e transformando seus filmes em bem-sucedidos vídeos.

Ele queria ser James Dean, que teve seu primeiro filme, *Vidas Amargas*, lançado em abril de 1955, quando a carreira de Elvis tomava rumo. "Ele sabia que eu era amigo de Jimmy", disse uma vez Nicholas Ray, diretor de *Juventude Transviada*. "Então ele se ajoelhou diante de mim e começou a recitar páginas inteiras do script. Elvis devia ter visto *Juventude* uma dúzia de vezes e lembrava cada frase de Jimmy."

MAL-AJAMBRADO — Elvis conseguiu ser comparado a Marlon Brando, em 1956, quando filmava *Ama-me com Ternura*, mas não da forma que gostaria. A Associação dos Alfaiates da América considerou os dois as pessoas que pior se vestiam nos EUA.

Seu primeiro filme ocorreu com oportunismo. A Paramount perdeu tempo para acertar o cachê da transformação do cantor em ator e, ao concluir o acordo, não tinha o fundamental, um script para a estréia. A Fox, mais esperta, tinha. Enquanto os burocratas da Paramount inventavam um roteiro, Elvis estreava um western originalmente chamado *The Reno Brothers*, rebatizado para faturar em cima de seu hit do momento, "Love Me Tender". A crítica odiou. As adolescentes amaram. E *Ama-me com Ternura* se converteu numa das maiores bilheterias dos anos 50.

O produtor Hal Wallis, da Paramount, pensou em Elvis para o papel de James Dean num filme sobre o ator, e em escalá-lo, em outra produção, como par romântico de Shirley MacLaine, mas acabou percebendo, com o sucesso de *A Mulher que Eu Amo*, a fita seguinte, o quanto poderia lucrar com filmes sob medida para sua limitada capacidade dramática e grande talento de *entertainer*. O que menos importava era a história. Elvis era sempre um cantor às voltas com garotas, garotas e mais garotas.

O filme definitivo do subgênero em que se transformariam os filmes de Elvis foi *Prisioneiro do Rock*, dirigido por Richard Thorpe em 1957, com canções compostas pela dupla Jerry Leiber e Mike Stoller, e uma abertura considerada o pináculo da coreografia do rock. A história do delinqüente que sai da prisão para se tornar cantor rockabilly rendeu o desempenho cinematográfico mais lembrado do cantor, ao balanço da famosa canção "Jailhouse Rock", do título original, a mais selvagem das músicas gravadas em um de seus filmes. É memorável a cena em que uma mulher nos seus 40 anos ques-

OS FILMES FAVORITOS DE ELVIS

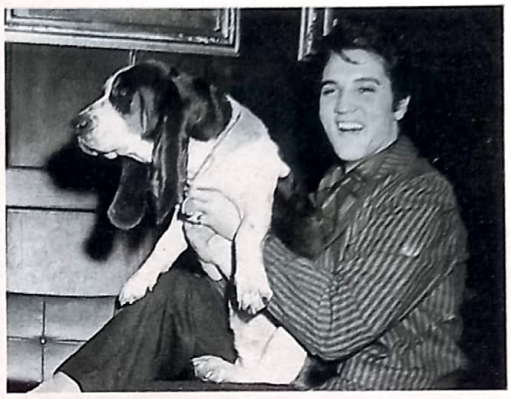
(FONTE: Première, agosto 1991)

1 - *DR. FANTÁSTICO — Dr. Strangelove: or How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb*, de Stanley Kubrick, 1964
2 - *O PODEROSO CHEFÃO — The Godfather*, de Francis Ford Coppola, 1972
3 - *A FELICIDADE NÃO SE COMPRA — It's a Wonderful Life*, de Frank Capra, 1946
4 - *MONTY PYTHON E O CÁLICE SAGRADO — Monty Python and the Holy Grail*, de Terry Gilliam e Terry Jones, 1974
5 - *PATTON, REBELDE OU HERÓI? — Patton*, de Franklin J. Schaffner, 1970
6 - *A VOLTA DA PANTERA COR-DE-ROSA — The Return of the Pink Panther*, de Blake Edwards, 1975
7 - *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES — Wuthering Heights*, de William Wyler, 1939

Fotos Alvorada

Elvis em 61 no filme *Feitiço Havaiano* e em *Saudades de um Pracinha* (60), no destaque

Em 1954, com seu basset hound Sherlock



AP

tiona Elvis sobre o jazz moderno: "Você é um músico. Qual é a sua opinião?" "Dona, eu não sei que diabos você está falando", a resposta imortal.

Balada Sangrenta, o quarto filme, dirigido por Michael Curtiz, de *Casablanca* e *As Aventuras de Robin Hood*, foi o mais próximo de James Dean que Elvis conseguiu chegar. Ele é um delinqüente com problemas existenciais, metido em brigas de canivetes em becos escuros e caçado por gangsters nas ruas menos turísticas de uma New Orleans estilizada.

PRACINHA ROMÂNTICO — Como na música, os melhores filmes de Elvis foram registrados antes dele prestar serviço militar na Alemanha Ocidental, onde ficou, sem gravar e filmar, de 1958 a 1960. A passagem pelo Exército foi o tema escolhido por Wallis para o retorno do cantor às telas. *Saudades de um Pracinha*, dirigido por Norman Taurog, responsável por boa parte dos filmes turísticos que marcariam a filmografia de Elvis nos anos 60, era uma comédia romântica sem o *appeal* juvenil dos filmes anteriores. Se não fosse pelo rock, o papel de galã uniformizado poderia ser interpretado por Frank Sinatra — aliás,

FILMES QUE PRESLEY PODERIA TER FEITO, MAS NÃO FEZ

Elvis foi "pensado" para fazer os filmes ao lado. Mas, por uma razão ou outra, não pegou o papel. Muitas vezes, foi seu próprio agente que declinou do convite. Veja também quem agarrou o personagem

(FONTE: Première)

- *THE DEFIANT ONES* (Tony Curtis)
- *PERDIDOS NA NOITE* (Jon Voight)
- *THE RAINMAKER* (Earl Holliman)
- *NASCE UMA ESTRELA* (Chris Christopherson)
- *SWEET BIRD OF YOUTH* (Paul Newman)
- *YOUR CHEATIN' HEART* (George Hamilton-Hank Williams)
- *AMOR SUBLIME AMOR* (Richard Beymer)

o interesse romântico de Elvis no filme, Juliet Prowse, era, na época, namorada de Sinatra. A cena clássica ocorre num bar em que Elvis e seus companheiros de caserna apresentam suas canções e são interrompidos por um soldado que decide ouvir "Blue Suede Shoes", por Elvis Presley, no *jukebox*, o que provoca uma briga entre os fãs do velho e do novo cantor.

No mesmo ano, Elvis estrelou seu melhor filme dramático, *Estrela de Fogo*, de Don Siegel, diretor de *Vampiros de Almas* e *Dirty Harry*. O papel havia sido escrito para Marlon Brando. A história do mestiço Kiowa, que tenta acabar com o derramamento de sangue indígena, foi interpretada com absoluta convicção. Mas os planos de Hal Wallis não incluíam drama. Assim, Elvis passou o resto dos anos 60 em ambientes glamourosos, cercado de garotas em biquínis, shorts, suéteres apertados, minissaias, filme após filme, enquadrado entre curvas femininas.

Eram tantas garotas que os papéis nem sequer chegavam a ter nomes. Raquel Welch, por exemplo, debutou em *Roustabout — Parque das Ilusões*, no papel de Garota Universitária. Os roteiros seguiam sempre a mesma fórmula. Usualmente, uma atriz mais velha — como Carolyn Jones, Lola Albright e Hope Lange, que era apenas um ano mais velha que Elvis — disputava e perdia o amor do cantor. O romance nem sempre acabava na tela. Muitas atrizes, como Ann-Margret e Ursula Andress, foram além da ação dos scripts.

A repetição levou ao esgotamento. Elvis deixou Hollywood em 1968, dedicando-se a documentários de seus shows. Mas nem a morte foi capaz de tirá-lo da tela. Atrizes ainda contracenam com seu fantasma, como em *Mistery Train*, de Jim Jarmusch. Elvis pode não ter sido bom ator, mas virou bom personagem. É o fantasma do rock.

Marcel Plasse

Associated Press

Raspando o topete em março de 1958, já no exército. As meninas choram

SET

AS PERFORMANCES DE ELVIS EM OITO VERSÕES

SAUDADES DE UM PRACINHA
(G.I. Blues, EUA, 1960) Direção: Norman Taurog. Com Juliet Prowse. Alvorada.
Parcialmente rodado na Alemanha ao final do serviço militar de Elvis, é o único filme em que ele aparece sem costeletas. Destaques musicais: "Wooden Heart" e a música-título.

BALADA SANGRENTA
(King Creole, EUA, 1958) Direção: Michael Curtiz. Com Carolyn Jones, Walter Matthau, Vic Morrow. Alvorada.
Um Elvis sem causa briga com Morrow (rebelde clássico dos anos 50), envolve-se com a amante de um gângster e não consegue conquistar o afeto de seu pai. A trilha traz a ótima canção "Trouble".

FEITIÇO HAVAIANO
(Blue Hawaii, EUA, 1961) Direção: Norman Taurog. Com Angela Lansbury, Joan Blackman. Alvorada.
Depois de Sandra Dee ir à praia no filme *Gidget* (1959), foi a vez de Elvis subir numa prancha de surf. O filme é o primeiro musical descerebrado do cantor. Na trilha, a romântica "Can't Help Falling in Love".

GAROTAS, GAROTAS E MAIS GAROTAS
(Girls! Girls! Girls!, EUA, 1962) Direção: Norman Taurog. Com Stella Stevens, Laurel Goodwin. Alvorada.
O pobre mas honesto Elvis trabalha de sol a sol num barco de pesca e, de lua a lua, como cantor de um night-club e as canções trazem ao menos um clássico, "Return to Sender".

NO PARAÍSO DO HAVAÍ
(Paradise, Hawaiian Style, EUA, 1966) Direção: Michael Moore. Com Suzanna Leigh. Alvorada.
Wahinis, wahinis e mais wahinis. Elvis se vê cercado de garotas em seu retorno ao Havaí, mas prefere vê-las à distância. A trilha temática inclui bobagens como "Queenie Washine's Papaya".

FOLIAS EM ACAPULCO
(Fun in Acapulco, EUA, 1963) Direção: Richard Thorpe. Com Ursula Andress, Alejandro Rey. Alvorada.
O mais trash do pacote traz Elvis cantando e trabalhando como salva-vidas num hotel de luxo em Acapulco. As canções também fazem a linha débil, vide "No Room to Rhumba in a Sportcar".

ALOHA FROM HAWAII
(EUA, 1973) Direção: Marty Pasetta. J.R. Vídeo.
A primeira transmissão via satélite do planeta. Um milhão e meio de telespectadores. Pela primeira vez, Elvis, que tanto filmou em território havaiano, apresentava-se nas ilhas.

ELVIS — VIDA E MÚSICA
ELVIS — O ÍDOLO NOS PALCOS
Abril Vídeo.
Os dois documentários caberiam numa única fita definitiva (somados duram 104 minutos). Entre as imagens, a famosa participação no programa de Ed Sullivan, em que Elvis só pôde ser filmado da cintura para cima, e uma canção de seu último show, dias antes de morrer. Lição de história que não se aprende na escola.

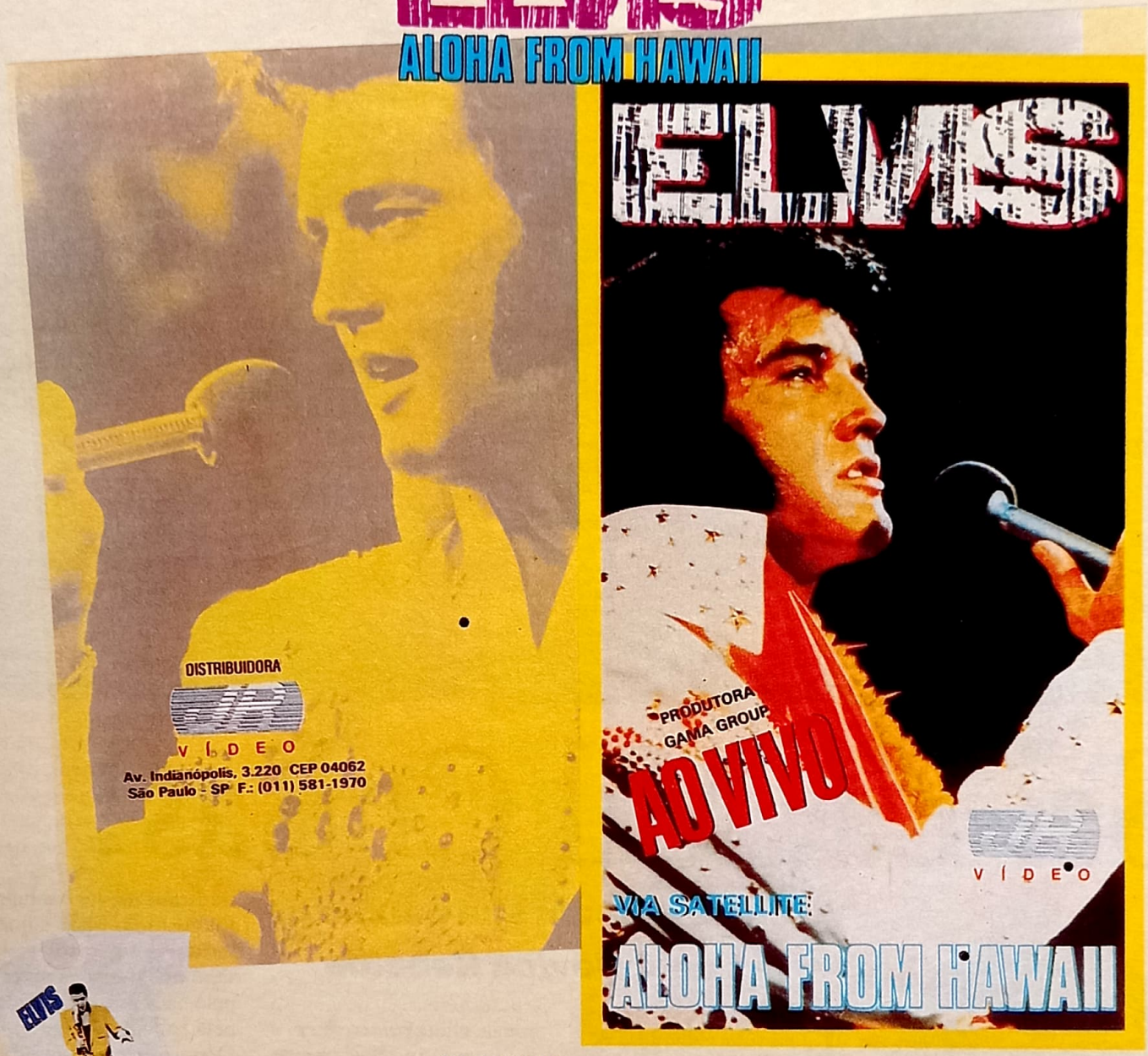
14 de Janeiro de 1973. Precisamente a 30 minutos da madrugada de domingo o mundo (1 bilhão e meio de pessoas) assiste via-satélite um grandioso show de rock, que se tornaria um marco na brilhante carreira do superstar Elvis Presley.

REVISTA BIZZ APRESENTA

ELVIS
ALOHA FROM HAWAII

ELVIS ALOHA FROM HAWAII Via-Satélite é um show imperdível, não só por seu sentido histórico e revolucionário, mas acima de tudo por ser um concerto de rock, fulminante e romântico.

*Condensado do livro "Elvis Mito e Reaiidade" de Mauricio Camargo Brito.



Legítima NEW ROCK -
Rua Capote Valente, 242
CEP 05409 - São Paulo - SP
ligue -280-2952

APOIO CULTURAL

Town & Country Surf Designs

BlowOn

NEW ROCK

GANG Instrumentos Musicais

TATTOO YOU

PEDIDO

Preço Unitário: Cr$ 17.200,00 com IPI incluso: ☐ fita(s) - "Elvis Aloha From Hawaii"

CAMISETA ELVIS Cr$ 6.000,00 ☐ camiseta "ELVIS" Promocional Tam. P. ☐ Tam G. ☐

Na compra de 2 fitas, 5% de desconto + uma coleção de adesivos Adhesive You;

Na compra de 3 fitas, 5% de desconto + uma camiseta "Elvis".

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DISQUE (011) 581-1970

LEIA ATENTAMENTE TODAS AS INSTRUÇÕES

SEM 53

Endereçar o seu pedido à MARCHEL RIVANDA VÍDEO, Av. Indianópolis, 3.220 CEP 04062 - São Paulo - SP

Enviar juntamente com o pedido, cheque nominal e cruzado à MARCHEL RIVANDA VÍDEO no valor total da compra

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CIDADE _____

ESTADO _____ CEP _____ F: _____

Sei Lá, Mil Coisas!

Assim explicam sua paixão os fãs de *A Noviça Rebelde*

Stills

Eles assistiram o filme nos cinemas, na época do lançamento (1965), assistiram quando foi exibido na TV e estão doidinhos para que ele chegue às locadoras para poderem assistir uma outra vez. Eles são os "cult fãs" de *A Noviça Rebelde*, assumidíssimos, e nem dão bola para as gozações dos mais empolados.

Perguntados sobre a razão de tal paixão, são dispersivos, retóricos. "Sei lá, o filme é lindo, e tem aquele clima *climb every mountain*, tipo "vença suas dificuldades que é incrível", arrisca a atriz Maria Padilha, a Karen da novela *O Dono do Mundo*. Já o administrador de empresas Laércio De Holanda Cardoso Jr., depois de ter assistido mais de dez vezes o seu cult movie, diz que tem duas razões para pertencer à associação pró-*A Noviça Rebelde* (se ela existisse, é claro): "Primeiro tem o valor histórico, minha tradição, minha bandeira. Eu gosto do filme e queria ser um dos garotos, jogar sapo nos outros, correr pelo campo, ser cuidado pela Julie Andrews. Depois, ficou a sensação boa que eu recupero cada vez que assisto o filme".

Otimismo em clima de contos de fadas, boa produção, bons atores, a irresistível Julie Andrews, a regeneração do carrancudo barão Von Trapp (Plummer) pelo amor, o arquiinimigo nazista vencido, todas são respostas possíveis para esses fãs incorrigíveis, que se multiplicam pelo mundo, e que

desenvolveram uma relação afetiva com *A Noviça Rebelde*. E ai de quem tirar sarro, ou fizer piada: eles vão merecer apenas a mais sincera indiferença como resposta.

CHINELO VELHO — "Meus amigos vivem fazendo piada quando descobrem que eu vi o filme umas quinze vezes", ironiza Paula Cavalcanti, diretora de produção da TVA (TV por Assinatura). Isso é fato, mas ela nem liga e diz que começou a gostar de *A Noviça* quando estava na adolescência, idade impressionável, principalmente pelo romantismo. "Hoje em dia, quando me lembro dele, ponho o disco e canto junto, sei as músicas de cor, tenho até um quadro com a abertura do filme pendurado em casa. É que nem chinelo velho: depois que você amacia, não dá mais vontade de parar de usar."

A atriz Maria Padilha acha que não tem distanciamento crítico para analisar o filme. "Eu adoro, me emociona, é prazeroso de assistir." Depois de ver Caetano Veloso cantar em um show, no início dos anos 80, "Sound of Music", e elogiá-lo, a atriz perdeu qualquer preconceito. "Se o Caetano, que é um homem tão inteligente, gosta..."

A história desses "cult fãs" curiosamente repete a própria história do filme. Afinal, a metamorfose musical, baseada em fatos reais, de uma noviça humilde e ingênua que bateu asas e voou como a baronesa Maria Von Trapp, conquistou um milionário nobre, o coração de seus filhos e o ajudou a se livrar da perseguição dos nazistas, fez tanto sucesso que surpreendeu a crítica, e até hoje consta como um dos filmes de maior bilheteria de todos os tempos.

Enquanto as filas nos cinemas aumentavam, a crítica se desmanchava em análises frias, deplorando sobretudo o fato de o filme ter sido feito exatamente para agradar, e nada mais do que isso. Nem os cinco Oscar — de melhor filme, direção, trilha sonora adaptada, montagem e som — fizeram os críticos mudar de idéia. A graduanda em Filosofia Thaís Helena de Souza Juarez acha mesmo que é impossível falar mal da obra. "Podem não gostar do gênero, dos artistas, mas a história é feita para a gente gostar. Tudo é perfeito, tudo dá certo, as músicas são lindas, e o fato de ter sido baseado numa história real impressiona ainda mais."

Alguns, como Laércio Jr., cavaram a refinada oportunidade de visitar a cidade de Salzburgo, na Áustria (onde *Noviça...* foi rodado), e visitar o castelo do barão Von Trapp, a igreja onde Maria se casou, o lugar onde as freiras ficavam. "Eu cantarolei as músicas o dia inteiro, para o desprazer do meu amigo, que estava comigo e detesta o filme", diz Laércio. Ele e Paula têm outra coisa em comum, além de serem fãs: os dois descobriram a "pink lemonade", limonada cor-de-rosa que as crianças bebem em uma das cenas do filme, e se divertiram tomando o mesmo suco que elas.

A projeção nos personagens, a catarse com a história podem explicar a paixão desses fãs. Como diz Padilha: "O filme não envelheceu. Primeiro eu me identificava com a caçulinha que machuca o dedo numa das cenas. Depois fui passando por todas as crianças. Hoje me identifico mais com Julie, e um dia acho que vou gostar da madre superiora".

Mas talvez a resposta seja mesmo simples e tenha sido dada pelo maior responsável pelo sucesso e pela geração de fãs de *A Noviça Rebelde*, o diretor Robert Wise: "Eu queria fazer o filme, apesar das dificuldades (locação, outro diretor havia sido escolhido etc.). Era basicamente uma boa, calorosa e humana história que eu sabia poder captar e transmitir, movendo grandes audiências para os cinemas. E havia também as boas canções da dupla Richard Rodgers e Oscar Hammerstein". Quem ousaria discordar?

Fátima Gigliotti

Fox

O clima alto-astral e as belas músicas compõem uma história que não envelhece

Fox

FAMÍLIA BONITINHA

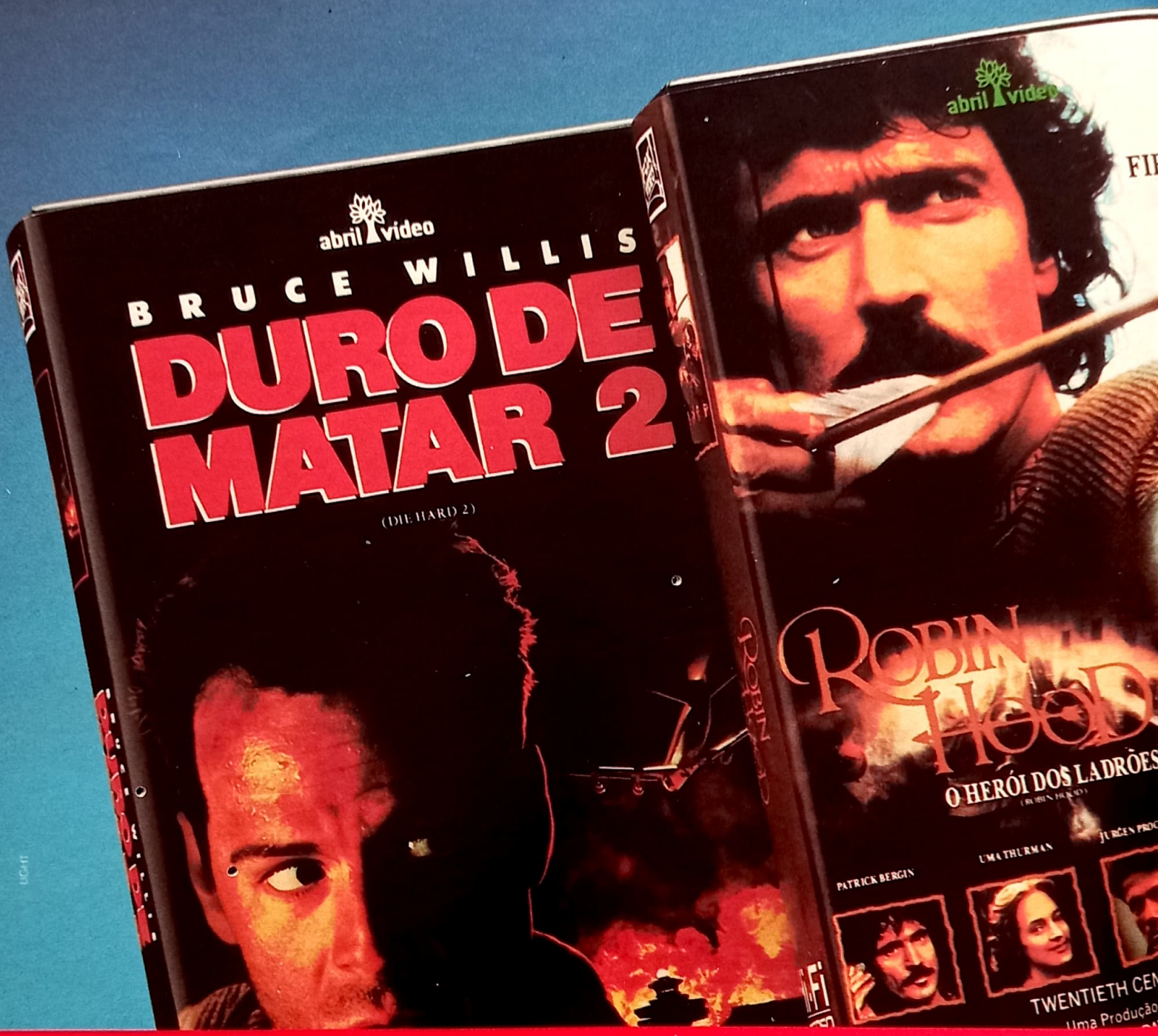
Só uma vez na vida a gente tem dez anos e se vê no escurinho do cinema, hipnotizado pela imagem em Panavision, na qual Julie Andrews toda lourinha, rosadinha e bonitinha canta a plenos pulmões — no meio daquela deslumbrante paisagem austríaca — que "as colinas criam vida ao som da música!". Como resistir a esse conto de fadas que é A Noviça Rebelde? *Temos uma princesa romântica, a noviça Maria (Julie); o príncipe encantado, barão Von Trapp (Plummer); um bando de fadas (Peggy e outras freiras do convento); sete anões (os filhos do barão); uma bruxa malvada (Eleanor); e um punhado de demônios nazistas. Tudo embalado pelas canções de Rodgers & Hammerstein que a gente conhece desde sempre.*

A Noviça *foi o último musical mágico saído dos estúdios de Hollywood. Depois dele, só o cinismo dos anos 70 e os efeitos especiais dos 80. Portanto, é um consolo saber que depois de ver o "Exterminador" quebrando pernas e braços com sua metralhadora, a gente sempre pode voltar para casa e ver a família Von Trapp cantando "Dó, um dia / um lindo dia..."*

Mario Mendes

A NOVIÇA REBELDE
(The Sound of Music, EUA, 1965) Direção: Robert Wise. Com Julie Andrews, Christopher Plummer, Richard Haydin, Eleanor Parker, Peggy Wood, Anna Lee. Abril Vídeo.

A Abril Video É A Primeira A Fazer 3 Megalançamentos No Mesmo Mês.



DURO DE MATAR 2 Você vai concordar. Só existe um filme mais emocionante do que Duro de Matar: Duro de Matar 2. **ROBIN HOOD, O HERÓI DOS LADRÕES** A mais fiel versão da lenda de Robin Hood, com Patrick Bergin (Dormindo

AGORA DÁ PARA VOCÊ SABENDO O Q

FOX VIDEO

com o Inimigo) e Uma Thurman (Henry e June). Um filme de John Irvin. **ESQUECERAM DE MIM** Leve e descubra como um garoto que foi esquecido em casa se tornou um dos maiores fenômenos de bilheteria da história do cinema.

ENTRAR NA LOCADORA UE VAI PEGAR.

abril video

INFANTIL

A MENINA E O PÔNEI ★★
(Me and Mamma Mia, Dinamarca, 1989) Direção: Erik Clausen. Com Michael Falch, Leif Petersen. Look.
O filme recebeu Menção Especial do Festival Infantil de Berlim, em 1990. Menina que mora num apartamento ganha um pônei e sonha com o mito de Pégasus. Dublado.

PEQUENOS MAGOS ★★★
(Little Wizards, EUA, 1990) Direção: Ray Lee. Desenho. Transvídeo.
Durante a procura por espada mágica, príncipe enfrenta feiticeiro com a ajuda de um velho mago. Dublado.

SPACE CHASE ★★
(EUA, 1989) Direção: Nick Kimas. Com Barry Hickey, Traci Hart. Vic.
Ficção para crianças sobre cientista que é raptado ao descobrir fórmula de reaproveitamento energético num futuro em que a raça humana está em extinção. Dublado.

CAPITÃO AMÉRICA ★★
(Captain America, EUA, 1966) Desenho. Jovem Pan Home Video.
Três animações da clássica telessérie da Marvel: *O Espadachim, A Volta ao Passado* e *O Caminho para a Destruição*. O Capitão América age com o seu grupo de vingadores.

DRAMA

O OURO DE ABRAÃO ★★
(Abraham's Gold, Alemanha, 1990) Direção: Jorg Graser. Com Hanna Schygulla, Gunther-Maria Halmer, Robert Dietl. Look.
Exibido na Quinzena dos Realizadores em Cannes-90, o filme é sobre neta que descobre tudo sobre o passado nazista do avô.

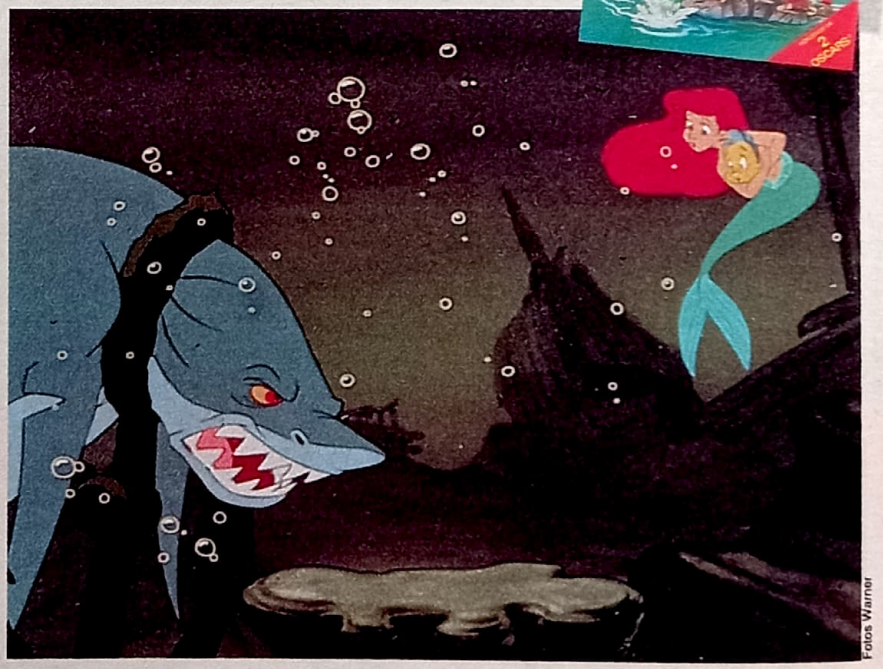
OS BEATNIKS ★★★
(Heart Beat, EUA, 1980) Direção: John Byrum. Com Nick Nolte, Sissy Spacek, John Heard, Ray Sharkey. Carat.

ANIMAÇÃO

A PEQUENA SEREIA ★★★★

(The Little Mermaid, EUA, 1989)
Direção: John Musker e Ron Clements.
Abril Vídeo.

A Pequena Sereia retoma a fórmula dos mais belos desenhos animados: combina clássicos da literatura infantil com a estética Disney. O conto, um dos mais famosos de Andersen, trata, fundamentalmente, da incomunicabilidade e da importância do falar para se fazer conhecer. É a história de uma sereia que, apaixonada pela beleza da superfície e por um príncipe que ela salva de um naufrágio, decide abandonar o pai, as irmãs e seu reino marinho. Vendendo a própria voz (o principal atributo de sedução de uma sereia) à bruxa, ganha pernas e, com elas, o direito de viver na superfície. Muda, ela não é reconhecida pelo príncipe nem pode contar-lhe que é ela a moça que o salvou e por quem ele se apaixonou.
O final do conto, com a transformação da sereiazinha em espuma, sem realizar o sonho de viver feliz para sempre ao lado de seu príncipe, cristaliza a idéia de que é impossível passar de um mundo a outro e de que não se pode superar a própria condição.
O desenho não é fiel a esse final. Numa surpreendente revisão do conteúdo moral do conto — utilizando o recurso do beijo redentor, como em *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida* —, rompem-se as impossibilidades, renovam-se costumes, democratizam-se espaços, revelando-se uma saída para o conflito mar/terra, para o triângulo pai/filha/namorado. Talvez o conto de Andersen mexa mais profundamente com a cabeça dos leitores, mas, sem dúvida, o final feliz dos estúdios Disney dá a ele um ar de atualidade e verossimilhança.
A Pequena Sereia ganhou os Oscar de trilha sonora e canção. Recebeu também uma versão para videogame. *Thais H.S. Juarez*



Fotos Warner

A Pequena Sereia **retoma a fórmula Disney de grandes espetáculos**

Ficcionalização em torno da forte amizade que uniu o escritor Jack Kerouac ao casal Carolyn e Neal Cassady.

EM ROMA, NA PRIMAVERA ★★★
(The Roman Spring of Mrs. Stone, EUA, 1961) Direção: Jose Quintero. Com Vivien Leigh, Warren Beatty, Lotte Lenya. Warner.
Atriz de meia-idade tira férias em Roma e se envolve com um galante gigolô italiano, do tipo que tira vantagem em tudo. Baseado em texto de Tennessee Williams.

FERIMENTO A BALA ★★
(Wundkanal/ Gunwound, Alemanha, 1984) Direção: Thomas Harlan. Com Alfred Filbert, Robert Kramer, Rolf Niffuag. América.
Drama sobre homem sendo interrogado, em *off*, a respeito de seus crimes nazistas e de seu envolvimento na morte recente de terrorista.

O PODEROSO CHEFÃO III ★★★
(The Godfather Part III, EUA, 1990) Direção: Francis Coppola. Com Al Pacino, Andy Garcia, Diane Keaton. CIC.
A família Corleone tenta limpar o seu passado e se aproxima do Vaticano. Mas, quando sua hegemonia é ameaçada, não mede esforços para salvar a tradição.

MOMENTO DE DECISÃO ★★
(The Turning Point, EUA, 1977) Direção: Herbert Ross. Com Anne Bancroft, Shirley MacLaine, Mikhail Baryshnikov, Tom Skerritt. Abril Vídeo.
Duas amigas se reencontram após muito tempo: uma é hoje estrela do balé clássico, a outra, uma dona de casa professora de dança, cuja filha quer ser *prima ballerina*.

WESTERN

DANÇA COM LOBOS ★★★

(Dance with Wolves, EUA, 1990) Direção: Kevin Costner. Com Kevin Costner, Mary McDonnell, Graham Greene, Rodney A. Grant. Abril Vídeo.

Feito um mágico, Kevin Costner tirou da cartola, em sua primeira vez atrás das câmeras, a reencarnação do western clássico e realizou a grandiosa produção *Dança com Lobos*. Com pouco dinheiro — 17,5 milhões de dólares, para um filme com mais de três horas — e abdicando de seu cachê de ator, Costner se utilizou de centenas de figurantes, espalhados em pradarias sem fim, milhares de búfalos, recriou com perfeição uma vila Sioux e seu modo de vida. Tudo isso para mostrar sua visão da "conquista do oeste" americano e provar que os livros de História não fizeram justiça à raça indígena.

Se o filme tinha vários motivos para não agradar ao grande público (além do tempo de duração, a maior parte é falada na língua lakota), logo de cara agradou a Academia e a seus críticos sisudos e recebeu sete dos doze Oscar a que foi indicado. E não é só isso: em 45 semanas de exibição nos EUA arrecadou 184 milhões de dólares e em quatro semanas nas locadoras foi assistido por 122 mil pessoas. No Brasil, o sucesso se repete: de seu lançamento até a segunda quinzena de setembro levou 3 milhões e 100 mil pessoas às salas de cinema. E para sorte dos brasileiros, a cópia que chega agora em vídeo é a mesma do cinema (ao contrário dos EUA, onde a Orion lançou uma versão editada pelo próprio produtor, Jim Wilson). Só resta uma dúvida: será que o filme consegue manter o impacto, a amplidão e a beleza cinematográficas idealizadas por seu criador no espaço reduzido da tela de TV?

Deborah Peleias

Fotos Warner

Com pouco dinheiro e muita imaginação, Costner revisa a História e faz justiça aos índios

CORAÇÃO DE LUTO ★★
(Brasil, 1967) Direção: Eduardo Llorente. Com Teixeirinha, Mary Teresinha. Reserva Especial.
Garoto órfão cai na estrada, torna-se cantor de sucesso e reencontra os meio-irmãos que o desprezaram. Em preto-e-branco.

HAVANA ★★★
(EUA, 1990) Direção: Sydney Pollack. Com Robert Redford, Lena Olin. CIC.
Jogador americano inveterado e revolucionária cubana mantêm romance conturbado às vésperas da ascensão de Fidel Castro.

UM ASSUNTO DE MULHERES ★★★
(Une Affaire de Femmes, França, 1988) Direção: Claude Chabrol. Com Isabelle Huppert, François Cluzet. Abril Vídeo.
Para sobreviver sem o marido durante a Segunda Guerra, mãe de família começa a praticar abortos para ganhar dinheiro.

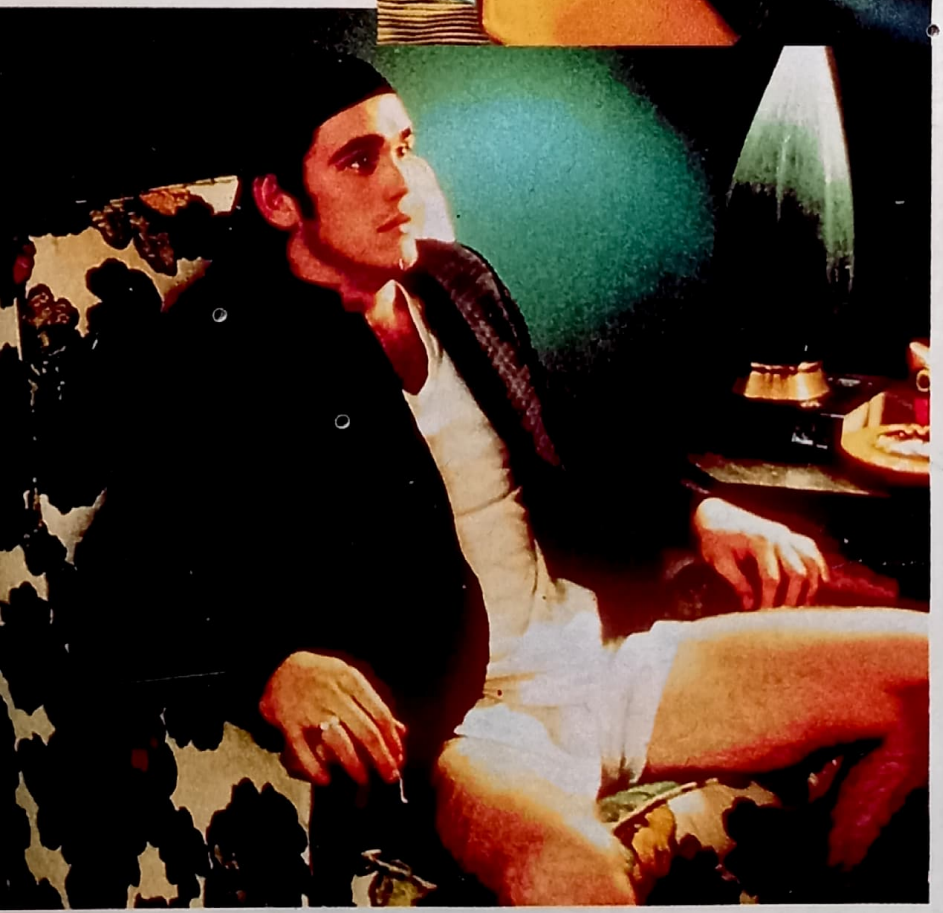
O PREÇO DA GLÓRIA ★★
(The Queen of Mean, EUA, 1989) Direção: Richard Michaels. Com Suzanne Pleshette, Lloyd Bridges. Carat.
Homem rico e velho se divorcia para se casar com bela e muito ambiciosa jovem.

A VIDA E NADA MAIS ★★
(La Vie et Rien d'Autre, França, 1989) Direção: Bertrand Tavernier. Com Philippe Noiret, Sabine Azema. Abril Vídeo.
Duas mulheres, de classes sociais diferentes, procuram pelo marido desaparecido após a Primeira Guerra.

GRITOS DE REVOLTA ★★
(Miles from Home, EUA, 1988) Direção: Gary Sinise. Com Richard Gere, Kevin Anderson, John Malkovich. Alvorada.
Dois irmãos herdam fazenda falida do pai. Queimam tudo e põem os pés na estrada.

MISSÃO TERRORISTA ★★
(A Father's Revenge, EUA, 1988) Direção: John Herzfeld. Com Brian Dennehy, Joanna Cassidy, Ron Silver. Globo Vídeo.
Telefilme sobre pai americano que reúne um grupo de mercenários para resgatar sua filha, uma aeromoça seqüestrada por terroristas na Alemanha Ocidental.

Fotos Art Films



Sutil e debochado, *Drugstore* não mistifica as drogas

DRAMA

DRUGSTORE COWBOY ★★★★

(EUA, 1989)
Direção: Gus Van Sant Jr. Com Matt Dillon, Kelly Lynch, James Remar, Grace Zabriskie, William Burroughs. Globo Vídeo.

Van Sant é um nome a ser guardado. É certamente um dos diretores mais vigorosos do novo cinema americano, fato que só veio se confirmar com o sucesso em Veneza de seu último filme, *My Own Private Idaho*. *Drugstore* é o seu segundo, e talvez o mais saudável já feito sobre as drogas.
Baseado numa autobiografia não publicada, de James Fogle, que foi doidão nos 60 para depois ser preso e se dedicar à literatura nos 70, o filme acompanha uma "família" de viciados em campanha de assalto a todas as farmácias, para se automuniciar de estupefacientes.
O retrato é incrivelmente verossímil, graças, principalmente, a um bom trabalho do elenco (Matt Dillon prova sua maturidade como ator). Não se pode falar em moralidade, pois o filme é despreocupado com pregações, condenações ou exorcismos. Parte de sua força narrativa reside no fato de o diretor compor a história de forma distante e sutilmente debochada.
O filme aborda o tema de um jeito suave, quase jubiloso. Sutil também na estilização fotográfica, o seu despojamento ideológico e sua dimensão realista apenas se enriquecem com a memorável ponta do *beatnik* Burroughs como um padre *junkie*, com a afiadíssima trilha de Elliot Goldenthal (completada por ótimos *oldies*) e com a incrível segurança que o diretor transmite ao fazer arte com muita vida.

Christian Petermann

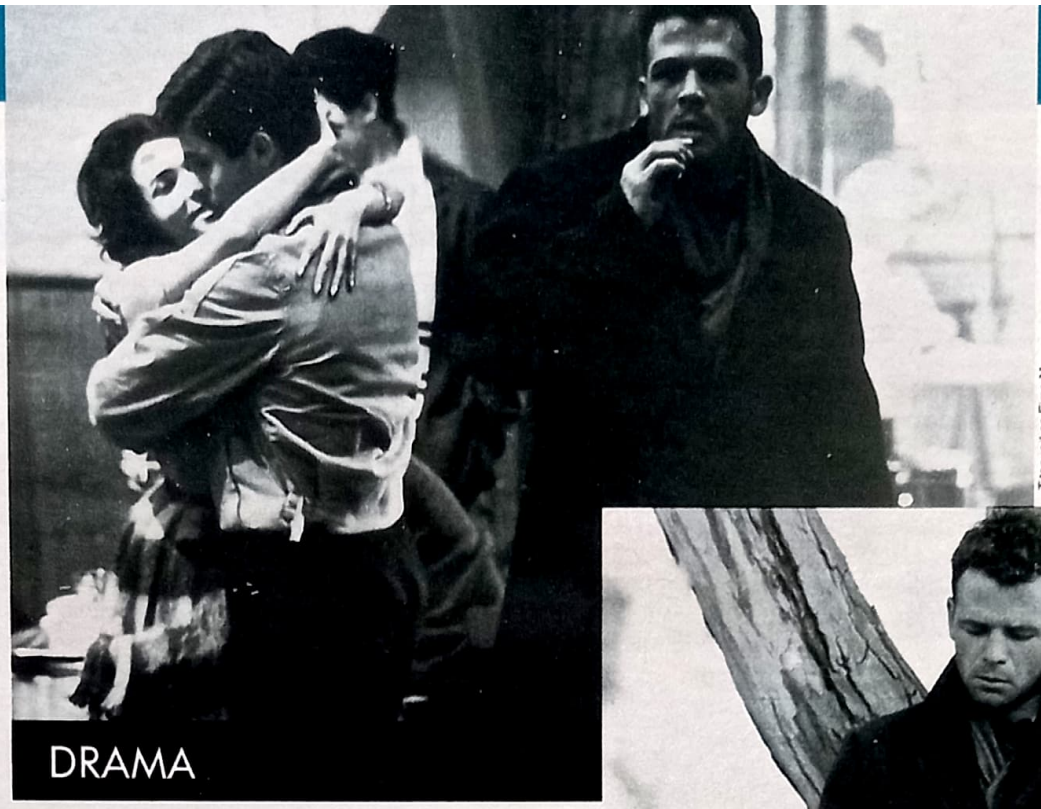
IMPÉRIO DE UM GÂNGSTER ★★
(Never Love a Stranger, EUA, 1958) Direção: Robert Stevens. Com John Drew Barrymore, Steve McQueen. Republic.
Jovem gângster enfrenta seus velhos patrões e um delegado ambicioso quando começa a se dar bem. Baseado em livro de Harold Robbins.

TRONO MANCHADO DE SANGUE ★★★★
(Kumonosu-Jo, Japão, 1957) Direção: Akira Kurosawa. Com Toshiro Mifune, Isuzy Yamada, Minoru Chiaki. Tocantins.
Adaptação de *Macbeth*, de Shakespeare, transposto para o Japão do século XVI, sobre uma bruxa que prediz um futuro de traições e mortes entre dois amigos.

TAXI BLUES ★★
(URSS/França, 1989) Direção: Pavel Lounguine. Com Piotr Mamonov, Piotr Zaitchenko. Abril Vídeo.
Um motorista de táxi trabalhador e rude e um saxofonista alcoólatra e *bon vivant*, que o roubara, têm uma estranha relação. O cenário é a decaída Moscou da *perestroika*.

VIDAS QUE O DESTINO MARCOU ★★
(Fools of Fortune, Inglaterra, 1990) Direção: Pat O'Connor. Com Mary Elizabeth Mastrantonio, Iain Glen, Julie Christie. Transvídeo.
Uma família é abalada e traumatizada com os conflitos políticos entre ingleses e irlandeses durante os anos 20 e 30.

UM HOMEM MEIO ESQUISITO ★★★
(Monsieur Hire, França, 1989) Direção: Patrice Leconte. Com Michel Blanc, Sandrinne Bonnaire. Abril Vídeo.
Alfaiate tem como ritual espiar a jovem vizinha da frente. A paixão platônica se alvoroça quando eles se conhecem. Baseado em romance de Georges Simenon.



Titanus Les Fims Marceau

DRAMA

ROCCO E SEUS IRMÃOS ★★★★

(Rocco i Suoi Fratelli, Itália/França, 1960) Direção: Luchino Visconti. Com Alain Delon, Renato Salvatori, Annie Girardot. Globo Vídeo.

Decadência familiar, obsessões, tragédias: o neo-realismo italiano por um de seus mestres

Luchino Visconti era um Tennessee Williams de câmera na mão e, como o dramaturgo americano, tinha na decadência familiar sua principal fonte de inspiração. Visconti gostava de narrar tragédias, porque nelas "as relações se exasperam a tal ponto que não se pode prever nada".
Rocco e Seus Irmãos é a síntese dessa obsessão, na qual o diretor busca situações-limite com um resquício de neo-realismo que se preocupa mais com as personalidades dilaceradas dos personagens do que com um tom politizado. Como outros filmes do cineasta *(Morte em Veneza, Sedução da Carne)*, é a história de uma procura, no caso, de ascensão social. A família Parandi troca o Sul da Itália por Milão, onde a matriarca espera encontrar melhores oportunidades para os filhos, depois da morte do marido. Mas, como na saga bíblica de José e Seus Irmãos, a fraternidade não é um sentimento muito arraigado entre eles, apesar de nunca se desligarem definitivamente.
Simon (Renato Salvatori) começa uma promissora carreira de boxeador, mas não larga os pequenos roubos e se envolve de maneira confusa com Nadia (Annie Girardot), uma prostituta que se perde em sua própria teia de interesses. Rocco (Alain Delon), mais novo que o irmão, tenta ajudar encarando o boxe e também tropeça em seus próprios desejos, mantendo um caso secreto com Nadia. Nesse ritmo de tragédia grega, os atores rendem os melhores momentos de suas carreiras, e Visconti realiza cenas particularmente inspiradas, como na seqüência de Delon e Girardot na catedral de Milão. Pena que a versão lançada aqui seja dublada em inglês. *Cesar Garcia Lima*

TERROR

ACAMPAMENTO SINISTRO 2 ★
(Sleepaway Camp III, EUA, 1990) Direção: Michael A. Simpson.Com Pamela Springsteen, Michael J. Pollard. Vic.
Alguns jovens passam dias num acampamento possuído pelo espírito de louca assassinada.

PRÍNCIPE DAS SOMBRAS ★★
(Prince of Darkness, EUA, 1987) Direção: John Carpenter. Com Donald Pleasence, Lisa Blount, Jameson Parker. 20.20 Vision.
Satanás, o filho do antiDeus, está sendo gerado nos porões de uma igreja de Los Angeles. Alice Cooper é líder de seus seguidores.

TERRORGRAM — O TELEGRAMA DO TERROR ★★
(Terrorgram, EUA, 1990) Direção: Stephen M. Kienzle. Com Michael Hartson, James Earl Jones. Look.
Três episódios em torno de um telegrama falado, que diz uma verdade sobre a vida do escolhido e ajusta suas contas violentamente.

POLICIAL

OS LADRÕES ★★★
(The Burglars, França/Itália, 1972) Direção: Henri Verneuil. Com Jean-Paul Belmondo, Omar Sharif, Dyan Cannon. 20.20 Vision.
Mulher fica indecisa entre ladrão que roubou esmeraldas e policial que as quer recuperar.

A GRANDE JOGADA ★★
(Grand Slam, EUA, 1989) Direção: Bill Norton. Com John Schneider, Paul Rodrigues. Jovem Pan Home Video.
Dois detetives rivais tentam prender mexicano ligado ao tráfico de drogas.

CENTRO DE INTRIGAS ★★
(Deadly Surveillance, Canadá, 1991) Direção: Paul Ziller. Com Michael Ironside, Christopher Bondy, David Carradine. Vic.
Mulher envolvida com traficantes interfere na amizade e no trabalho de dois detetives durões.

CONEXÃO MARSELHA ★★
(The Marseilles Connection/High Crime, Itália, 1973) Direção: Enzo G. Castellari. Com Franco Nero, James Whitmore, Fernando Rey. Opção Vídeo.
Comissário incorruptível quer enfrentar a máfia das drogas em Gênova.

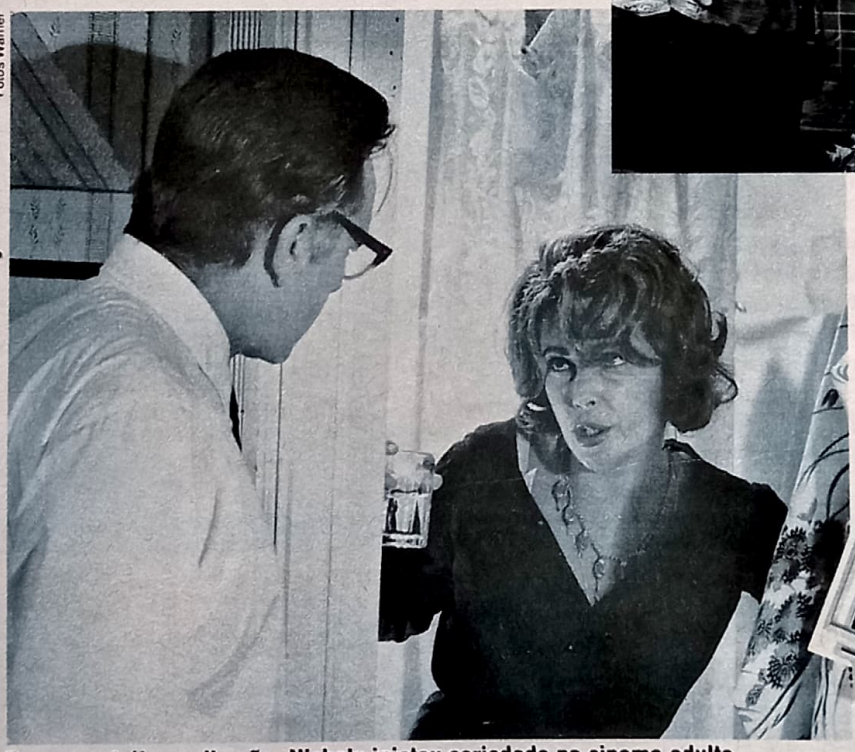
DRAMA

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF? ★★★★

(Who's Afraid of Virginia Woolf?, EUA, 1966) Direção: Mike Nichols. Com Elizabeth Taylor, Richard Burton, George Segal, Sandy Dennis. Warner.

A estréia de Nichols, prestigiado diretor teatral, no cinema se deu com uma brilhante adaptação do texto vigoroso de Edward Albee. O filme provocou furor à época por injetar nova seriedade ao cinema adulto (um ano depois, Nichols faria um dos primeiros filmes conscientes sobre a pós-adolescência, *A Primeira Noite de um Homem*). Mesmo mantendo a alta voltagem do original, a adaptação do também produtor Ernest Lehman tem impacto naturalmente minorado nos dias de hoje. De forma fria, a obra pode ser vista como apenas um exemplo de bom teatro filmado.
O interesse pelo filme se mantém, porém, em função dos atores. Uma noite de conversas e revelações amargas entre dois casais poderia ser uma câmara de torturas não fossem os diálogos maduros e o trabalho dos atores. Burton e Taylor, em especial, como professor universitário e esposa-perua, alcançam uma rara química. Elizabeth, aliás, levou o Oscar, assim como Sandy Dennis (atriz coadjuvante), Haskell Wexler (fotografia), Richard Sylbert (direção de arte) e Irene Sharaff (figurinos). Um grande feito para um diretor estreante (o filme foi indicado, ao todo, para treze Oscar).
Mesmo com uma fórmula dramática hoje um pouco desgastada e de *timing* complicado para o espectador atual, o filme matém toda a grandeza humana e a simplicidade profunda de um universo que poderia levar a assinatura de Tennessee Williams.

Christian Petermann



Fotos Warner

Em sua estréia na direção, Nichols injetou seriedade no cinema adulto

NO ALVO DA LEI ★★
(Cold Front, Canadá, 1990) Direção: Paul Bnarbic. Com Martin Sheen, Beverly D'Angelo, Michael Ontkean. Vic.
Um agente do departamento de narcóticos e um jovem policial canadense desmantelam uma conspiração internacional que envolve a CIA e a KGB.

DOIS TIRAS DA PESADA ★★
(Collision Course, EUA, 1987) Direção: Lewis Teague. Com Pat Morita, Chris Sarandon, Randall "Tex" Cobb. Look.
Agente especial da polícia japonesa é forçado a trabalhar com um colega americano para investigar crime em Detroit.

ENIGMA MORTAL ★★
(El Desquite/Deadly Revenge, Argentina, 1983) Direção: Juan Carlos Desanzo. Com Rodolfo Ranni, Silvia Montanari. Alvorada.
Funcionário de uma editora, de vida monótona, herda uma casa noturna de um amigo de infância que fora assassinado.

SUSPENSE

A MÁSCARA DA MORTE RUBRA ★★
(The Masque of the Red Death, EUA, 1990) Direção: Alan Birkinshaw. Com Frank Stallone, Brenda Vaccaro, Herbert Lom. Look.
Versão livre do conto de Edgar Allan Poe. Aqui, uma festa à fantasia é alvo de um assassino vestido de vermelho.

A DAMA DE BRANCO ★★
(Lady in White, EUA, 1988) Direção: Frank LaLogia. Com Lukas Haas, Alex Rocco. Look.
No Dia das Bruxas, garoto é preso num quarto e vê o fantasma de uma dama de branco, que reaparece sempre na mesma hora.

O PSICÓTICO ★
(The Disturbance, EUA, 1989) Direção: Cliff Guest. Com Timothy Greeson, Lisa Geoffrion. Carat.
Jovem que está sob forte tratamento psiquiátrico tem pesadelos, reage violentamente e é acusado de uma série de assassinatos.

FICÇÃO

HERDEIROS DA MORTE ★
(The Visitor, Itália, 1979) Direção: Giulio Paradisi. Com Mel Ferrer, Glenn Ford, John Huston, Shelley Winters. Alvorada.
Garota de 8 anos com poderes sobrenaturais tem planos malignos, mas encontra adversário em alienígena pacífico. Ficção de horror com ponta do diretor Sam Peckinpah.

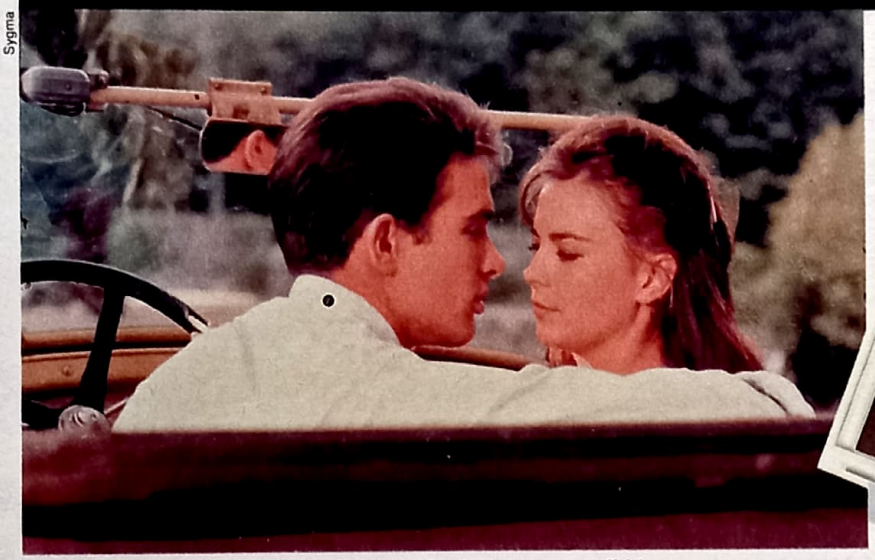
ALIEN, O EXTERMINADOR ★
(Deceit, EUA, 1990) Direção: Albert Pyun. Com Norbert Weisser, Scott Paulin. Look.
Alienígena maníaco sexual chega à Terra para destruí-la, tenta em vão seduzir bela jovem e é perseguido pela polícia intergaláctica.

DOCUMENTÁRIO

POTENCIAL MÁXIMO DE DOLPH LUNDGREN ★★★
(Dolph Lundgren's Maximum Potential, EUA, 1986) Direção: John Langley. Jovem Pan Home Video.
Série de exercícios para aprimorar a forma física, liderada pelo ator de *O Justiceiro*.

DRAMA

Sygma



Beatty e Natalie vivem uma asfixiante elegia ao amor proibido

CLAMOR DO SEXO ★★★★

(Splendor in the Grass, EUA, 1961) Direção: Elia Kazan. Com Warren Beatty, Natalie Wood, Sandy Dennis. Warner.

Considerada uma obra asfixiante e um dos mais emblemáticos (ao lado de *Vidas Amargas*) relatos sobre o mal-estar e o beco sem saída de certa juventude norte-americana dos anos 50, bem como sobre a hipocrisia social, o filme mostra um tórrido amor adolescente numa pequena cidade do Kansas, onde dois jovens enfrentam suas famílias (que não querem a união) com resultados trágicos.
Kazan (considerado o descobridor de Marlon Brando, James Dean e Warren Beatty, que debutou neste filme) leva para as telas um pouco de sua marca Actor's Studio num dos mais sólidos resultados. O diretor de *Sindicato de Ladrões* e *O Último Magnata*, cujo "dedo-durismo" durante o macarthismo sujou-o eticamente sem abalar sua genialidade, produz — com o melodramático roteiro do dramaturgo William Inge (que levou o Oscar da categoria), a contrastada fotografia de Boris Kaufman e a música solene de David Amram — a obra definitiva sobre amores juvenis e suas impossíveis fugas.
A belíssima Natalie Wood (1938-1981) teve um caso rumoroso durante as filmagens com o galã Beatty, chegando a se divorciar do marido, Robert Wagner. Beatty, por sua vez, inaugurou uma carreira de décadas de fama, de brilho já detonado no primeiro filme.

Antonio Querino Neto

AVENTURA

UM VERÃO E TANTO ★★
(An American Summer, EUA, 1990) Direção: James Slocum. Com Michael Landes, Sherrie Krenn. Transvídeo.
Garoto de pais divorciados, passando o verão na Califórnia, testemunha um crime e é perseguido pelos assassinos.

AS JÓIAS DE CARTIER ★★
(The Cartier Affair, EUA, 1984) Direção: Rod Holcomb. Com Joan Collins, Telly Savalas, David Hasselhoff. Transvídeo.
Ex-presidiário entrega o esquema de segurança da mansão de uma atriz como forma de pagar velha dívida feita na prisão. Collins desenhou as roupas e jóias que usa.

NÃO APERTA, APARÍCIO ★★
(Brasil, 1969) Direção: Pereira Dias. Com José Mendes, Grande Otelo, José Lewgoy. Reserva Especial.
Na fronteira gaúcha, filho arruaceiro de latifundiário tem de se inocentar da acusação de roubo de gado.

BEAU GESTE ★★★
(EUA, 1939) Direção: William Wellman. Com Gary Cooper, Robert Preston, Ray Milland, Susan Hayward. CIC.
Refilmagem cena a cena de fita muda de 1926, fala da amizade e da lealdade entre três irmãos na Legião Estrangeira.

ARMADILHA ASSASSINA ★★
(Punch the Clock, EUA, 1989) Direção: Eric L. Schlagman. Com Mike Rogen, Chris Moore. Ideal.
Policial de trabalho burocrático e bela ladra de carros se apaixonam e decidem dar um golpe para começar uma vida nova.

CLUBE DE HERÓIS ★★
(Edge of Honor / Scout's Honor, EUA, 1990) Direção: Michael Spence. Com Corey Feldman, Don Swayze, Meredith Salenger. Jovem Pan Home Video.
Escoteiros perdidos encontram sofisticado carregamento de armas. Ao esconder uma das caixas, passam a ser perseguidos pelos contrabandistas.

COMÉDIA

TESTA-DE-FERRO POR ACASO ★★★

(The Front, EUA, 1976)
Direção: Martin Ritt. Com Woody Allen, Zero Mostel, Herschel Bernardi. LK-Tel/Columbia.

O recente e denso *Culpado por Suspeita*, de Irwin Winkler (estrelado por Robert De Niro), e este *Testa-de-Ferro por Acaso*, de Martin Ritt, são (exceto alguns documentários) praticamente os únicos filmes ficcionais que abordaram a "caça às bruxas" macarthista. Mais do que uma crônica agridoce sobre aqueles tempos, o filme de Ritt (*Norma Rae*, 1979; *Ver-Te-Ei no Inferno*, 1969; *Conrack*, 1974; *Querem Me Enlouquecer*, 1987) tem o tom nostálgico de uma discreta homenagem e inclui no elenco vítimas da "lista negra", como o roteirista Walter Bernstein e o falecido gordo Zero Mostel (num dos melhores papéis: o artista que cai em desgraça só por seguir uma boazuda numa passeata comuna).
Sob as rédeas de um bom cineasta de temas sociais (nem sempre feliz), Allen, após várias comédias populares, fincou as bases de sua autonomia definitiva com este tragicômico papel. Na mesma época, seria consagrado definitivamente com o premiado *Annie Hall*. Aqui ele é Howie, caixa de restaurante e um sujeito apolítico, que ajuda um companheiro vítima da fúria direitista e passa a assinar roteiros de outros perseguidos e impossibilitados de trabalhar pelo macarthismo. Com bom humor (sobretudo pelas performances de Allen e Mostel), Ritt não apenas reconstitui com maestria os anos 50 mas também dá profundidade humana ao protagonista, um pobre diabo que, numa situação extrema, adquire dignidade e toma posições heróicas. *Antonio Querino Neto*

Columbia Tri-Star

O tragicômico Allen desafia vilões macarthistas só para obter dignidade e heroísmo

MUSICAL

NA CAMA COM MADONNA ★★★
(In Bed with Madonna / Truth or Dare, EUA, 1991) Direção: Alek Keshishian. Documentário musical. Top Tape.
Registro da turnê mundial de Madonna, *Blond Ambition*, durante o segundo semestre de 1990. As cenas dos shows são coloridas e os já famosos e polêmicos depoimentos são em preto-e-branco.

LIVE! AT KNEBWORTH VOLS. 1, 2 e 3 ★★★
(Inglaterra, 1990) Documentário musical. Movie Play.
Registro dos shows que marcaram o evento beneficente em prol de um centro de terapia musical para crianças deficientes, realizado em junho de 1990. Na primeira fita, Phil Collins, Paul McCartney, Tears for Fears e Cliff Richards & The Shadows. Na segunda, Eric Clapton, Dire Straits, Elton John e Status Quo. Na terceira, Genesis, Pink Floyd e Robert Plant, com rápida canja de Jimmi Page.

PAVAROTTI — THE EVENT ★★★
(Itália, 1990) Direção: Pier Quinto Cariaggi. Movie Play.
Concerto dado em Milão, em maio de 1990, para comemorar a Copa do Mundo. Pavarotti canta algumas das árias mais famosas acompanhado da Orquestra de Câmara de Bolonha.

WESTERN

A ÚLTIMA BARRICADA ★★★
(The Last Command, EUA, 1955) Direção: Frank Lloyd. Com Sterling Hayden, Ernest Borgnine. Republic.
A última luta na batalha do Álamo, que selou a independência do Texas em relação ao México.

MEU NOME É JIM KANE ★★★
(Pocket Money, EUA, 1972) Direção: Stuart Rosenberg. Com Paul Newman, Lee Marvin. Carat.
Faroeste moderno e cômico sobre cowboy endividado se envolvendo com boiadeiros corruptos.

HR-D651M - DESIGN AVANÇADO DE DIMENSÕES COMPACTAS, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, DUAL - SCREEN PROGRAMMING, D.A. 4 HEAD, CÂMERA LENTA E EFEITOS ESPECIAIS, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.

No vídeo JVC a emoção não pára, mesmo com a imagem congelada ou quadro-a-quadro.

Com o vídeo cassete JVC, rever uma cena em câmera lenta, câmera rápida, quadro-a-quadro ou congelada não significa interromper a emoção.

Seu sistema de 4 cabeças de Corte Ovalado com Double Azimuth e Mecanismo de Auto-Limpeza mantêm a qualidade de imagem e a perfeição das cores, mesmo na reprodução de efeitos especiais. A seleção de sistemas PAL-M/NTSC é automática e o Mecanismo "Resposta Rápida" garante o início da reprodução ou gravação em 1,3 segundos após o comando.

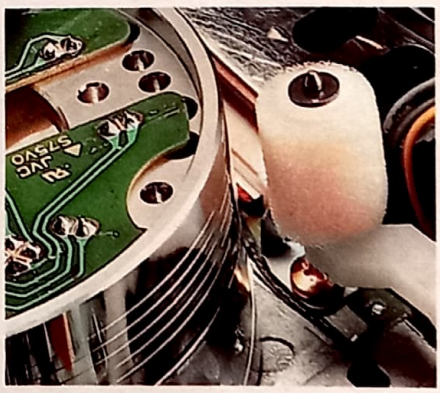
Localização automática de trechos determinados, de pontos gravados ou não; repetição automática da fita toda ou de apenas um trecho selecionado; e possibilidade de até 8 programações dentro de 1 mês são outros recursos do novo vídeo JVC.

Através do Controle Remoto com Mostrador de Cristal Líquido, você comanda seu vídeo à distância, confortavelmente instalado, e confere tudo de perto, na palma da mão.

O que já não é mais novidade é a Garantia de 1 Ano e Assistência Técnica Autorizada para todo o Brasil.

Consulte-nos ou visite nosso show room e comprove que a emoção não pára por aí.

GARANTIA 1 UM ANO



Cada vez que a fita é colocada ou retirada nos novos vídeos JVC, o sistema de Auto-Limpeza das cabeças é acionado.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011) 815-9144

JVC®

BILLY THE KID, A LENDA ★★★
(Gore Vidal's Billy the Kid, EUA, 1989) Direção: William A. Graham. Com Val Kilmer, Wilford Brimley, Julie Carmen. Globo Vídeo.
A visão de Gore Vidal (que faz uma ponta) da gênese e vida de Billy the Kid. Feito para a TV a cabo.

MONTANA ★★★
(EUA, 1990) Direção: William A. Graham. Com Gena Rowlands, Richard Crenna, Lea Thompson. Carat.
No Velho Oeste, quando a mineração começa a substituir os pastos, pai e filho defendem a venda das terras enquanto mãe e filha são contra.

MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA ★★★★
(The Wild Bunch, EUA, 1969) Direção: Sam Peckinpah. Com William Holden, Ernest Borgnine, Robert Ryan. Warner.
Foras-da-lei veteranos, com códigos de honra muito particulares, decidem se aposentar, em 1913, não sem antes planejar um último e grande golpe. Peckinpah dos grandes.

QUANDO EXPLODE A VINGANÇA ★★★
(Giù la Testa / A Fistful of Dynamite / Duck, You Sucker, Itália, 1972) Direção: Sergio Leone. Com Rod Steiger, James Coburn. Opção Vídeo.
Irlandês especializado em explosivos convence um ladrão camponês a participar da revolução mexicana. Cópia da TV, dublada.

COMÉDIA

O ELÉTRICO MR. NORTH ★★★
(Mr. North, EUA, 1988) Direção: Danny Huston. Com Anthony Edwards, Robert Mitchum, Anjelica Huston, Harry Dean Stanton, Lauren Bacall. Look.
Theophilus North é um jovem inteligente que conquista Newport, em 1926, com sua cultura, seus bons modos e descargas elétricas.

TAMPOPO — OS BRUTOS TAMBÉM COMEM SPAGHETTI ★★★
(Tampopo, Japão, 1986) Direção: Juzo Itami. Com Nobuko Miyamoto, Tsutomu Yamazaki. Look.
Motorista de caminhão ajuda proprietária de um restaurante a descobrir a receita perfeita do macarrão.

AIR AMERICA — LOUCOS PELO PERIGO ★★
(Air America, EUA, 1990) Direção: Roger Spottiswoode. Com Mel Gibson, Robert Downey Jr., Penelope Ann Miller. LK-Tel/Columbia.
Jovem piloto de helicóptero perde seu emprego em Los Angeles e se oferece para um trabalho no Cambodja, sem saber que o conflito do Vietnã se reflete também no local.

O PADRE APAIXONADO ★★
(The Missionary, Inglaterra, 1982) Direção: Richard Loncraine. Com Michael Palin, Maggie Smith, Trevor Howard, Denholm Elliott. VTI.
Missionário retorna da África e é forçado a cuidar de uma "Missão para Mulheres Decaídas".

O DISCRETO CHARME DA BURGUESIA ★★★★
(Le Charme Discret de la Burgeoisie, França/Espanha/Itália, 1972) Direção: Luis Buñuel. Com Fernando Rey, Delphine Seyrig, Stephane Audran. Sagres.
Jantar que reúne seis burgueses é "temperado" com acontecimentos surreais que impedem o simples ato de deglutir.

A MULHER DO PADRE ★★
(The Priest's Wife, Itália/França, 1971) Direção: Dino Risi. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni. Carat.
Comédia dramática sobre cantora desiludida que quer convencer um padre a abdicar de seus votos para que possa se casar com ela.

O FANTASMA DO BARBA-NEGRA ★★★
(Blackbeard's Ghost, EUA, 1968) Direção: Robert Stevenson. Com Peter Ustinov, Suzanne Pleshette. Abril Vídeo.
Fantasma ajuda seu descendente a proteger a mansão da família contra especuladores.

DRAMA

A ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA ★★★★

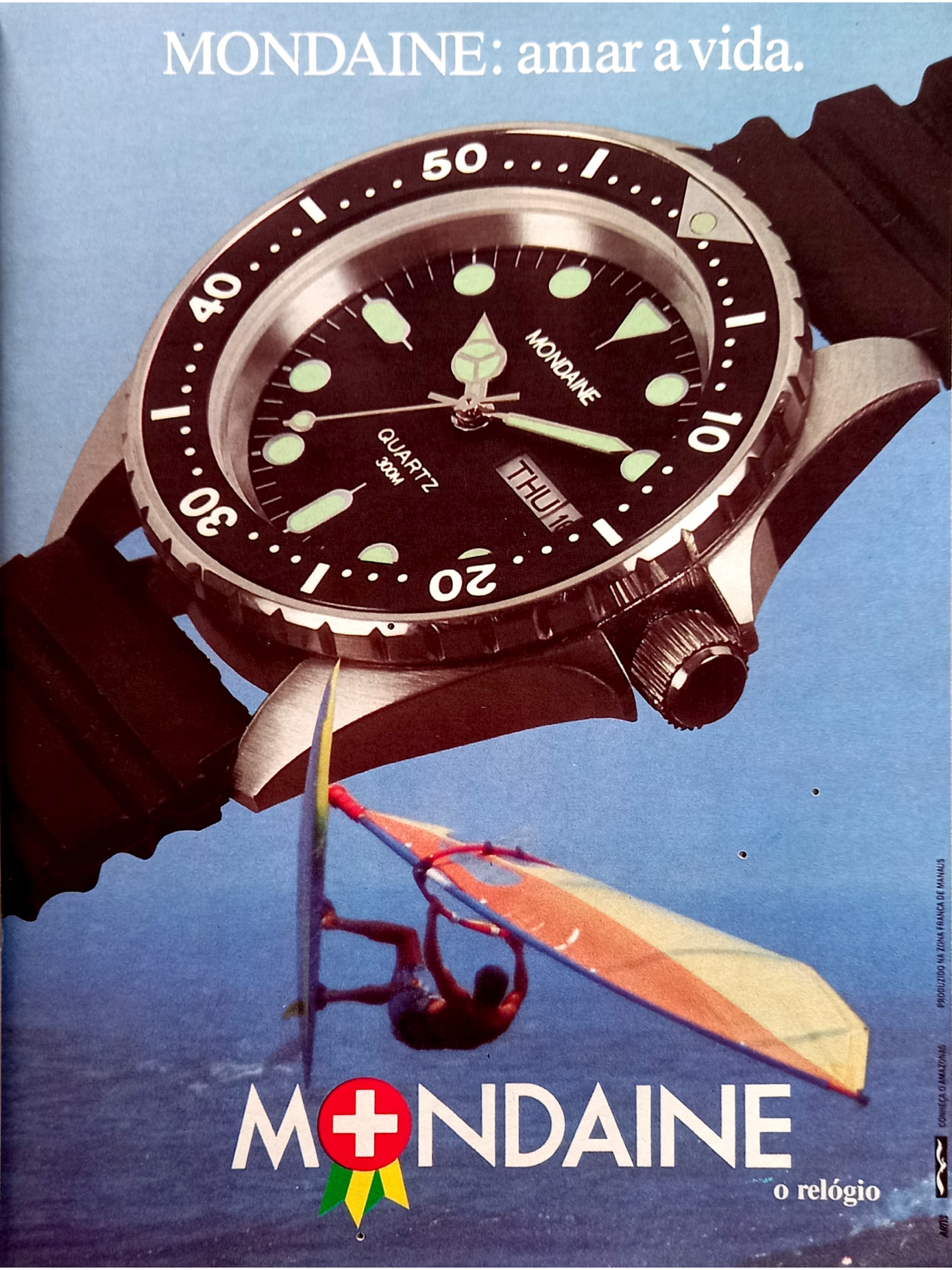
(The Last Picture Show, EUA, 1971) Direção: Peter Bogdanovich. Com Timothy Bottoms, Jeff Bridges, Cybill Shepherd. LK-Tel/Columbia.

Evocando a juventude de uma pacata cidadezinha nos confins do Texas de 1951, Bogdanovich (*Esta Pequena É Uma Parada*, 1972; *Lua de Papel*, 1973; *Marcas do Destino*, 1985) fez a grande obra (cuja continuação, *Texas Ville*, fracassou) de uma carreira mesclada de acertos e escorregões. Seu *approach* nostálgico composto pela bela fotografia em preto-e-branco de Robert Surtees (ao lado de *Zelig* e *De Repente no Último Verão*, uma das mais geniais incursões modernas, fora da cor), pela contida e discreta performance do cast liderado por Bottoms, Bridges e Cybill — futura estrela da série *A Gata e o Rato*, que virou esposa do diretor mas não funcionou como protagonista no seu *Daisy Miller* — e pelo roteiro de Larry McMurty e Bogdanovich, tem ecos de Howard Hawks e John Ford em seus líricos detalhes.
Bogdanovich foca poeirentas estradas desertas, caminhonetes e desolados bares que permeiam a vidinha dos adolescentes Sonny (Bottoms) e Duane (Bridges), às voltas com os *affairs* sexuais e as sessões do cinema de Sam (Ben Johnson). Sonny sonha alto, tem uma ligação com Ruth (Cloris Leachman) e se envolve com a riquinha Jacy Farrow (Cybill Shepherd, linda na seqüência da piscina), paixão que trará encrencas. A partida de um dos rapazes para a Coréia e o fechamento da única sala de exibição local demarcam, num tom elegíaco, não apenas o fim de um período na vida dos jovens mas também o declínio de toda uma era.

Antonio Querino Neto

LK-Tel/Columbia

A vida e os *affairs* da juventude de uma pacata cidade têm o sabor nostálgico dos anos 50


MONDAINE: amar a vida.
50
40
30
20
10
MONDAINE
QUARTZ
300M
THU
MONDAINE
o relógio
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

NO TEATRO DA VIDA ★★
(Who Am I This Time?, EUA, 1982) Direção: Jonathan Demme. Com Susan Sarandon, Christopher Walken. Nacional.
Média-metragem para a TV baseado em conto de Kurt Vonnegut Jr. Casal de tímidos só consegue se expressar e se aproximar quando está no palco.

PASSAPORTE PARA O AMOR ★★★
(Greencard, EUA, 1990) Direção: Peter Weir. Com Gérard Depardieu, Andie McDowell. Abril Vídeo.
Francês e ecologista americana se casam em Nova York. Ele para poder permanecer no país e ela para ocupar casa com belíssima estufa.

O TRANSPLANTE ★★
(Il Trapianto, Itália, 1969) Direção: Steno. Com Carlo Giuffré, Graziella Granata. Sagres.
Velho milionário quer fazer um transplante de pênis para recuperar o vigor sexual.

POLICIAL

UM PREÇO PARA CADA CRIME ★★★★

(The Enforcer, EUA, 1951)
Direção: Bretaigne Windust. Com Humphrey Bogart, Zero Mostel, Ted de Corsia, Everett Sloane. Republic Pictures.

Foram papéis como este que ajudaram a criar o tipo "durão" do ator Humphrey Bogart. Aqui, o mito se confirma ao interpretar um procurador de Justiça que não descansa enquanto não coloca na cadeia o cabeça de um bando de assassinos profissionais. Com astúcia, o policial transforma os criminosos em delatores, mas eles não sobrevivem para depor. Na época, o crime visto como organização gerou polêmica nos EUA, e o título original, *Murder Inc.*, acabou sendo substituído. Mas o argumento foi tirado de histórias verídicas. A dose de realismo é reforçada pela narrativa quase documental. Embora não creditado, grande parte do filme foi dirigida por Raoul Walsh—provavelmente o responsável pelo ritmo ágil e enxuto que faz deste um bom e típico noir.
Lorena Calabria

Republic

Sem crédito, Raoul Walsh deu agilidade e verossimilhança ao noir *Um Preço...*

LA BOHÈME
(Inglaterra, 1982)
Formato CLV, 116 min. (duplo). Pionner Group.
Da obra de Giacomo Puccini (1858-1924), compositor italiano romântico, *La Bohème* é uma das mais belas e famosas óperas. Ambientada na Paris do fim do século XIX, conta a história de amor entre o poeta Rodolfo e a costureira Mimi. Gravada no Covent Garden, a produção é valorizada pela soprano romena Ileana Cotrubas, sob a regência de Lamberto Gardelli.

THE TEN COMMANDMENTS
(EUA, 1956) Direção: Cecil B. DeMille. Com Charlton Heston, Yul Brynner, Edward G. Robinson. Formato CLV, 220 min. (duplo). Paramount Home Video.
Superprodução épica que marcou a filmografia de DeMille. Charlton Heston como Moisés comanda o povo judeu até a "terra prometida". A célebre cena de Moisés abrindo as águas do Mar Vermelho pode agora ser admirada com a definição da tecnologia digital a laser.

SHOCK CORRIDOR
(EUA, 1963) Direção: Samuel Fuller. Com Peter Breck, Constance Towers, Gene Evans. Formato CAV, 101 min. Criterion Collection.
Fuller foi por muito tempo o mestre do filme B, depois divinizado pelos críticos dos *Cahiers du Cinéma*. Em *Shock Corridor (Paixões que Alucinam)*, se aventura no drama psicológico, sobre um jornalista que tenta desmascarar um assassino e acaba ficando louco. O filme é em preto-e-branco com seqüências de sonhos coloridas.

THE BLOB
(EUA, 1958) Direção: Irvin S. Yeaworth. Com Steve McQueen, Aneta Corseaut, Olin Howlin. Formato CLV, 82 min. Criterion Collection.
O primeiro papel de destaque de McQueen foi neste clássico B dos anos 50, hoje mais cômico do que aterrorizador. Um invasor espacial sob a forma de uma bolha gosmenta e enorme engole tudo à sua frente e põe uma pequena cidade à beira do caos.

WEA

Madonna

CIAO MADONNA — LIVE FROM ITALY
(Itália, 1988) Direção: Egbert Van Hees.
Formato CLV, 100 min. Pioneer/Group.
Produzido por Riccardo Mario Corato Network para a RAI (Radiotelevisão Italiana), o vídeo mostra a cantora interpretando algumas de suas músicas consagradas ao público italiano, como "True Blue", "Material Girl", "Papa Don't Preach" e "Like a Virgin". Para fãs inveterados.

Todos esses títulos são importados, já que ainda não existem lançamentos de videolaser no Brasil. Podem ser encontrados nas lojas de discos e grandes magazines.

AUVICOM'92

FEIRA DO ÁUDIO, VÍDEO E COMUNICAÇÃO

29 DE JANEIRO A 2 DE FEVEREIRO - ANHEMBI - SP

Organização e Promoção: Alcantara Machado Feiras e Promoções - Rua Brasílio Machado, 60 - CEP 01230 - São Paulo - SP
Tel.: 826-9111 - Telex 11 22398 - Fax: 67-3626

Apoio: Embratel Afiliada à: UBRAFE Transportadora Oficial: VARIG CRUZEIRO

A Mulher Esconde a Mulher

De olho em papéis ambíguos, ela optou também por ser a mãe do filho de Warren Beatty

O repentino sucesso de Annette Bening não é um mistério tão indecifrável assim. Talento ela tem. Sua beleza quase comum impressiona pouco, mas depois de vista algumas vezes na tela, pode-se descobrir todas as possibilidades femininas que sua personalidade dita. Altiva de olhar ingênuo, ardilosa e fiel, dedicada mas oportunista, cínica e maternal a um só tempo, muitas vezes ela se faz presente não como uma, mas como várias mulheres aliadas numa arrogância peculiar. Até mesmo a americana Pauline Kael, a crítica de cinema, hoje aposentada, famosa pela acidez que destilava em sua coluna na revista *New Yorker*, já escreveu que a atuação dela em *Os Imorais* tem "a qualidade da mulher de duas faces", aquela *persona* tão lapidada pelo cinema noir.

A ascensão daquela que é a futura mãe do herdeiro de Warren Beatty, no entanto, foi na base do trabalho e da oportunidade. Nascida em 1958, 29 de maio, no Kansas, sua interação com o teatro começou depois que desistiu do trabalho de cozinheira num barco de mergulhadores. Ela passou um ano inteiro no mar, servindo aos marmanjos. Mudou-se logo para San Diego, onde começaram seus estudos de arte dramática. De lá para a Universidade Estadual de San Francisco foi um pulo, ou melhor, um trampolim para o American Conservatory Theatre, onde seu currículo já incluía uma gravidez e um casamento com o diretor do conservatório. O marido a levou a Nova York e, em 1986, conseguiu uma indicação para o prêmio Tony de teatro, pelo seu papel em *Coastal Disturbances*.

O cinema e seus diretores quiseram logo disputar o olhar ambíguo de Annette. Talvez tenha sido uma feliz coincidência. Stephen Frears a convidou para o papel da virtuosa Madame de Tourvel, de *Ligações Perigosas*, mas foi obrigado a se decidir por Michelle Pfeiffer... Annette já havia assinado com Milos Forman para encarnar a maquiavélica Marquesa de Merteuil (o papel de Glenn Close em *Ligações*) no seu *Valmont*. Frears, talvez para compensar seu erro e sua frustração, garantiu a ela um papel importante em *Os Imorais*. A sorte estava com ela: conseguiu, como coadjuvante, uma indicação para o Oscar.

Liaison Gamma-Sigla

Três faces de Annette: esposa-mãe de Harrison Ford em *Uma Segunda Chance*; cínica em *Valmont*, com Colin Firth; e o trio de escroques em *Os Imorais*, com John Cusack e Anjelica Huston

Em *Uma Segunda Chance*, Harrison Ford é Henry, um advogado cuja carreira é abruptamente interrompida por uma bala que lhe atinge o cérebro e reduz suas faculdades mentais quase a zero. Annette interpreta Sarah, a mulher que tem, ao longo do filme, duas personalidades distintas. No começo, ela é uma esposa, uma coitada esquecida pelo marido, envolvida com a rotina doméstica; depois do acidente, sua vida se reinicia e, ironicamente, a tragédia a torna uma mulher completa, uma espécie de mãe do próprio marido. "Sarah foi, de verdade, influenciada por mim", afirma. "O caso clínico de Henry lhe ofereceu novas propostas para a sua vida e uma boa dose de auto-estima, coisa que ela não tinha. Ela pôde perceber o quão inteligente, capaz e dedicada deveria chegar a ser."

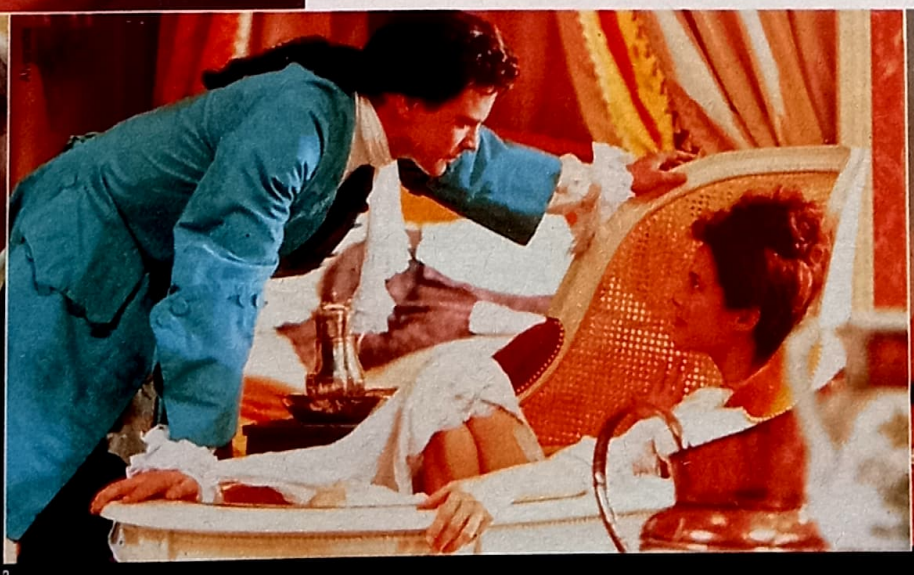
Ela ataca também em *Culpado por Suspeita*, em que se apresenta como Ruth, a mulher divorciada, amiga do ex-marido Robert De Niro, um diretor de cinema acusado de comunista. Mas Annette não acredita que sua índole empreste extremos perigosos aos personagens. "Se existe alguma verdade nisso", ela diz, "então os culpados são os autores que escrevem para mulheres e não as escolhas que elas fazem. A própria Marquesa de Merteuil não era exatamente uma pessoa má. E o desafio de interpretar a Sarah Turner de *Uma Segunda Chance* é uma tentativa de se encontrar algum tipo de meio-termo aceitável."

Annette deveria tornar-se verdadeiramente popular se, por causa da gravidez, não tivesse perdido o papel de Mulher Gato na seqüência de *Batman*, a próxima brincadeira "cartoonizada" por Tim Burton. Michelle Pfeiffer, de novo, lhe tomou a personagem. A beldade felina de unhas longas, voz sibilante e sorriso ameaçador certamente teria contornos maléficos irretocáveis se fosse entregue a Bening.

Com Warren, ela estará ainda em *Bugsy*. Outra vez esposa... agora mulher de gângster, malandro mesmo. Os comentários públicos que ela fez sobre Beatty se reduziram aos limites profissionais. "É terrível trabalhar com ele, mas as perspectivas são fascinantes", ela arrisca. Quando entrou pela primeira vez no set de *Bugsy*, não tinha a menor idéia do que iria acontecer. "Eu tento me surpreender frente à câmera; quando começo um filme, minhas baterias estão reduzidas a zero e, realmente, eu não faço idéia do que vai rolar depois que o diretor grita 'ação!' "

Para quem já foi uma adepta do "Método" (aquela fórmula de interpretação inventada no Actor's Studio), defender uma tese de criação livre, espontânea e instintiva é uma tremenda novidade. "Há algo dentro do ator que é capaz de indicar o gesto certo, a entonação adequada." Com Harrison, ela estava bem à vontade no set de *Uma Segunda Chance*. "Nós nunca permanecíamos o tempo todo no personagem. Fazíamos uma cena dramática na cama do hospital, realmente séria, mas quando eles diziam 'corta!', nós caíamos na gargalhada", ela confessa com aquele sorriso aberto, insinuando que por trás de Annette pode haver sempre uma outra Annette.

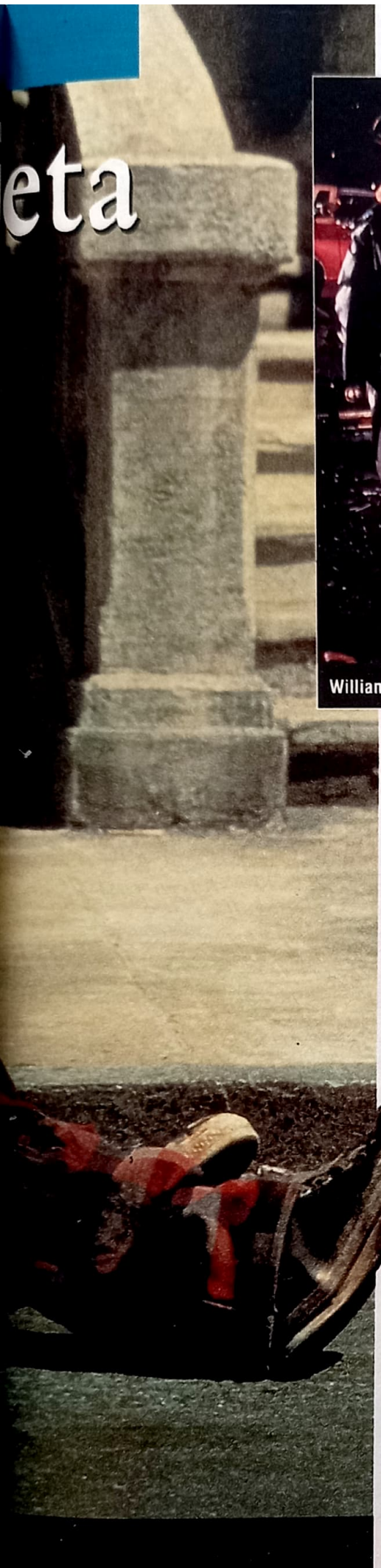
Dilson Gomes



Anjos da Sarj

O novo filme de Terry Gilliam, o mais simples de sua carreira de produções complicadas, fala de mendigos e é desde já um forte candidato ao Oscar

Williams e Bridges na sarjeta propriamente dita



Fotos Columbia Tri-Star

Williams comanda seu verdadeiro exército brancaleone na busca do Santo Graal em plena Manhattan

Considerando-se que seu script flutuou por Hollywood durante quase uma década, que seu diretor tem fama de maluco e já brigou acirradamente com quase todos os poderosos da indústria e que sua história aborda, sem sentimentalismo ou condescendência, alguns dos temas mais espinhosos da atualidade — exatamente os temas que Hollywood preferia evitar, como loucura, mendicância, Aids e irresponsabilidade da mídia —, *O Pescador de Ilusões* é um triunfo. Já seria um triunfo de qualquer maneira, pelo inusitado de sua escolha temática, pela palheta irônico/fantástica que adota para tocar uma história exemplarmente absurda: Jack Lukas (Jeff Bridges), famosíssimo DJ de uma rádio de Nova York, provoca uma carnificina quando, irresponsavelmente, aconselha um ouvinte a "exterminar esta cambada de yuppies" (o ouvinte extermina uma cambada de yuppies, literalmente).

Carreira encerrada. Jack se vê a um passo da sarjeta, morando de favor no apartamento de uma namorada de conveniência (Mercedes Ruehl), enchendo a cara para esquecer seu medonho *faux pas*. Na sarjeta, contudo, moram anjos: uma noite, quando Jack, bêbado de cair, está às portas de ser massacrado por uma gangue de mata-mendigos, ele é salvo por uma surrealista armada brancaleone liderada por Parry (Robin Williams), um mendigo versado em História e Mitologia medievais.

A ligação com Parry revela-se profunda, complexa e intrigante: em breve, Jack descobre que foi seu desatinado conselho radiofônico que atirou Parry na vida de loucura e miséria em que ele se encontra. Disposto a purgar seu pecado e arrancar a salvação das ruas, Jack propõe-se a ser o cupido de Parry e, com o improvável auxílio de outro mendigo, gay, aidético, maníaco-depressivo e ex-astro do *off-off*-Broadway, proporcionar-lhe o encontro com a donzela tímida que ele admira de longe.

A salvação, contudo, não é assim tão fácil: Parry — que foi professor de História medieval na sua vida pré-psicose — está em busca do Santo Graal em plena Manhattan e, em muito pouco tempo, Jack descobrirá que a verdadeira redenção, como a do Fisher King, um mito medieval que Parry gosta de contar e que era um de seus objetos de estudo na "outra vida", custa mais que um belo gesto: custa um mergulho no outro lado da vida, a negação de tudo aquilo que sustentou sua existência até agora e o assumir a *persona* do Louco, o verdadeiro Louco, disposto às maiores idiotices e epifanias.

Os Três F

O diretor com fama d
atores falam da expe
filme sobre mendigo

É óbvio que um script assim, escrito "de uma forma totalmente desorganizada" pelo estreante Richard La-Gravenese, não foi recebido exatamente com entusiasmo pelos estúdios. "Durante anos, o que mais ouvimos foi 'é ótimo material, e eu espero que seja feito, mas não por mim' ", conta Debra Hill, uma das produtoras do filme. O interesse de Robin Williams pelo papel de Parry foi o que resgatou *O Pescador de Ilusões* do purgatório cinematográfico onde, até hoje, padecem tantas outras boas idéias. Com o endosso de Williams, Steve Randall, amigo da outra produtora do projeto, Lynda Obst, e executivo da Tri-Star ("um sujeito valente", diz Williams), seqüestrou o script dos arquivos da Disney, onde ele estava prestes a se tornar mais uma história engraçadinha, tipo *Uma Linda Mulher* com mendigos, e o entregou a um dos mais improváveis diretores: Terry Gilliam, o visionário ex-Monty Python que, à custa de filmes ousados e caríssimos como *Brazil*, *Os Bandidos do Tempo* e *As Aventuras do Barão Munchausen*, tornara-se figura *non* gratíssima em Hollywood. "Mas foi a melhor coisa", diz Obst. "Apenas Gilliam poderia tratar este material sem condescendência, sem barateá-lo e trivializá-lo."

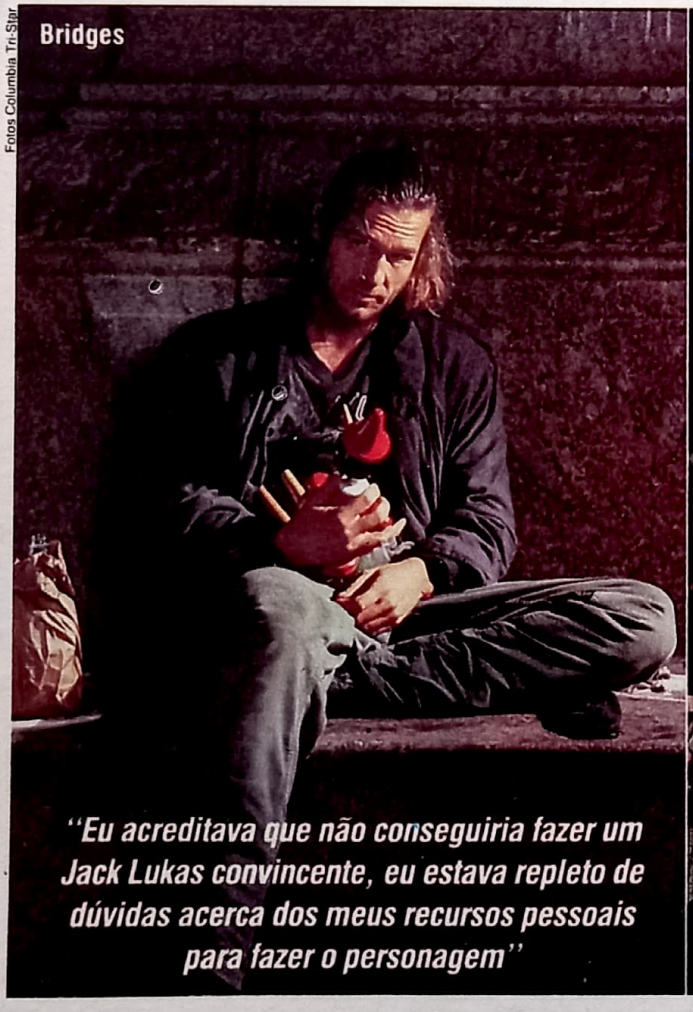
Os resultados já se fizeram notar: sucesso no festival de Veneza e sucesso de crítica. Os únicos reparos têm sido quanto ao final, que muitos crêem "feliz" demais. Gilliam, que acrescentou cenas e diálogos ao script, mas não alterou o final, responde: "É como estava escrito, e é um ótimo final. Você não pode ter aqueles personagens passando por um arco notável de trajetória existencial e, depois, atropelá-los com um trem. É desperdício de personagem e de história". *O Pescador...* já é um nome seguro no bolsão de indicações para o Oscar 92.
Ana Maria Bahiana

SET

The Fisher King, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Terry Gilliam ■ Com Robin Williams, Jeff Bridges, Amanda Plummer, Michael Jeter ■ ROTEIRO: Richard La-Gravenese ■ FOTOGRAFIA: Roger Pratt ■ MÚSICA: George Fenton ■ PRODUÇÃO: Debra Hill, Lynda Obst para a Hill/Obst ■ DURAÇÃO: 137 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

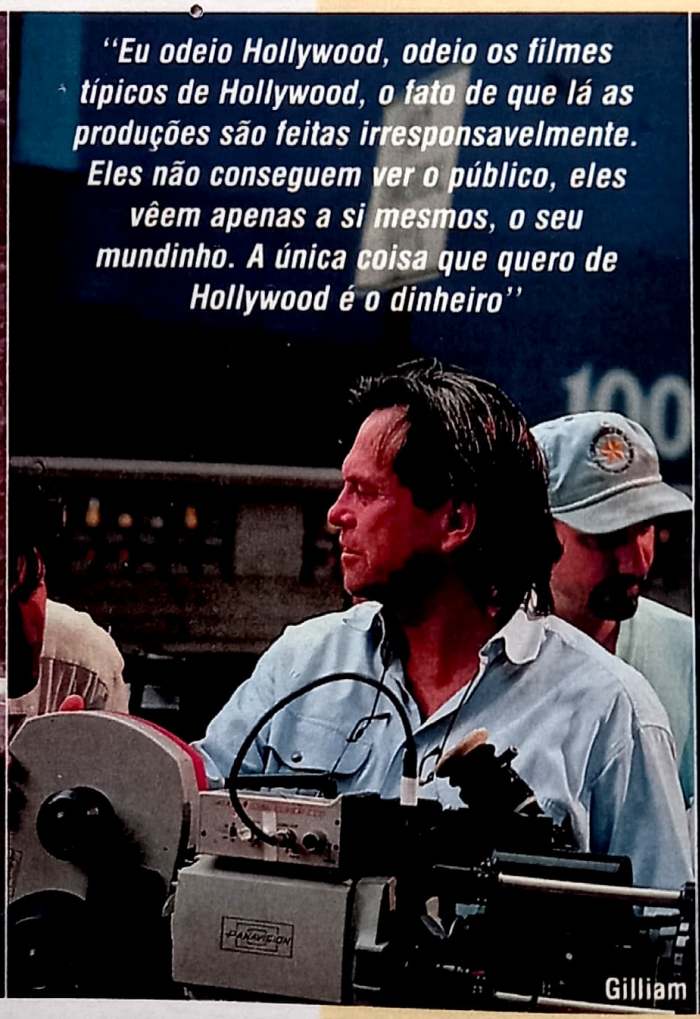
Você teria sido atraído por este papel porque ele lida com uma causa pela qual você sempre lutou, a do povo da rua, as pessoas sem casa?
ROBIN WILLIAMS — Não, não. Não é porque se trata de uma causa. É porque se trata de uma história surpreendente sobre cinco personagens fascinantes. Fiz este filme porque achei que conhecia o suficiente sobre o personagem para trazer algo à minha interpretação. Eu conheço um pouco sobre a vida do povo da rua. Algumas dessas pessoas têm um espírito incrível, um espírito indomável e

Fotos Columbia Tri-Star



Bridges

"Eu acreditava que não conseguiria fazer um Jack Lukas convincente, eu estava repleto de dúvidas acerca dos meus recursos pessoais para fazer o personagem"



"Eu odeio Hollywood, odeio os filmes típicos de Hollywood, o fato de que lá as produções são feitas irresponsavelmente. Eles não conseguem ver o público, eles vêem apenas a si mesmos, o seu mundinho. A única coisa que quero de Hollywood é o dinheiro"

Gilliam

*"Depois
Olive
infinita*

WILLIAMS

escadores

maluco e seus
iência de fazer um
sonhadores

estão dispostas a continuar em frente apesar de tudo. Eu acreditei que poderia trazer veracidade ao papel, e não transformá-lo em apenas mais um mendigo engraçadinho.

Este é o primeiro filme que você não escreveu, que você não originou. E, no entanto, ele se integra perfeitamente na sua obra, sem solução de continuidade. Por quê?

TERRY GILLIAM — Não é surpreendente? Não é impressionante que eu NÃO tenha escrito este filme? Eu li o script, e eu sabia que estava rolando pelos estúdios há quase dez anos. Quando o li, me soou inteiramente fascinante e, mais que isso, familiar. Era como se (o roteirista) Richard LaGravenese tivesse entrado na minha cabeça e roubado meus pensamentos e colocado todos eles no papel muito melhor do que eu o faria. Mas tem mais: depois de *Barão Munchausen*, que foi uma experiência extremamente extenuante para mim, eu estava determinado a fazer algo simples. Eu estava decidido a fazer algo de uma dimensão mais... humana. Algo que não me levasse à loucura. Algo que não me obrigasse a esforços estilísticos inacreditáveis. E este filme me pareceu ideal. E eu estava certo, este foi o filme mais fácil e tranqüilo de toda a minha vida.

ue tive de lidar com o personagem
Sacks, eu aprendi que a mente é
osso fazer uma variedade enorme
de papéis"

O papel de Jack Lukas, o disc-jóquei canalha que, afinal, encontra a redenção nas ruas de Nova York, parece uma escolha inusitada para você, que tem a imagem e o apelo de alguém extremamente simpático. Qual a atração de um personagem assim?

JEFF BRIDGES — Ele me lembrou muito o personagem que fiz em *O Fio da Suspeita*, alguém que é quase um sociopata, que é tão cheio de si mesmo, tão obcecado consigo próprio que é capaz de ser perfeitamente indiferente ao mundo à sua volta. Na verdade, apesar da idéia de trabalhar com Terry e com Robin sempre ter-me parecido atraente, eu relutei muito até aceitar este papel, pois acreditava que eu não conseguiria fazer um Jack Lukas convincente.

Quando *O Pescador de Ilusões* chegou até você, você já sabia que Robin Williams queria interpretar o papel de Parry, o mendigo medievalista. Qual foi sua reação? E como você optou afinal por Jeff Bridges?

GILLIAM — Robin é notável, é perfeito para o papel. É repleto de energia, uma bola atômica e, se há algo que um diretor precisa ter em mente quando trabalha com Robin, é que ele precisa extravasar esse vigor. Robin é como uma grande antena sintonizada em algum ponto do universo, repleto de humor, idéias e ironia, e você tem de deixar ele pôr essa potência para fora. Já a escalação de Jeff... havia sugestões. Aparentemente Billy Crystal estava interessado, mas eu não queria outra pessoa com um *background* em comédia, eu queria alguém firmemente centrado na realidade, alguém sensato, quase careta, para amarrar o projeto, para firmar tanto Robin quanto eu no chão, por assim dizer. Jeff me pareceu a melhor escolha. Ele é incrivelmente relaxado e preciso. Ele pode estar brincando no set, mascando chiclete e contando piada, eu grito "ação" e o personagem está lá, inteiro, diante da câmera.

Quais são seus sentimentos com relação a este personagem?

BRIDGES — Eu gosto de Jack. Eu não diria o mesmo de outros personagens que fiz. Eu passei por muitas coisas pelas quais ele passa; eu também já tive meus momentos de "oh, meu Deus, me ajude, eu serei bonzinho, eu farei isto e isto se Você me tirar desta". Jack é um cínico e, como todo cínico, ele é um romântico frustrado. Ele teve seus sonhos arrasados e desenvolveu uma carapaça para enfrentar a vida e ter sucesso. Ele é muito o resultado da era Reagan, da obsessão consigo mesmo, com o sucesso e a indiferença gananciosa dessa época.

Como seu personagem, você também estaria numa jornada de busca, numa espécie de missão?

WILLIAMS — Em busca do Santo Graal? Eu... eu... eu nem sequer posso pensar em estar a esse nível de busca, de compaixão... Minha busca seria, talvez, a de me forçar a procurar coisas cada vez mais diferentes. Depois que tive de lidar com o personagem Oliver Sacks (em *Tempo de Despertar*), eu aprendi que a mente é infinita, e posso fazer uma variedade enorme de papéis.

Com este projeto, você estaria de certa forma se aproximando de Hollywood, com quem você sempre teve uma relação extremamente conflituosa?

GILLIAM — Não, não, creio que não. Eu estou em Londres, eu moro em Londres, eu quero continuar morando em Londres e me mantendo o mais longe possível de Hollywood e de tudo o que ela representa. Eu odeio Hollywood, eu odeio os filmes típicos de Hollywood, o fato de que lá as produções são feitas irresponsavelmente e basicamente para fazer dinheiro e sustentar uma espécie de pirâmide invertida de burocratas, agentes, executivos e sanguessugas variadas, cuja única razão de viver é explorar o trabalho das pessoas criativas. As pessoas em Hollywood não sabem sequer o que o público pensa, o que o público quer ver. Em Londres eu posso ver gente de carne e osso, gente de verdade. Não, a única coisa que quero de Hollywood é o dinheiro. Me dê seu dinheiro, Hollywood, que eu sei como gastar!

A.M.B., de Los Angeles

Arestrup encantado com a *prima donna* Glenn

Warner

ENCONTRO COM VÊNUS

O mundo caótico e burocrático da ópera numa visão apaixonada

A orquestra tem problemas: precisa de mais intervalos para lanche, menos horas de trabalho nos ensaios e, é claro, um salário mais compensador. O coro não fica atrás: sente-se explorado e precisa de horas extras para acomodar as intermináveis reuniões de reivindicação. O diretor de arte tem problemas: sua visão pós-moderna de *Tanhauser* está mais para *Cabaret* que para Wagner, para desgosto profundo de solistas, coristas e, principalmente, patrocinadores. Que, por sua vez, têm problemas também: parece que toda essa generosidade cultural é apenas um disfarce para suas atividades antiecológicas, e há manifestantes aquartelados noite e dia na porta do teatro. Os solistas, todos, têm problemas: ciumeiras, paixonites, divórcios, crises de nervos, tramóias variadas. E é claro que a *prima donna* tem um superestoque de problemas: chega atrasada, odeia o maestro, tem acessos de estrelismo. No meio de tudo isso, que problemas pode ter o pobre maestro que, vindo de Budapeste, na Hungria, chega a Paris — "a cidade dos sonhos da nossa juventude", ele escreve, empolgado, a um amigo — armado de ilusões e nobres intenções: reger uma versão inesquecível de *Tanhauser*, na estréia da primeira companhia multinacional de ópera, a Opera Europa? Na verdade, é ele quem tem todos os problemas do mundo: não apenas ver seus sonhos estéticos sossobrarem num mar de burocracia e mediocridade, mas, pior que tudo, nem sequer conseguir ser pago por isso.

Essa trama, que os brasileiros hão de achar curiosamente semelhante às entranhas de nossas instituições culturais, forma o núcleo central dessa primeira comédia do diretor húngaro István Szabó, inspirada, segundo ele, em suas próprias experiências com a Opera de Paris, há seis anos, durante uma conturbada montagem do mesmo *Tanhauser*. Produzido por David Puttnam — o ex-*enfant terrible* da Columbia —, *Encontro com Vênus* triunfa sobretudo quando observa esse microcosmo em que arte, paixão e burocracia se encontram. A tentativa de estabelecer e desenvolver um romance entre o maestro (Niels Arestrup) e a *prima donna* (Glenn Close, excelente e dublada por Kiri Te Kanawa) é menos feliz: os dois parecem insulados em universos paralelos, menos interessantes que o *sturm und drang (o som e a fúria)* que se desfecha a sua volta.

Ana Maria Bahiana

Meeting Venus, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: István Szabó ■ Com Glenn Close, Niels Arestrup, Erland Josephson ■ ROTEIRO: István Szabó e Michael Hirst ■ FOTOGRAFIA: Lajos Koltai ■ MÚSICA: Richard Wagner ■ PRODUÇÃO: David Puttnam para a Enigma ■ DURAÇÃO: 117 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

HOMICÍDIO

David Mamet e seu num jogo de emoçõ surpreendente

Cineasta de *Jogo de Emoções* e *As coisas Mudam*, David Mamet se une mais uma vez ao seu "ator-fetiche", o excelente Joe Mantegna, num filme de seca originalidade. Como em seus filmes anteriores, Mamet conta uma história de poucos elementos. Em *Homicídio*, mesclam-se o complexo de inferioridade de um policial honesto (Joe) —

tor preferido
s

desprezado pela maioria dos colegas por gostar de inverter a velha fórmula "atire primeiro, faça perguntas depois" — à questão do sionismo e do anti-semitismo.

O que uma coisa tem a ver com a outra? O policial é um judeu não praticante.

Top Tape

Mantegna e o crime por resolver: ilusão

Top Tape

Não sabe hebraico nem ídiche. Não conhece as tradições mais elementares da cultura judaica. Quando uma senhora judia é assassinada em sua loja de doces, ele é encarregado do caso, e o aceita meio a contragosto (estava trabalhando na tentativa de prender um perigoso traficante). A família da morta insiste em que o crime fora motivado por racismo. Ele acha que é tudo paranóia, mas os fatos diante dos seus olhos aos poucos vão sugerindo o contrário. Cada vez mais desorientado, o tira começa a misturar as coisas, vendo no abandono das suas raízes judaicas — e no anti-semitismo do resto das pessoas — a explicação para a sua própria fraqueza. Fica obcecado pela idéia de se aliar a um grupo judeu armado. Perde aos poucos toda possibilidade de julgar o caso e dar continuidade à investigação.

O filme narra os fatos do ponto de vista do policial. E este é, como se vê a cada momento, quase sempre um ponto de vista equivocado. Ele é mesmo um fraco, e nem ao menos sabe o porquê.

Sua tentativa de se salvar pela raça e pela religião é manipulada e usada contra ele. Cada uma de suas expectativas se frustra e Mamet faz de tudo para que o espectador acompanhe cada uma dessas frustrações. Em *Homicídio*, nada acontece quando e como o espectador imagina.

David França Mendes

Homicide, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: David Mamet ■ Com Joe Mantegna, William H. Macy, Natalija Nogulich ■ ROTEIRO: David Mamet ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: Aeric Jans ■ PRODUÇÃO: Michael Hausman para a Edward R. Pressman-Cinehaus ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape

Flashstar

A doce Barbara à mercê de Hopper

PARIS TROUT

Dennis Hopper se esmera como vilão, num trágico tratado sobre a impunidade

Pegue o esquizofrênico personagem de Dennis Hopper em *Veludo Azul*, acrescente boas doses de crueldade, engorde-o sete quilos, e então você terá Paris Trout: um sulista tirano e racista no ano de 1949.

Comerciante, ele vende um carro que não funciona a um jovem negro. O rapaz devolve a compra e se nega a pagar a dívida. Num momento de fúria, Paris vai à casa do rapaz e atira na mãe e na irmãzinha deste. Paris é levado a julgamento, confiante de que a lei dos brancos o protegerá. Para isso, contrata o melhor advogado da cidade, Harry Seagraves (Ed Harris), que, por sua idoneidade, começa a sentir repulsa de Paris. Esse mesmo sentimento o faz aproximar-se da torturada esposa do réu, Hanna Trout (Barbara Hershey).

A tormenta é certa e o triângulo inevitável, mas as atuações são de primeira: Hopper está mais sórdido do que nunca; Barbara faz uma mulher envolvente e forte nos momentos mais difíceis; e Ed Harris, num papel que mistura razão e sensibilidade, prova que já atingiu o patamar dos grandes atores não devidamente reconhecidos. Bastante aflitivo, *Paris Trout* é um trágico tratado sobre a impunidade.

Walter de Silva

Paris Trout, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Stephen Gyllenhaal ■ Com Dennis Hopper, Barbara Hershey, Ed Harris ■ ROTEIRO: Pete Dexter, baseado em seu romance ■ FOTOGRAFIA: Robert Elswit ■ MÚSICA: David Shire ■ PRODUÇÃO: Frank Konigsberg e Larry Sanitsky ■ DURAÇÃO: 100 min. DISTRIBUIÇÃO: Flashstar

UMA SEGUNDA CHANCE

Dramalhão propõe uma nova fórmula para o homem dos anos 90

Trata-se de um legítimo *tearjerker* (arranca-lágrimas, com a sutileza de um hipopótamo) com uma lição de moral embutida. Advogado crápula e sem princípios humanos básicos, dado a pisotear o povão toda vez que defende uma empresa poderosa, mais temido do que amado pela própria família (costuma humilhar a filha única com pitos em latim), forte candidato ao troféu Escória do Universo, Henry Turner (Harrison Ford) sai em busca de cigarros e leva um tirombaço no meio das idéias quando chega à vendinha justamente no meio de um assalto, quase morre, perde a memória e retorna ao mundo dos vivos com uma nova chance de reaprender O Verdadeiro Significado da Vida.

O diretor Mike Nichols (o mesmo que nos deu *A Primeira Noite de Um Homem* e o mais recente *Uma Secretária de Futuro)* usa quase a mesma rota escolhida por Jerry Zucker em *Ghost — Do Outro Lado da Vida* para forçar um homem sem sentimentos (no caso de *Ghost...* era um homem de emoções trancafiadas pela vergonha de parecer manteiga derretida) a se regenerar perante a Humanidade e a aprender a dizer "eu te amo" ao mundo que antes desdenhava, em especial a sua dedicadíssima (e vitimada) esposa (Annette Bening): à força de inúmeros golpes baixos no coração da moçada que vai ao cinema. Típico papo de quem quer exorcizar a culpa dos gananciosos anos 80.

Uma Segunda Chance chegou às telas americanas junto com uma leva generosa de *meas culpas* cinematográficas, filmes como *City Sliekers* (estrelado por Billy Crystal), *The Doctor* (William Hurt) e mesmo *O Exterminador do Futuro 2* (e por que não?, afinal o Schwarzenegger dos anos 90 se bandeou para o lado do Bem), que não apenas passam uma carraspana na falta de humanidade da última década como oferecem ao mundo uma nova fórmula de homem: sensível, cheio de consideração para com os seus. O Exterminador pode usar uma metralhadora que mais parece um lança-mísseis Patriot, mas no fundo, no fundo, ele quer aprender a chorar. E uma das primeiras coisas que o advogado Turner faz, após se desligar de seu passado de rolo compressor, é descolar um totó amigo.

O melhor de assistir a outra grande atração de *Uma Segunda Chance*, no entanto — Annette Bening, indicada para um Oscar ano passado por *Os Imorais* —, é saber que daqui a pouco entra em cartaz seu novo (e potencialmente melhor) filme, *Bugsy*, co-estrelado pelo pai de seu filho, um tal Warren Beatty.

José Emílio Rondeau

Uma bala perdida faz do crápula Ford um bom moço

Regarding Henry, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Mike Nichols ■ Com Harrison Ford, Annette Bening, Bill Nunn ■ ROTEIRO: Jeffrey Abrams ■ FOTOGRAFIA: Guiseppe Rotunno ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ PRODUÇÃO: Mike Nichols e Scott Rudin para a Paramount ■ DURAÇÃO: 107 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

UIP

UIP

Os desajustados Viggo Mortensen e Dennis Hopper: entretidos num mundo bastante particular

UNIDOS PELO SANGUE

Cansado de interpretar, Sean Penn dirige seu primeiro filme

Contam as lendas que, muitos e muitos anos atrás, Sean Penn estava em casa ouvindo o álbum *Nebraska*, de Bruce Springsteen, quando lhe bateu um raio fulminante de inspiração: uma das canções, a balada "Highway Patrolman", era, na verdade, o roteiro de um filme. Tão obcecado Penn ficou com a idéia, que sua namorada na época — não, não era Madonna e sim Pam Springsteen, irmã caçula de Bruce — sentiu-se na obrigação de ligar para o irmão e pedir-lhe a bênção para o ainda não realizado projeto. Bruce, que tem fama de jamais endossar essas coisas, concordou. Em trinta dias, Penn escreveu e revisou o roteiro, imaginando-se no papel de Frank, o violento, impulsivo, mal resolvido irmão caçula de Joe, o patrulheiro rodoviário (qualquer semelhança com a vida real, presume-se, não é mera coincidência). Findo o roteiro, Penn fez outra descoberta: não, ele não queria trabalhar como ator neste filme, queria dirigir o roteiro que acabara de escrever.

Durante quase uma década, enquanto Penn, tumultuadamente, casava e descasava-se de Madonna, e fazia belas performances em filmes que ninguém ia ver, como *Não Somos Anjos*, *Pecados de Guerra* e *Tiro de Misericórdia*, o roteiro do que viria a ser *Unidos pelo Sangue* rolou despreocupado por Hollywood, assinado com o pseudônimo J. Club McPhee (que Penn informava ser um amigo seu, cumprindo pena de prisão perpétua em San Quentin). E, com esta lenda atrelada a reboque, o filme finalmente achou seu rumo: nas mãos do produtor Thom Mount ("Não me interessa quem é esse roteirista, este é um grande filme!", ele teria dito), que, em 1990, lançava sua produtora independente e rica, calçada em gordos investimentos japoneses.

Atrás da lenda, felizmente, há um bom filme e um diretor promissor. Penn, que jura estar enfadado com o ofício de ator e plenamente dedicado a sua nova ocupação, demonstra claramente um domínio completo da gramática e da sintaxe cinematográficas: a história singela de Joe e Frank, os irmãos em trajetórias não necessariamente de colisão, mas dolorosamente divergentes, é contada com delicadeza, sensibilidade, um olho agudo para a caligrafia da câmera e um tino certo na escolha dos atores, os desconhecidos David Morse (Joe) e Viggo Mortensen (Frank), mais pequenas porém preciosas participações de Charles Bronson (o pai), Sandy Dennis (a mãe) e Dennis Hopper (Caesar, o barman que pode ou não ser o Diabo). Apenas Valeria Golino, como a "chicana" Maria, parece um disparate.

Um corte de uns quinze minutos lá pelo meio do filme também faria bem para a paciência do espectador, mas diretores mais experientes já fizeram erros maiores que os discretos pecadilhos de *Unidos pelo Sangue*. Uma virtude a mais: a excelente trilha sonora, em que Janis Joplin, Traffic, The Band se misturam com os belíssimos blues escritos por Jack Nitzsche.

Ana Maria Bahiana

Columbia Tri-Star

The Indian Runner, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Sean Penn ■ Com David Morse, Viggo Mortensen, Valeria Golino, Patricia Arquette ■ ROTEIRO: Sean Penn ■ FOTOGRAFIA: Anthony B. Richmond ■ MÚSICA: Jack Nitzsche ■ PRODUÇÃO: Don Philips para a Mount Film Group ■ DURAÇÃO: 126 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

A LENDA DO SANTO BEBERRÃO

Vida de mineiro bebum soa como alegoria do cinema italiano

Ermanno Olmi é conhecido no Brasil por *A Árvore dos Tamancos* — uma exaltação poética ao camponês em detrimento da burguesia do final do século passado. Sucesso em Cannes, essa produção de 1978 revelou seu talento para o mundo. Seu nome é associado ao neo-realismo e, já em 1961, havia ganho o Prêmio da Crítica em Veneza com *O Posto*. Preocupado com as relações entre o trabalho e a vida pessoal, Olmi sempre procurou evidenciar sua crença nas virtudes da terra e do trabalhador rural.

Em *A Lenda do Santo Beberrão*, Olmi desloca sua câmera do campo à cidade — mais propriamente a Paris. Mas a fotografia não esquece seus tons naturalistas através de jogos de sombra e luz. O roteiro pontua as agruras e a sorte de um mineiro — Rutger Hauer, o andróide de *Blade Runner* — que, saído da Itália, busca uma vida nova, esquecendo o trágico passado. Estrangeiro, vive como mendigo sob uma ponte. Exortado a intermediar uma dívida com Santa Terezinha, ele nunca consegue realizá-la. As memórias e uma série de percalços interferem em sua vida, impedindo que cumpra sua promessa. Aos poucos, o filme adquire aspectos surrealistas e as imagens vão sendo devoradas entre um copo de vinho e outro ao som de Stravinski, de modo que não se saiba mais distinguir o sonho do real.

O filme soa como uma alegoria do cinema italiano, intimista e nostálgico, como demonstram suas últimas produções (*Cinema Paradiso, Estamos Todos Bem*).

Paulo Masella

The Legend of the Holy Drinker, Itália, 1989 ■ DIREÇÃO: Ermanno Olmi ■ Com Rutger Hauer, Anthony Quayle ■ ROTEIRO: Ermanno Olmi e Tullio Kezich, baseado num conto de Joseph Roth ■ FOTOGRAFIA: Dante Spinotti ■ PRODUÇÃO: Roberto Cicutto/Mario e Vittorio Cecchi Gori para a Aura Film, Cecchi Gori Group, Tiger Cinematografica e RAI Channel 1 ■ DURAÇÃO: 93 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora Filmes

Pandora

Malkovich deseja Andie que deseja o objeto

Art Films

OBJETO DO DESEJO

O valor e a beleza da obra de arte numa comédia romântica

Com o título em português forçando uma inevitável associação com *Esse Obscuro Objeto de Desejo*, de Buñuel, este filme de Michael Lindsay-Hogg se apropria literalmente de um famoso busto criado pelo escultor Henry Moore para desenvolver um discurso sobre a relação entre a beleza e o dinheiro em seus diversos níveis éticos, estéticos e morais.

Jake (John Malkovich) e Tina (Andie MacDowell) formam um casal perfeito e apaixonado, compatíveis em tudo, no refinamento e elegância, no gosto pelo conforto e pelo ócio. Mas, um revés financeiro os faz perder tudo, e apenas a rara estátua, presente do marido de Tina, pode evitar que eles tenham de descer de seu pedestal de veleidades e encarar a realidade da mais completa dureza. Só que a obra desaparece misteriosamente, para desespero do casal que vê a ruína iminente pôr em risco sua relação. Mas, sob um outro ponto de vista, a estátua também é importante para Jenny (Rudi Davies), uma jovem camareira de um hotel — ela é surda-muda e descobre na estátua uma magia capaz de dar algum encanto à sua miserável vida.

Objeto do Desejo oscila entre uma comédia inconseqüente, um romance sofisticado e um óbvio discurso desmistificador da burguesia. Revela o fascínio

Rutger, de copo em copo: promessa incumprível

exercido pela peça artística nos três personagens distintamente: no *bon vivant*, pela possibilidade que lhe oferece de recuperar sua vida de fausto; para Tina, evoca seu ex-marido, símbolo da segurança emocional e financeira que não encontra em sua paixão por Jake; e, por fim, na surda-muda Jenny, que, alheia ao valor comercial e artístico da obra, se deixa seduzir pura e simplesmente.

Para o diretor Lindsay-Hogg os humildes continuam miseráveis, e os calhordas permanecem calhordas, só que com um pouco mais de ternura.

Cristina Nastasi

The Object of Beauty, EUA/Inglaterra, 1991 ■ DIREÇÃO: Michael Lindsay-Hogg ■ Com John Malkovich, Andie MacDowell, Rudi Davies ■ ROTEIRO: Michael Lindsay-Hogg ■ FOTOGRAFIA: David Watkin ■ MÚSICA: Tom Bähler ■ PRODUÇÃO: Jon S. Denny para a Avenue Pictures e BBC Films ■ DURAÇÃO: 101 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

EUROPA

Melodrama de apuro visual transmite emoções frias

Lars Von Trier é um dos mais prestigiados jovens cineastas europeus. Aos 28 anos, realizou o premiado *O Elemento do Crime* (1984), logo seguido por *Epidemic* (1986), ambos inéditos em circuito comercial no Brasil. Seus filmes, "neo-expressionistas", são cheios de efeitos plásticos produzidos por truques de lentes e macetes cenográficos, atores de rostos bem marcados, endurecidos pela fotografia contrastada. *Europa* é radical nessa opção. Usando um recurso técnico relativamente simples (a velha "back projection"), Trier compõe suas cenas sobrepondo duas imagens: uma em cor e outra em preto-e-branco, por exemplo; ou uma filmada com lente grande-angular e outra com teleobjetiva. O efeito disso é a possibilidade de compor um espaço elástico, no qual dois personagens ocupando um mesmo recinto podem ser "descolados" um do outro ou isolados do cenário.

Europa começa como uma sessão de hipnose, a voz de Max Von Sydow sobreposta à imagem rítmica dos batentes de uma estrada de ferro passando por baixo da câmera. Ele conta até dez, a cada algarismo propondo uma imersão mais profunda no torpor e avisando que à contagem de "dez" estaremos "em *Europa*".

"Dez!"; corte para a Alemanha do imediato pós-Segunda Guerra Mundial, na decadente estação ferroviária de uma cidade devastada pelos bombardeios aliados. Um jovem americano filho de alemães (Jean-Marc Barr, de *Imensidão Azul*) procura seu tio, um velho neurótico, obcecado pelos absurdos regulamentos da companhia férrea para a qual trabalha, a Zentropa. Ele arruma um emprego para o sobrinho na companhia, como camareiro do vagão-leito. Começam as viagens por uma Alemanha com cara de Terceiro Mundo: empobrecida e violenta. Sedutor pela beleza plástica, *Europa*, no entanto, jamais chega a arrebatar. Sua frieza é impressionante. A história contada é um melodrama por demais estilizado, descarnado de emoções. Mas vale a pena assistir, pela originalidade e o apuro visual.

David França Mendes

Europa, Dinamarca/França/Alemanha, 1991 ■ DIREÇÃO: Lars Von Trier ■ Com Jean-Marc Barr, Barbara Sukowa, Udo Kier ■ ROTEIRO: Lars Von Trier e Niels Vorsel ■ FOTOGRAFIA: Henning Bendtsen, Edward Klosinky e Jean-Paul Meurisse ■ MÚSICA: Joakim Holbek ■ PRODUÇÃO: Peter Aalbeck Jensen e Bo Christensen para a Nordisk Film & TV-Gunnar Obel-Gerard Mital ■ DURAÇÃO: 114 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar

Flashstar

Em *back* + *projection* (sobreposição de imagens), Jean-Marc Barr em busca do tio

BARTON FINK — DELÍRIOS DE HOLLYWOOD

Os irmãos Coen e sua reflexão sobre o cinema, premiada em Cannes

Os irmãos Joel e Ethan Coen não são mais os mesmos. De diretores "alucinados" passaram para o rol dos "consagrados" com *Barton Fink*, premiado no Festival de Cannes deste ano como melhor filme e direção. John Turturro, no papel-título, ganhou como melhor ator. O presidente do júri, Roman Polanski, ao declarar que o prazer seria imperativo, talvez estivesse apenas jogando uma frase de efeito. *Barton Fink* não se resume a isso. O filme pode ser encarado como uma tragicomédia em que figuram todos os ingredientes que deram fama aos Coen: apuro técnico, câmera virtuosa, ação mirabolante, reviravoltas no roteiro, tipos marginais e caricatos. Mas o que salta aos olhos e o transforma a um só tempo num espetáculo hedônico e reflexivo é menos o estilo e mais o processo de criação que ele retrata.

Por mais fácil que seja identificar no roteiro traços que se assemelham biograficamente à carreira dos irmãos, não deixa de surpreender o fato de que *Barton Fink* corresponde a uma experiência real de Joel e Ethan.

Em 1987, eles estavam com problemas no roteiro de *Ajuste Final*. Cada vez que tentavam reescrevê-lo, tornavam-no mais complicado. O único meio de sair dessa crise foi personificá-la através de uma outra história, a de um certo Barton Fink, um autor teatral contratado por Hollywood, que enfrenta um bloqueio criativo no seu primeiro trabalho para o cinema.

Moveram-se neste terreno perigoso — o das referências pessoais, que geralmente resvala na megalomania, quando não atola em clichês. Mas não caíram na armadilha, assim como, nos anteriores, não se restringiram a repetir fórmulas ao trabalhar com gêneros já consagrados. Se *Gosto de Sangue* subverte as regras do policial noir num jogo em que os papéis de gato e rato se confundem, *Arizona Nunca Mais* é uma rara comédia com bebês que não é acéfala, e *Ajuste Final* um hipotético *gangstermovie* que coloca em primeiro plano o ato de trair ou confiar e não apenas matar ou morrer, em *Barton* a inspiração é ainda o próprio cinema. Não como exercício frouxo de metalinguagem, mas um olhar introspectivo e sagaz sobre uma Hollywood babilônica.

Quem espera o ritmo delirante dos outros filmes da dupla ou ainda o glamour e a fantasia hollywoodianos vai encontrar uma atmosfera modorrenta e lúgubre. A maior parte da ação se passa no hotel onde Barton vai morar. Art-decô, cores desbotadas, uma perene nuvem de poeira: a impressão é de que se trata de um mausoléu. Aliás, a seqüência inicial é toda pontuada sensorialmente. Não há diálogos. A câmera, quase sempre subjetiva, se arrasta pelo imenso corredor acompanhando a chegada de Barton ao seu novo lar — um quarto sombrio com mobília velha e papel de parede despencando, onde faz um calor dos infernos. A única visão paradisíaca está pendurada na parede: uma foto retocada com cores vivas, em que uma mulher, sentada na praia, observa o mar. Por vezes ela servirá de alento em meio ao pesadelo que Barton vai viver.

E ninguém melhor para encarnar este personagem gauche, angustiado e sonhador, do que o ator John Turturro — merecidamente premiado em Cannes. Turturro poderia ter sido estigmatizado nos papéis de judeu ou italiano, não fosse ele um dos raros talentos do momento a esbanjar versatilidade. O pizzaiolo racista de *Faça a Coisa Certa*, o mesquinho gerente do night club de *Mais e Melhores Blues*, o judeu cínico que implora piedade em *Ajuste Final* e o carcamano tímido e dedicado de *Febre da Selva* foram papéis pequenos, mas nunca menores.

Através da interpretação de Turturro, Barton Fink assume ares de herói quixotesco. A empatia exercida por ele é valorizada pela direção, que nos faz cúmplices de seu protagonista. Só ficamos conhecendo os outros personagens à medida que Barton os encontra. Jack Lipnick (Michael Lerner) é caricato como a maioria dos chefes de estúdio deviam ser nos anos 40. Contratou Barton para escrever um roteiro para um filme de luta livre. Queria alguém com molho diferente. Dá uma lista de todos os elementos indispensáveis para o gênero: muita ação, algum romance e, quem sabe, um órfão. Charles Meadows (John Goodman) é um tipo familiar que se torna o único amigo de Barton, que o vê como parte de seu público-alvo. Era sobre e para homens como Charles que Barton fazia teatro — dando poesia e consciência social para o povo.

Barton (Turturro) e sua descida aos infernos de Hollywood: a sessão solitária em busca da inspiração perdida, o apoio da amiga (Judy Davis), o envolvimento com a polícia

Fotos Art Films

Seguindo a dica de um produtor, o roteirista procura se aconselhar com outros profissionais experientes e se decepciona com um de seus preferidos, W.P. Mayhew (John Mahoney), alcoólatra incapaz de escrever sem a ajuda da secretária-amante (Judy Davis).

Enfim, nada nem ninguém consegue tirar a mente de Barton do estado letárgico em que se meteu. Ele continua suando em bicas diante de uma folha em branco, enquanto os estúdios querem ver resultados; os mosquitos sugam-lhe o sangue e o calor descola progressivamente o papel de parede (usado aqui para marcar o tempo, assim como os peixes em *Gosto de Sangue* ou o chapéu em *Ajuste Final*).

Coerentes com seus outros filmes, os Coen prepararam uma surpresa para o desenlace de *Barton Fink*. O fim traduz o cinema de Joel e Ethan, que vai do idílico ao infernal na velocidade de uma *steadicam*.

Lorena Calabria

Barton Fink, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Joel Coen ■ Com John Turturro, John Goodman, Judy Davis ■ ROTEIRO: Ethan Coen e Joel Coen ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ PRODUÇÃO: Ethan Coen para a Circle Films ■ DURAÇÃO: 116 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Um raro desenho de Mickey pelo próprio punho do criador

Walt Disney

Liaison Gamma-Sigla

WALT DISNEY

Sr. Cartoon

NBC — TV Network

O homem que revolucionou o desenho animado acreditava que não fazia arte, mas conseguiu dar simpatia a um rato

Se estivesse vivo, Walt Disney faria 90 anos em dezembro. Claro que ele não morreu de todo, pois seu nome está espalhado por centenas de publicações no mundo e batiza dois quase países, os paraísos infantis da Disneylândia e Disney World. Tudo isso constitui um império muito vivo que fatura horrores.

Disney nasceu em 1901, em Chicago. Desenhando desde criança, freqüentou a Escola de Belas-Artes e tornou-se, aos 16 anos, caricaturista em jornais. Com Ub Iwerks fabrica uma câmera e uma série de imagens que vende para Milton Feld, e depois outra série de desenhos com a personagem Alice, de Lewis Carroll.

Seu primeiro personagem popular, Mickey Mouse, deriva do rato Mortimer, que tinha calças mais compridas e um focinho proeminente. Logo a sra. Disney sugere o nome de Mickey para o ratinho. Segundo Disney, "Mickey devia primeiro ser simples. Devíamos produzir mais de 200 metros de filme a cada quinze dias: eranos preciso um personagem fácil para desenhar. Sua cabeça era um círculo e seu focinho uma oval. Suas orelhas, duas rodas que permaneciam redondas em todas as posições. Seu corpo tinha a forma de uma pêra e sua cauda era muito longa. Suas patas se enfiavam em enormes sapatos, que lhe davam o ar de uma criança que teria posto os sapatos de seu pai. Como ele devia ter o ar humano, não lhe dotamos de garras de rato, mas de luvas, e cinco dedos sendo demais para um cavalheiro tão pequeno, só lhe concedemos quatro. Isso fazia um a menos para pôr em ação. Para simplificar certos detalhes, Mickey foi vestido com um calção e privado de todos os pêlos e bigodes que teriam atrasado o trabalho, ainda que isso tornasse mais difícil a aparição de sua personalidade".

Nos anos 40, com a criação de uma vasta equipe de produção reunida nos Estúdios Disney e em Burbank, o personagem tornou-se mais sofisticado, com um traço fino e moderno, ganhando cílios, sobrancelhas, um corpo delgado e um focinho menor. Mas o Mickey original definiu para sempre o estilo arredondado das figuras, o chamado estilo em "O", de Walt Disney. O escritor William Faulkner pretendia escrever para o Mickey ao ser contratado por Hollywood. Quando soube que pertencia aos Estúdios Disney,

pediu então para escrever o texto dos cinenoticiários. Eram as únicas coisas de que ele gostava no cinema.

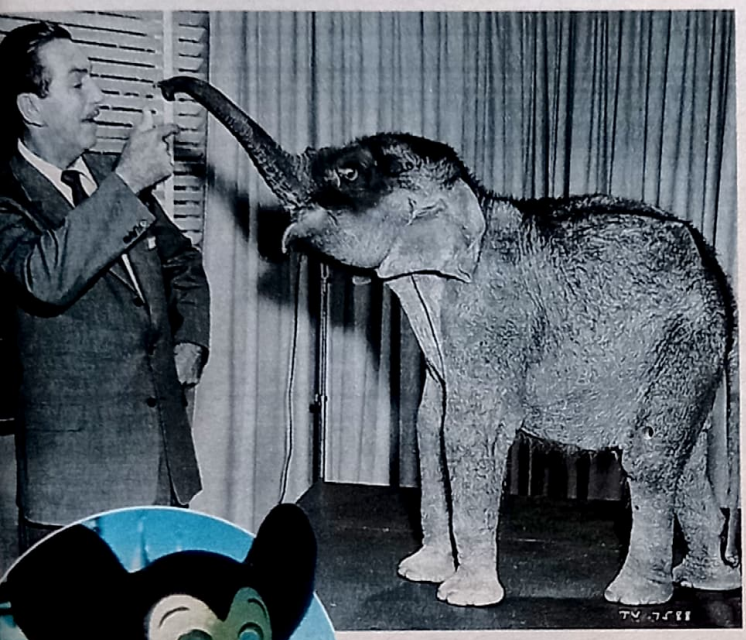
São conhecidos, hoje, apenas seis desenhos de Mickey de autoria do próprio Disney: cinco têm o tamanho de um selo e o sexto — medindo 34x36 cm —, datado de 1935, foi feito no livro de convidados de um cineasta famoso em Hollywood por suas festas requintadas e vendido num leilão de Nova York, em 1989, por 110 mil dólares.

Disney foi o pai da sofisticação no desenho animado. Clássicos como *Pinóquio* (1939), *Fantasia* (1940), *Cinderella* (1950) e *A Guerra dos Dálmatas* (1961), só para ficar em alguns, transformaram cartoons em obras de arte. Não que Disney entendesse muito de arte. No seu jeitão meio chucro, afirmou, diante da versão final da "Pastoral" que sua equipe tinha preparado para *Fantasia:* "Puxa, isso vai consagrar Beethoven". A equipe também fez "arranjos" para a partitura de "Sagração da Primavera", de Igor Stravinski, que qualificou a adaptação de "imbecilidade indefensável".

"Eu nunca chamei isso de arte", Disney comentou no final da vida. "Isso é *showbusiness* e eu sou um *showman.*" Tanto ele entendia de arte que utilizou o corpo de Marilyn Monroe como modelo da fada Sininho, em *Peter Pan* (1953). O relançamento muitíssimo bem-sucedido de *A Guerra dos Dálmatas* nos EUA é uma prova da perenidade da indústria que ele construiu. A história dos cachorros pintalgados já rendeu cerca de 60 milhões de dólares na segunda edição.

Quando morreu, em 1966, Disney colecionava 48 Oscar na prateleira.

SET



Walt Disney

Disney com o astro paquidérmico de seu programa na TV, com um Mickey na Disneylândia e a cena preferida de *Cinderella*

Warner

CINDERELLA

O clássico que salvou o império Disney da ruína financeira

O relançamento de Cinderella *nos cinemas, às vésperas do Natal, certamente trará um pouco daquela inocência perdida, tão salutar nestes tempos de exterminadores, kickboxers, fúrias mortais e vacas magras.*

Resenhá-lo é covardia. Pois até quem nunca viu este clássico conhece a história da Gata Borralheira, que ao perder o pai vira empregada doméstica da madrasta e suas duas filhas, umas megeras. A garota tem uma vida de cão mas, apesar de todo o terrorismo sofrido, canta com os passarinhos e acaba se casando com um príncipe, depois de ir ao baile real trajando uma indumentária que incluía sapatinhos de cristal fornecidos graciosamente por uma fada madrinha.

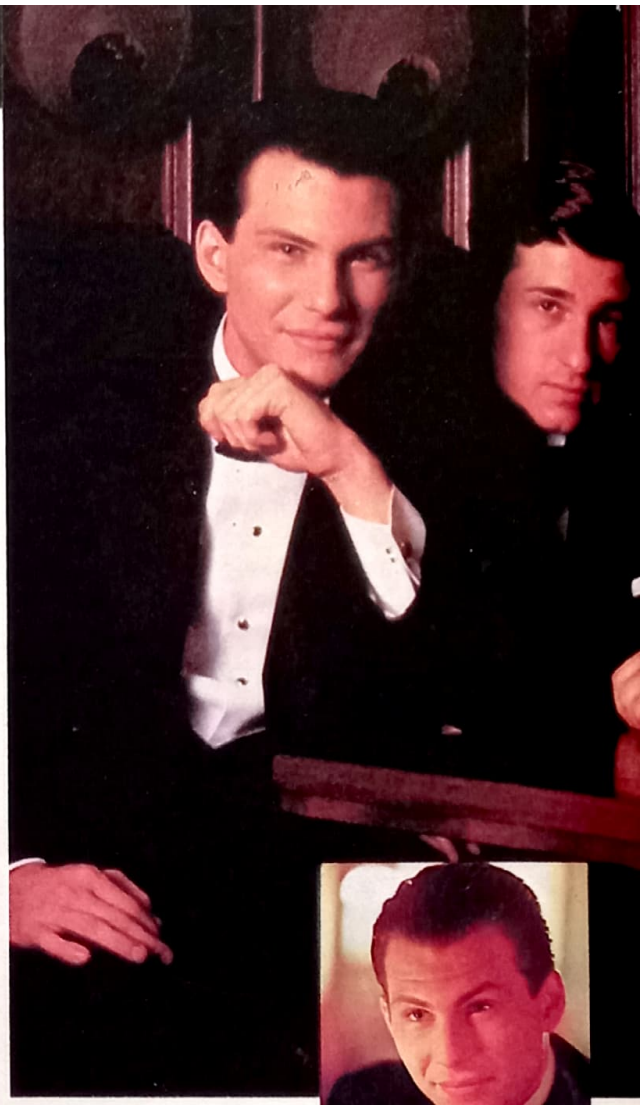
O que poucos sabem é que foi Cinderella *que tirou os Estúdios Disney de um apuro financeiro quase incontornável depois da Segunda Guerra. O próprio Disney não queria produzi-lo, mas foi devidamente dissuadido e, ao concordar em fazê-lo, permitiu que a bilheteria de 4 milhões de dólares pagasse o 1,7 milhão que os estúdios deviam. No final, ele admitiu que era o seu desenho preferido.*

Outra curiosidade é que uma bela garota ruiva de 18 anos, Helene Stanley, filmou todas as seqüências em que aparece Cinderella, *possibilitando à equipe de Disney desenhar a personagem a partir do filme. A mesma menina havia sido modelo de* A Bela Adormecida, *daí a semelhança entre as duas. Também a música "Bibbidi-Bobbidi-Boo" faturou o Oscar de melhor canção naquele ano de 1950. Depois de quarenta anos,* Cinderella *ainda mantém seu poder de encanto.* Walter de Silva

Cinderella, EUA, 1949 ■ DIREÇÃO: Walt Disney, Wilfred Jackson, Hamilton Luske, Clyde Geronimi ■ ROTEIRO: William Peet, Erdman Penner, Ted Sears, Winston Hibler, Homer Brightman, Harry Reeves, Kenneth Anderson, Joe Rinaldi, a partir do clássico original de Charles Perrault ■ CANÇÕES: Mack David, Jerry Livingston e Al Hoffman ■ PRODUÇÃO: The Walt Disney Company ■ DURAÇÃO: 74 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Carne Nova no Pedaço

Hollywood se empenha na procura de rostinhos novos. Os *mobsters* de *Império do Crime* fazem parte do pacote



Oito anos depois do lançamento de *Vidas Sem Rumo* (*The Outsiders*, 1983), a indústria cinematográfica americana prepara mais um novo "pacote" de rostinhos novos para ocupar as vagas deixadas pelos *brat pack*, hoje adultos e famosos. Matt Dillon, Ralph Macchio, C. Thomas Howell, Patrick Swayze, Rob Lowe, Emilio Estevez, Tom Cruise — todos lançados praticamente ao mesmo tempo naquele filme de Francis Ford Coppola — conseguiram trilhar suas próprias carreiras individuais, com o sucesso possível que cada um conquistou ou mereceu.

Parte do pacote dessa vez chama-se *Mobsters* e apresenta quatro garotos, alguns já conhecidos pelo público. Christian Slater, Patrick Dempsey, Richard Grieco e Costas Mandylor são os quatro jovens mafiosos da década de 20 — "Lucky" Luciano, Meyor Lansky, Bubsy Siegel e Frank Costello. A história "séria" de um grupo de jovens do East Side de Nova York, em ascensão na Máfia americana, é, afinal de contas, uma alegoria. Os "mobsters" reais nem eram tão garotos e tão contemporâneos assim. Na verdade, Costello era seis anos mais velho que Luciano, tinha onze primaveras a mais que Lansky e contava quinze anos mais do que Siegel. A chave do filme, porém, está nas mãos de Luciano (Slater), líder da gangue italiana que, com Costello (Mandylor), outro membro da "família", faz uma aliança com os judeus Lansky e Siegel (Dempsey e Grieco).

A bagagem cinematográfica deles, realmente, ainda é pequena. Patrick Dempsey é um ator que, embora tenha um currículo pouco eclético, usa a etiqueta do "Método" em suas criações. Para seus papéis ele exige, sempre, uma preparação intensiva. Foi o primeiro dos protagonistas a fazer uma pesquisa sobre seu personagem; queria, ainda, mais tempo para se preparar e insistiu em usar uma prótese nas orelhas para se fazer mais próximo da figura de Lansky (com esse par de abanos falsos, quem sabe ele concorra ao posto deixado por Dr. Spock na nave Enterprise...).

Slater, por sua vez, é um ator mais "de instinto". Quando recebeu da produção um estudo da personalidade de "Lucky" Luciano, argumentou que levaria semanas para ler aquilo e disse que só iria dar uma olhada no que achasse necessário.

Durante as filmagens, *Mobsters* recebeu um apelido inevitável (ver box), mas o produtor Steve Roth prefere chamar os garotos de *Young Buns With Tommy Guns* ("Bundas Jovens com Metralhadoras"). O diretor Michael Karbelnikoff, que tem em seu currículo "cinematográfico" alguns anúncios da Levi's e da Coca-Cola, afirmou que seu trabalho consistiu em tirar bom proveito da atuação dos moleques. "Na cabeça deles, todos que-

UIP

CHRISTIAN SLATER
Com 22 anos já tem um currículo de dar inveja aos companheiros de *Mobsters*. *O Nome da Rosa* lhe deu oportunidade de ser pupilo de Sean Connery; foi filho de Jeff Bridges em *Tucker* e comprou briga com Kevin Costner em *Robin Hood*. Precisou passar por clínicas de desintoxicação e jura ter dito não às drogas. Em *Atração Mortal* encarnou um perigoso suicida e seu ar irônico fez com que os críticos o comparassem a Jack Nicholson. Talvez seja o maior talento de sua geração. Está também em *Jovem Demais para Morrer*, *Skates — Na Pista da Morte* e *Pump of the Volume*, este ainda inédito por aqui.

LARA FLYNN BOYLE
É a Donna de *Twin Peaks*. Por isso mesmo conseguiu seu lugar em *Mobsters*, como a namorada de Christian Slater, mas o produtor a confundiu com Sherilyn Fenn. Sua história no cinema ainda é curta. O mais recente trabalho da atual namorada de Kyle MacLachlan é uma comédia romântica, *May Wine*, rodada em Paris, que ela considera como "um velho filme de Doris Day". Será Lara a nova virgem do cinema?

IMPÉRIO DO CRIME

São os *Mobsters*, quatro moleques brincando de James Cagney

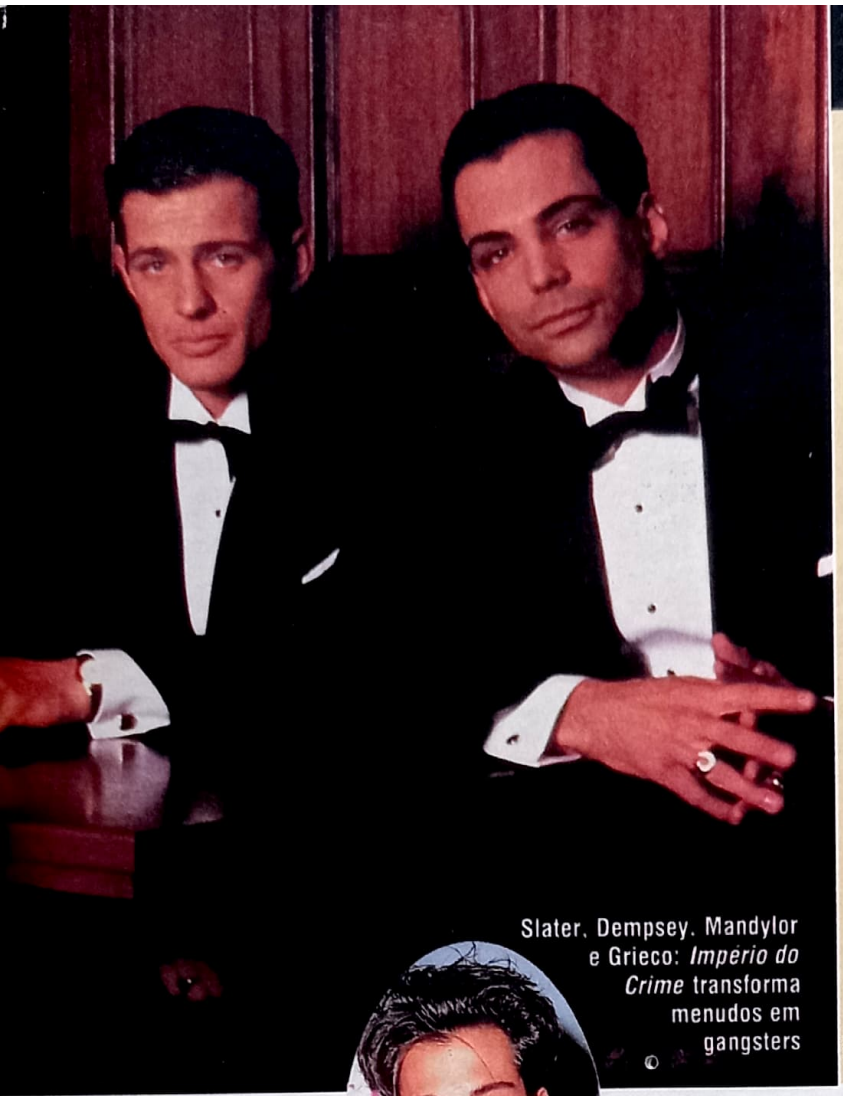
Nos Estados Unidos, Mobsters *foi apelidado de* Young Tommy Guns *("Jovens Metralhadoras"), ao mesmo tempo chiste e trocadilho ligando os dois filmes da série* Young Guns *(considerados por muitos nada além de faroestes de butique) a essa versão "menudo" do clássico de gângster.*

Se alguém achar despropositado o paralelo e injusta a gozação, é porque não viu Mobsters. *Como no faroeste pós-MTV quase exclusivo para as meninas adolescentes vítimas da Ditadura (sem trocadilho) dos Hormônios,* Mobsters *é o triunfo da forma e do marketing sobre o conteúdo. O elenco de gatos (em vez — e/ou em detrimento a — de "atores") se resume a um ator promissor (Christian Slater, o "Lucky" Luciano do filme) e três boas-pintas com um reduzido repertório de biquinhos e caras-de-mau, todos brincando de James Cagney.*

E alguém consegue explicar o que fez Anthony Quinn (como um chefe mafioso de apetite prodigioso) aceitar um papel nessa patetada (além da grana, logicamente)?

José Emílio Rondeau

Mobsters, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Michael Karbelnikoff ■ Com Christian Slater, Patrick Dempsey, Richard Grieco, Costas Mandylor ■ ROTEIRO: Michael Mahern e Nicholas Kazan, a partir da história de Mahern ■ FOTOGRAFIA: Lajos Koltai ■ MÚSICA: Michael Small ■ PRODUÇÃO: Steve Roth ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

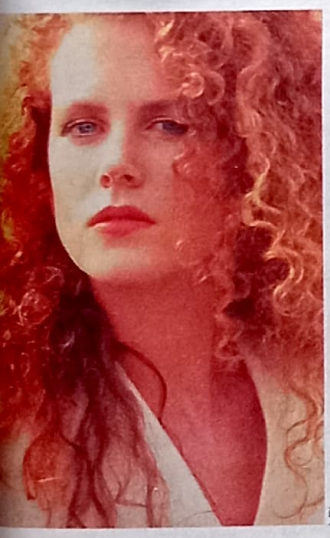


UIP

Slater, Dempsey, Mandylor e Grieco: *Império do Crime* transforma menudos em gangsters

Reina

RICHARD GRIECO
Saído da série de TV *Anjos da Lei* faz o tipo sexy-rebelde (jeans rasgado, jaqueta de couro etc). Tem 26 anos e costuma ser encontrado tarde da noite nos bares de Los Angeles. Modelo profissional de Giorgio Armani, Calvin Klein e Chanel, sua presença em *Mobsters* já lhe garantiu uma vaga na lista dos novos galãs em Hollywood. Em *Espião por Acaso* é confundido, *à la* Hitchcock, com um agente da CIA em Paris.



LFI

NICOLE KIDMAN
Atualmente é mulher do megastar Tom Cruise. Tem 23 anos e já o acompanhou em *Dias de Trovão*, como a provocante médica dra. Claire Lewicki. Australiana, cabelos ruivos e olhos azuis, está com o marido em locação na Irlanda para *The Irish Story*. É também parceira de Dustin Hoffman no ainda inédito *Billy Bathgate*.

UIP

COSTAS MANDYLOR
Mobsters foi sua grande chance. Só apareceu, até agora, em pequenas pontas de *The Doors* e *Segredos de uma Novela*. Australiano de família grega, passou a adolescência lutando boxe, jogando futebol e já tentou carreira esportiva nos times europeus. Suas chances são uma incógnita.

Liaison Gamma-Sigla

JENNIFER JASON LEIGH
Batalhadora, vem conquistando bons papéis desde *Olhos Assassinos*, quando interpretou uma cega-surda-muda. É filha do ator Vic Morrow e na sua lista de trabalhos tem alguns destaques: *A Morte Pede Carona*, *Conquista Sangrenta* e *Miami Blues*. Completou 29 anos, mas ainda é considerada uma *baby-face*. Teve sua chance em *Backdraft — Cortina de Fogo*, mas deu o que falar em *Noites Violentas no Brooklyn*, em que interpreta uma prostituta.

Fox

COREY HAIM
Canadense, vai completar 19 anos em dezembro. A carinha de ingênuo ajudou-o a conseguir seu primeiro papel importante em *A Inocência do Primeiro Amor*. Ao lado de seu xará Corey Feldman, destacou-se em *Os Garotos Perdidos* e *Sem Licença para Dirigir*. Seu fracasso: *A Hora do Lobisomem*, um Stephen King mal adaptado. Está em cartaz agora com *A Máquina dos Sonhos* e já declarou que quer trabalhar com Stallone na série *Rambo: O Filho que Ele Nunca Teve*.

Alvorada

SHERILYN FENN
A mais quente e escultural das coleguinhas de Laura Palmer, a Audrey de *Twin Peaks* tem os olhos e a sedução de Ava Gardner. O inócuo *Um Toque de Sedução* não é o melhor filme de seu currículo. Coelhinha da revista *Playboy*, em Los Angeles, já foi considerada "a síntese do universo de David Lynch: perversidade e beleza levadas ao extremo". Agora, com 20 anos, vai interpretar *The Clara Bow Story*.

Columbia

FRED SAVAGE
Completou agora 15 anos e é bem conhecido nos EUA porque faz uma série de TV de sucesso (*The Wonder Years*). Está sempre na capa das revistas de adolescentes e seu último filme é um hit nas bilheterias americanas: *O Gênio do Videogame*. Fez também *A Princesa Prometida* e *Vice Versa*. Afirmou que "adoraria ter convivido com os hippies nos anos 60", mas não queria ter nascido antes do videogame.

Warner

BRIDGET FONDA
Ela parece ter saído de um filme dos anos 60, talvez por ser filha do *Easy Rider* Peter. A loira que os anos 90 vai cultuar tem 26 anos e não faz regime nem ginástica, como a tia Jane. Tem talento de nascença e diploma do Actor's Studio. Em *Escândalo — A História que Abalou o Império* seduz metade da Câmara dos Comums inglesa e em *O Poderoso Chefão III* leva Andy Garcia pra cama antes mesmo que Sofia Coppola. Está ao lado de Michael J. Fox em *Doc Hollywood*.

UIP

KELLY PRESTON
Havaiana de nascimento, também já passou pela Austrália, onde participou de comerciais de TV. Em Los Angeles, logo marcou presença nas produtoras e conquistou um bom papel em *Admiradora Secreta*; esteve com Schwarzenegger em *Irmãos Gêmeos* e acabou conquistando John Travolta nas filmagens de *Os Espertinhos*. Os dois se casaram recentemente. Em *Fugindo para Viver* tem coragem e jogo de corpo suficientes para defender Patrick Dempsey de uma cidade inteira.

PATRICK DEMPSEY
Faz o tipo "aprontador", o que o torna um colega de Matthew Broderick. Como ele, já fez, no teatro, um papel gay em *Essa Estranha Atração*. Seu maior sucesso até agora é *Namorada de Aluguel*. Com seus 25 anos, já foi chamado pela crítica americana de "o ponto de encontro entre Woody Allen e Sean Penn". Já perdeu papéis por não parecer, nem um pouco, com Rob Lowe. "Eu não sou bonito", garante.

Warner

rem ser como Pacino ou De Niro; eles insistem na idéia de que *Mobsters* tenha o mesmo peso de *O Poderoso Chefão*. Mas eles não têm idade nem experiência para isso."

Mas esses *dentes-de-leite* do cinema farão a platéia feminina jovem suspirar encantada neste fim de 1991, e certamente não pararão por aí. Um ou outro fará os críticos se renderem a algum tipo de talento ainda ocluso. Por enquanto, basta conhecer os participantes de toda essa nova geração, fazer as apostas e aguardar.

Dilson Gomes

SET

Warner

Dempsey barbariza com o Porshe do patrão em *Fugindo para Viver*

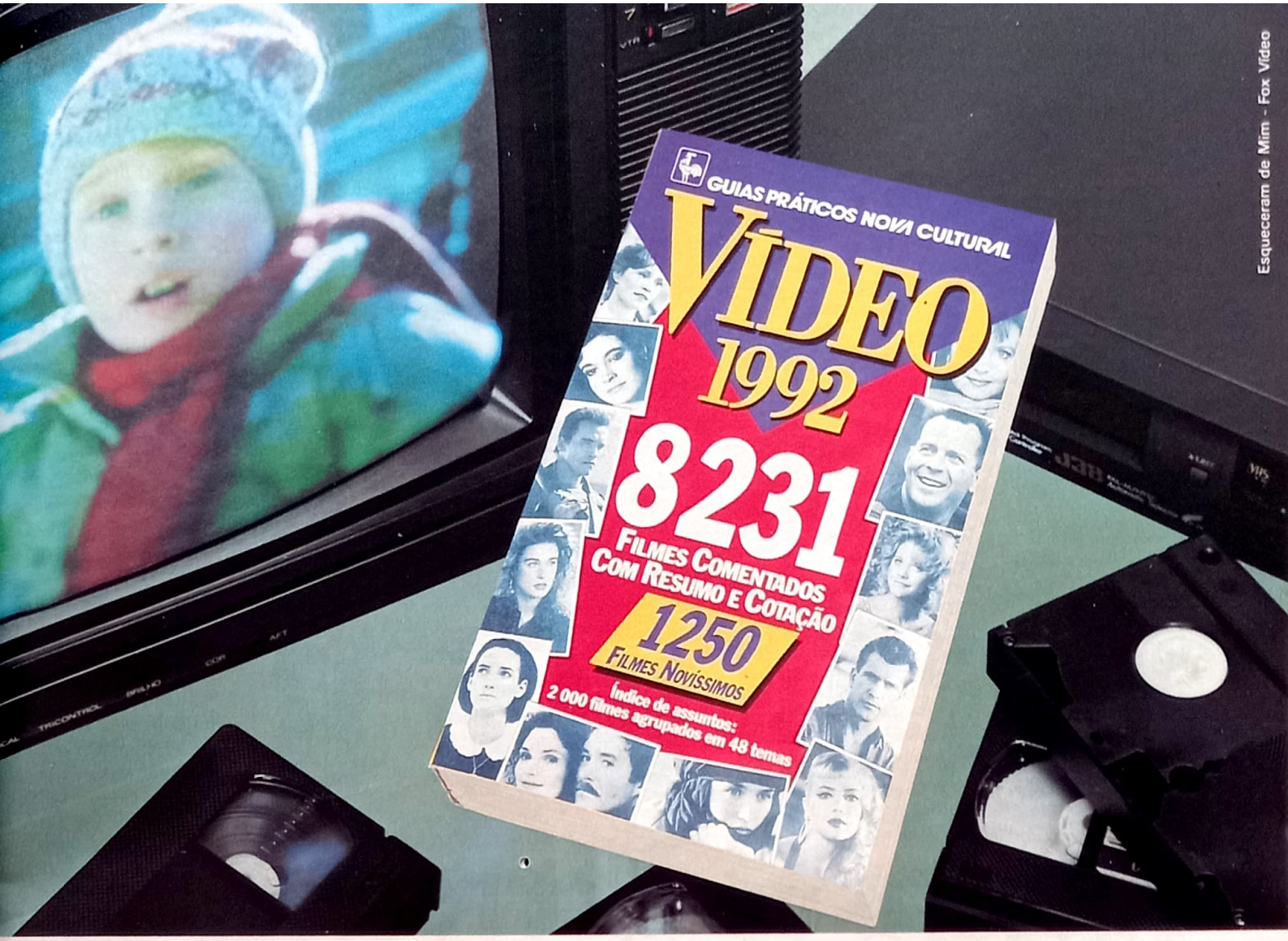
FUGINDO PARA VIVER

Argumento fácil faz Patrick Dempsey virar gato escaldado

É o serviço mais manjado nas histórias de aventura. transportar um carro valioso. No caminho, Charlie (Dempsey) cai numa cidade-arapuca, onde corrupção e jogatina estão sempre na ordem do dia. (Não, não é nenhuma cidade de algum canto do Brasil.) O azar começa quando ele é acusado de assassinar o filho do manda-chuva da região. Daí em diante é só perseguição das boas. Fugindo para Viver *é ágil e alucinado, na medida certa para o peso-pena Patrick Dempsey, que, como "o homem errado", promove de imediato a cumplicidade com a platéia. Argumento fácil, muita pancadaria e morte, mas fica garantida a diversão.*

Dilson Gomes

Run, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Geoff Burrowes ■ Com Patrick Dempsey, Kelly Preston ■ ROTEIRO: Denis Shryack e Michael Blodgett ■ FOTOGRAFIA: Bruce Surtees ■ MÚSICA: Phil Marshall ■ PRODUÇÃO: Raymond Wagner para a Hollywood Pictures e Silver Screen Partners IV ■ DURAÇÃO: 91 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



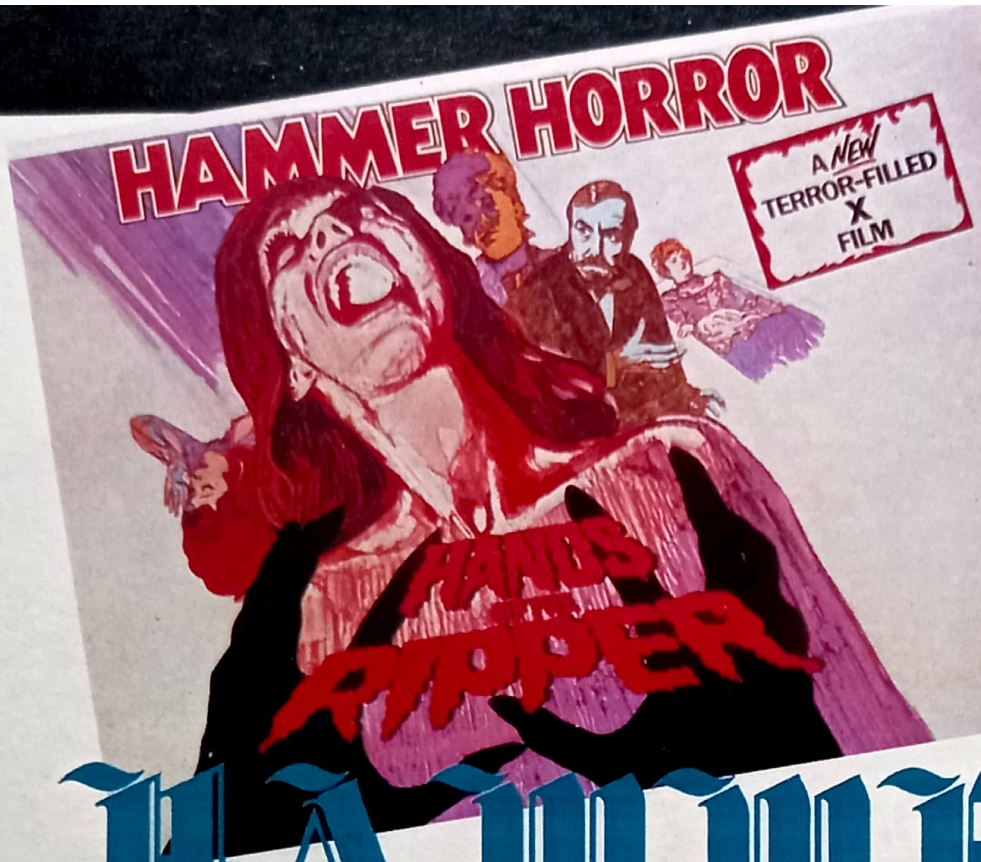
Leve para casa a maior locadora do país

Vídeo Guia 1992. Aqui você escolhe seus filmes com o maior conforto, não perde tempo nem corre o risco de levar gato por lebre. São 8 231 filmes comentados, com resumo e cotação de cada um deles; 1 250 filmes a mais que a edição anterior. Para facilitar ainda mais a sua escolha, o **Vídeo Guia 1992** traz vários índices. Assim, você localiza os filmes por gênero, assunto, atores ou diretores e ainda fica conhecendo o nome e endereço de todas as distribuidoras de vídeo. Se você tem vídeo ou quer apenas selecionar os filmes que passam na TV, não pode deixar de ter o **Vídeo Guia 1992** em casa. O maior, mais variado e completo guia de vídeo do país.

Há 5 anos dando as dicas mais quentes para os videomaníacos.

NOVA CULTURAL

NAS BANCAS A PARTIR DE 18/11/91



HAMMER

Fábrica de Horrores

Na Londres de Jack, o Estripador, nasceu a produtora especializada no terror em technicolor

Na década de 60, o horror cinematográfico internacionalizou-se e países que até então nunca haviam flertado com o gênero, como a Itália, Espanha, México, França e até o Japão, passaram a dedicar boa parte de suas produções à tarefa de assustar platéias.

Esse florescimento se deu, inicialmente, na Grã-Bretanha — não por acaso berço da tradição gótica — graças a uma pequena produtora sediada na Londres de Jack, o Estripador: a Hammer Films.

Na realidade, a origem da Hammer data de algumas décadas atrás, mais precisamente 1935, quando foi fundada por Enrique Carreras, um pesquisador de cinema, e William Hinds, ator obscuro, mais conhecido como Will Hammer, nome com o qual fazia suas aparições no palco. Nascida com o nome de Exclusive Films, a Hammer iniciou suas operações como uma companhia de distribuição de filmes de baixo orçamento, aventurando-se a lançar fitas medíocres adaptadas de peças radiofônicas.

A partir de 1947, no entanto, já com o nome que a tornou famosa e tendo à frente Michael Carreras e Anthony Hinds, filhos dos fundadores, a Hammer começava a tatear terreno em busca de uma posição mais

Fotos Warner

A Maldição de Frankenstein com Cushing e Lee, criador e criatura, ligou o nome da produtora Hammer definitivamente ao gênero horror

sólida no mercado.

Nessa época, para conseguir sobreviver à concorrência dos filmes rodados nos Estados Unidos, a indústria britânica de cinema implantou o sistema de cotas, que reservava uma fatia significativa do mercado para filmes produzidos na Grã-Bretanha.

Aproveitando-se disso, a Hammer decidiu passar efetivamente para a produção, bancando filmes B de ficção científica, destinados, originariamente, a preencher programas duplos em cinemas de bairro.

Terror que Mata, no destaque, e *Drácula no Mundo da Minissaia*: fama e decadência

As coisas começaram a mudar para melhor em 1955, ano da realização de *Terror que Mata (The Quatermass Experiment)*, ficção científica baseada numa série que havia feito muito sucesso na TV e que repetiu a dose nos cinemas de todo o mundo. Produtora desse filme, a Hammer começava a dar adeus aos anos de vacas magras.

Entusiasmados com o desempenho de *Terror que Mata* nas bilheterias, Michael Carreras e Tony Hinds tomaram a decisão histórica de orientar toda sua produção para os filmes de horror, ressuscitando os legendários monstros da Universal dos anos 30. Mas com uma diferença significativa — vampiros, lobisomens e múmias verteriam sangue vermelho vivo, ao invés do preto-e-branco desbotado dos antigos filmes daquela produtora norte-americana. Foi assim que a Hammer inaugurou o horror em technicolor, especializando-se no gênero.

A Maldição de Frankenstein (The Curse of Frankenstein) foi rodado às pressas, em seis semanas, na tentativa de aproveitar o sucesso que *I Was a Teenager Werewolf*, uma fitinha B americana, fazia nos cinemas de Londres. Dirigida por Terence Fisher, essa adaptação da novela de Mary Shelley transformou-se num imenso sucesso popular, a ponto de o todo-poderoso Jack Warner ter comprado os direitos de distribuição do filme nos Estados Unidos, onde o frenesi se repetiu. A partir daí, a Hammer teria seu nome ligado, definitivamente, ao gênero horror, que cultivaria ao longo dos anos 60 e 70.

Com Peter Cushing no papel do barão Victor Frankenstein, e Christopher Lee encarnando a criatura, o filme inovava em muitos aspectos. O personagem forte é, justamente, o do barão Frankenstein que, nas mãos de Terence Fisher, simboliza as forças do racionalismo, as quais não mede conseqüências para fazer prevalecer seu ponto de vista em luta contra o obscurantismo medievalesco, representado pelos aldeões e camponeses que as combatiam.

Impedido, por razões de direito autoral, de usar a mesma maquiagem concebida por Jack Pierce para Boris Karloff no primeiro *Frankenstein*, o maquiador Phil Leakey idealizou para Christopher Lee uma carranca mais próxima da criatura imaginada por Mary Shelley. De resto, o trabalho do diretor de arte, Ted Marshall, fez o filme aparentar um custo mais vultoso do que as 250 000 libras empregadas na produção.

No ano seguinte, 1958, seria a vez da ressurreição de Drácula pela mesma equipe responsável por Frankenstein. Um dos segredos da Hammer era, justamente, manter uma equipe permanente para, dessa forma, garantir o mínimo de qualidade e continuidade a seus filmes produzidos em série. *O Vampiro da Noite (Horror of Dracula)* fez ainda mais sucesso. Não era para menos. Em vez de ameaçar, com gestos teatrais, vítimas de olhos esbugalhados, a exemplo do que fizera Bela Lugosi em anos anteriores, o Drácula de Christopher Lee partia para as vias de fato. Suas vítimas, jovens em trajes imaculadamente brancos e despudoradamente decotados, ofegavam de prazer ante a iminência da mordida fatal. E o sangue jorrava em profusão, filtrado pelas lentes do operador Jack Asher.

De fato, o Drácula de Fisher, não fosse vivido por Christopher Lee, estaria mais para um Don Juan noturno do que para uma criatura abominável. É Lee, com sua estatura elevada, voz altissonante e olhos demoníacos, que dá ao vampiro a dose necessária de perversidade e sensualidade tão decisiva para a continuidade do sucesso do vampiro, da série e do próprio ator, que a partir daí nunca conseguiria livrar-se do personagem, condenado a revivê-lo em inúmeras seqüências nas décadas seguintes.

Decisivas, sobretudo, para a felicidade de Tony Hinds e Michael Carreras, que a essa altura riam à toa. Apesar de menosprezados pelos críticos, que não viam neles nada mais do que subprodutos sensacionalistas, destinados a aplacar o sadismo de platéias de gosto pouco apurado, *The Curse of Frankenstein* e *Horror of Dracula* totalizaram, juntos, um lucro de 4 milhões de libras para a companhia, constituindo-se no maior sucesso financeiro da Hammer. A verdade, porém, é que o êxito jamais se repetiria, apesar de a empresa ter utilizado os mesmos personagens em vários outros filmes.

United Artists

O diretor predileto da companhia, Terence Fisher, realizou *A Múmia*, acima, e *O Cão dos Baskervilles*, ao lado, baseado na literatura gótica popular

A Drácula e Frankenstein viriam juntar-se o lobisomem encarnado por um imberbe Oliver Reed em *A Maldição do Lobisomem (The Curse of Werewolf)*; a múmia em *The Mummy*, no qual Christopher Lee faz a criatura envolta em bandagens; Sherlock Holmes e Watson em *O Cão dos Baskervilles (The Hound of the Baskervilles)*; mr. Jekyll e dr. Hyde em *O Monstro de Duas Caras (The 2 Faces of Dr. Jekyll)*; e o romântico fantasma da ópera vivido por Herbert Lom em *O Fantasma da Opera (The Phantom of the Opera)*, produções igualmente memoráveis e características do estilo Hammer, todas dirigidas por Terence Fisher, o diretor predileto da companhia, o qual aproveitava os mitos e lendas imortalizados pela literatura de sua terra natal para criar melodramas góticos de irresistível apelo popular.

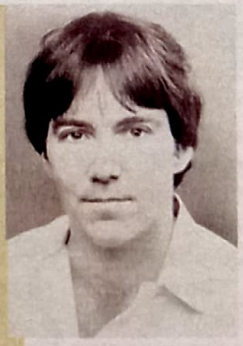
Não somente de horror gótico, porém, viveu a Hammer, que produziu também um ciclo de thrillers baseados no estrondoso sucesso alcançado por *Psicose*, de Alfred Hitchcock; além de epopéias pré-históricas, ficções científicas e aventuras exóticas.

Os anos 70 marcariam o declínio da companhia, que, à parte uma ou outra produção mais ambiciosa — *Countess Dracula* e *Os Amantes Vampiros (The Vampire Lovers)*, que iniciam a série protagonizada por vampiresas sexuais calcadas em *Carmilla*, novela de Sheridan Le Fanu, ou *Demons of the Mind* e *O Médico e a Irmã Monstro (Dr. Jekyll and Sister Hyde)* —, repetiria fórmulas já gastas em filmes de orçamento ainda mais baixo.

Drácula no Mundo da Minissaia (Dracula A.D 1972) e *Os Ritos Satânicos de Drácula (The Satanic Rites of Dracula)* traçam o caminho da queda daquela que foi a mais próspera produtora britânica nos anos 60. Neles, Christopher Lee volta a encarnar o vampiro que o tornou célebre numa Londres contemporânea, povoada por garotas de minissaia que se requebram ouvindo rock. Longe dos castelos góticos e da ambientação vitoriana que marcaram a estética Hammer, Drácula é um personagem anacrônico, servindo de metáfora para a própria produtora. Os anos 70, com sua legião de adolescentes diabólicos engolfados em vômito verde e sua profusão de efeitos especiais, sepultariam, de uma vez por todas, o velho e bom terror inglês.

Paulo Capuzzo

UM CORMAN PARA OS ANOS 90



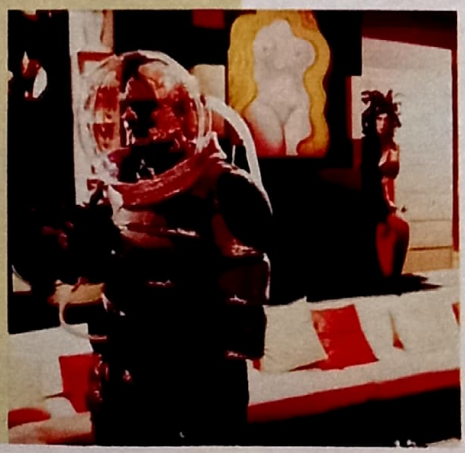
Charles Band renovou o gênero, como em *A Visão do Terror*

O espírito de pioneirismo da Hammer se repetiu na arrojada figura de Roger Corman, no fim dos anos 60, e através de Charles Band, nos 80. Este ilustre relativamente desconhecido do público brasileiro é considerado por parte da crítica americana e européia o Corman da atualidade. Exagero ou não, o fato é que Band imprimiu um novo significado na produção cinematográfica de filmes de terror.

Criado em sets de filmagens na Itália, Charles Band seguiu os caminhos do pai, o cineasta Albert Band, realizador de numerosos westerns spaghetti. *Aprendeu tudo sobre cinema: produção, roteiro, direção e, principalmente, distribuição.*

Amante declarado das fitas de terror, montou em 1983 a Empire, empresa responsável por pequenas jóias, como Re-Animator*, Troll*, Do Além*, A Visão do Terror* e Trancers*. *Há pouco tempo Band se desfez da Empire e fundou a Full Moon, empresa que herdou o espírito quixotesco da antecessora.*

Walter de Silva

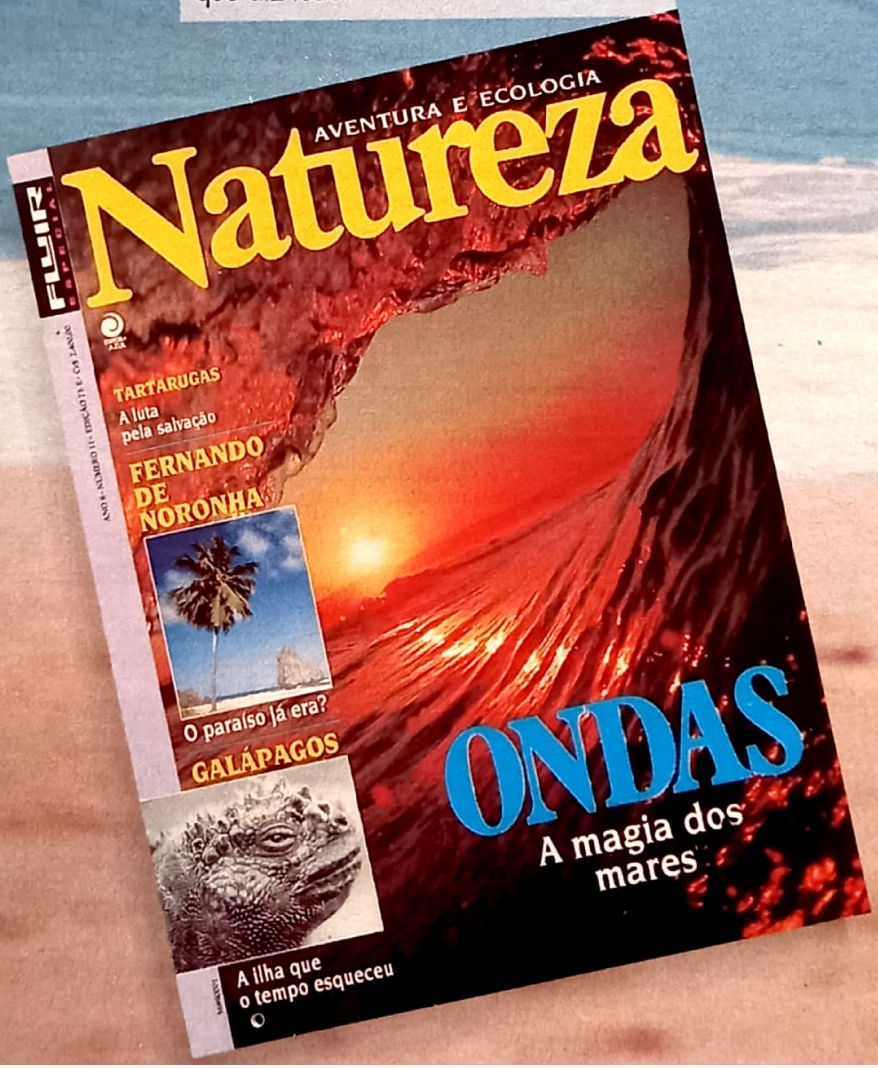


Alvorada

* *Disponível em vídeo*

ENTRE NA ONDA ECOLÓGICA.

Aventura e ecologia é com Especial Fluir Natureza. Veja tudo sobre as ondas – a magia dos mares, a preservação do paraíso Fernando de Noronha e a luta pela salvação das tartarugas. Acompanhe ainda a aventura em Galápagos, a ilha que o tempo esqueceu. Não fique por fora da maré ecológica que varre o mundo: leia a revista Natureza e curta o visual que diz tudo.



NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Viagem Auditiva

Os televisores e vídeos com som estéreo duplicam o prazer visual

O mundo nunca mais foi o mesmo depois que o americano Swinton Campbell fez, em 1911, o primeiro protótipo de uma televisão. De lá para cá, essa hipnotizante caixa de imagens se tornou tão presente na vida do homem moderno que acabou recebendo o máximo que a tecnologia pôde criar. Agora, 80 anos depois, é o casamento do vídeo com o áudio que recebe um novo alento. Descobriu-se que, tão importante quanto ter uma imagem fantástica, era conseguir criar um sistema de som que trouxesse a impressão da realidade. Daí, o empenho dos técnicos para trazer o som estéreo aos equipamentos de vídeo.

Todas as melhores marcas de áudio e vídeo do mercado brasileiro já comercializam tvs e videocassetes estéreos (confira alguns no box). As emissoras de TV, por sua vez, já começaram a transmitir sua programação nesse sistema. É o caso das TVs por assinatura, como a TVA, e das em UHF, como a MTV.

Outra grande novidade é o SAP (Separated Audio Program), um canal alternativo de áudio em mono pelo qual as emissoras liberam o som original dos filmes transmitidos em estéreo. Um recurso que atrai muitos cinéfilos e que só existe nos aparelhos em estéreo à disposição no mercado.

"Só falta mesmo as grandes redes transmitirem em estéreo para provocar uma verdadeira corrida a esses equipamentos", garante o ex-gerente de marketing da Panasonic, Rubens Caruso. A Sharp, apostando nesse potencial, já fabrica no Brasil sua linha de estéreos. "O mercado está prontinho para reagir a essa tecnologia", confirma o gerente de marketing da Sharp, Marco Antonio Carline.

Mas o que existe de tão sensacional nesses aparelhos? A resposta é simples. Que tal curtir a sensação de estar pilotando um caça assistindo um filme como *Top Gun*? Ou praticamente vibrando junto com a platéia num show do U2? Isso já é possível com o que temos por aqui no momento. Imagine as turbinas de uma corrida de Fórmula 1. É por isso que muitos esperam ajoelhados a entrada das grandes redes no circuito.

Mesmo que a viagem por essas sensações ainda não seja total, já é possível aventurar-se pelas maravilhas dessa tecnologia. São três as opções: ou se adquire um vídeo estéreo, ou uma tv estéreo, ou os dois ao mesmo tempo.

Na compra de uma tv estéreo pode-se assistir tranqüilamente tudo o que é transmitido pelas emissoras nesse sistema. É só ficar atento à designação STEREO quando na compra de uma tv. Mas é importante observar que tais aparelhos são caros e extremamente grandes. A menor tv tem 21 polegadas e a maior, 52. Isso implica que é imprescindível ter um espaço em casa para elas e um ambiente amplo, que permita que o som se expanda. Os modelos sofisticados são os que mais exageram no tamanho e trazem o selo STEREO DOLBY-SURROUND: um sistema de áudio de melhor qualidade, filtrado, amplificado e com saída para duas caixas acústicas acopladas que podem até ser destacáveis do corpo da tv.

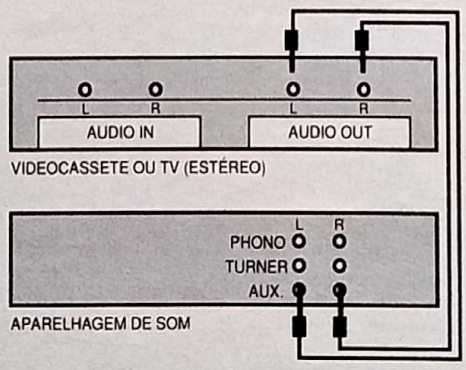
Para melhorar o barato de uma supersala de áudio e vídeo em estéreo, também é possível, através de uma simples ligação, acoplar a tv à aparelhagem de som e, conseqüentemente, às suas caixas acústicas (veja no desenho). O resultado é fantástico. Muitos já fazem isso na suas tvs normais para ganhar uma melhor qualidade de áudio mesmo que ainda em mono. Contudo, a resposta das tvs estéreos supera todas as expectativas.

No caso de um vídeo estéreo, ganha-se um pouco mais. Todas as fitas de vídeo que levarem a designação *HI-FI STEREO* poderão ser curtidas com tudo a que se tem direito em matéria de som. Se a tv de casa não for estéreo, basta acoplar o vídeo à aparelhagem de som, abaixar o volume da tv e pronto! O som sairá perfeito pelas caixas acústicas da aparelhagem. Mas os programas transmitidos ainda continuarão em mono. Se a tv for estéreo, então, basta curtir o som que vem da própria tv.

Existe ainda a delirante possibilidade de juntar tudo: tv e vídeo em estéreo e a aparelhagem de som. O resultado é o típico caso do casamento perfeito: áudio e vídeo viverão juntos para sempre num ribombar dos diabos.

Leonardo Caldas

SET

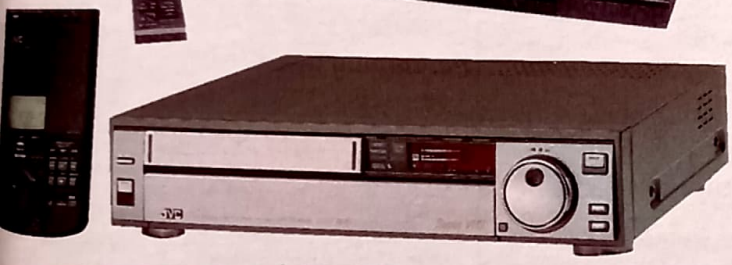


Para adaptar a tv ou o videocassete mono ou estéreo na aparelhagem de som, basta usar um cabo estéreo, com duas saídas em plug em cada ponta, e ligar na posição AUDIO OUT, da tv ou videocassete, à saída do AUXILIAR da aparelhagem de som.
Para ouvir o som nas caixas acústicas, chavear para AUXILIAR, e pronto!

Sharp H 857

JVC AV-3590S

Sharp C 2199B



JVC HR-S5800

Philco-Hitachi OU-460 1B

TVs ESTÉREOS		
MARCA	MODELO	CARACTERÍSTICAS DE SOM
PANASONIC	TC-29 AS2	29", Som Estéreo Surround, SAP, caixas acústicas externas embutidas
	TC-29 AV1	29", Dome Sound System (embutido na TV), Som Estéreo Surround, SAP
	TC-20 AS2	20", Turbo Sound System (embutido na TV), Som Estéreo, SAP
PHILIPS	28 CT 7693	28" , Som Estéreo Dolby Surround (caixas acústicas destacáveis), Filtro de ruídos, Tecla MUT (corta o som e deixa imagem na tela), SAP
	28 CT 7692	28", os mesmos recursos da anterior
JVC	AV-3150S	31", Som Estéreo Dolby Surround (caixas acústicas externas destacáveis), SAP, Filtro de ruídos
	AV-3590S	37", Som Estéreo Dolby Surround (caixas acústicas externas destacáveis), SAP, Amplificador de Som Estéreo, Ajuste automático de graves e agudos
	AV-2750S	27", Som Estéreo Dolby Surround (caixas acústicas externas destacáveis), SAP
PHILCO HITACHI	PAVM-2900/U-S T (Premium 29)	29", Som Estéreo Surround (caixas acústicas externas destacáveis), SAP
	OU-460 1B (Premium 46)	46", Som Estéreo Surround (caixas acústicas com 4 auto-falantes num rack sob a TV), SAP
	PAVM 2140 (Wine 21)	21", Som Estéreo Surround (caixas externas embutidas), SAP, Informações na tela
SANYO	CLP-2128	21", Som Estéreo (caixas acústicas externas destacáveis), SAP (I ANG), Controle de graves, agudos e balanço, Informações na tela, WIDE (simula o efeito estéreo nas transmissões mono), MUTE
GRADIENTE	HRM-29 S	29", Som Estéreo Surround (caixas acústicas embutidas), Hyper Bass Sound (saída independente de graves), WIDE, Informações na tela, Ajuste automático de graves, agudos e balanço
SHARP	C 288 99A	28" , SAP, Som Estéreo Amplificado (caixas acústicas num rack sob a TV ou destacáveis), Filtro de ruídos, Auto-falantes blindados contra interferências magnéticas
	C 2199B	21" , Som Estéreo (caixas externas destacáveis), Auto-falantes blindados

VIDEOCASSETES ESTÉREOS		
MARCA	MODELO	CARACTERÍSTICAS DE SOM
PANASONIC	F 70	Hi-fi Stereo, Ajuste automático de graves e agudos, Filtro contra ruídos, Medidor digital de picos no painel, SAP
JVC	HR-D1 940	Hi-fi Stereo, Filtro contra ruídos, 2 cabeças de áudio de FM, SAP, Informações na tela
PHILCO HITACHI	VT-F 330A	Hi-fi Stereo, Informações na tela
	PVC-5500	Stereo, Informações na tela
SANYO	VHR-5600	Dolby Stereo, Informações na tela, Indicador de pico no painel
SHARP	H 857	Hi-fi Stereo, SAP, Informações na tela, Simulcast (grava áudio independente do que acompanha a imagem)

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Redator-Chefe: Carlos Volpato
Redação: Deborah Peleias (editora-assistente), Dilson Pedro Gomes (editor-executivo), Walter de Silva
Produtor Gráfico: Marcelo de Castro
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Colaboradores: Texto - Antonio Querino Neto, Ariel Finguerman, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Cristina Nastasi, David França Mendes, Ivana Bentes, José Geraldo Couto, Leonardo Caldas, Lorena Calabria, Luiz Nazário, Marcel Plasse, Marcelo Bernardes, Maria Lúcia Fróes, Mario Mendes, Paulo Capuzzo, Thais H. S. Juarez. **Arte** - Jair Farias, Renata Borges Soares. **Atendimento ao Leitor** - Jean Pierre Verdaguer. **Fotografia** - Rui Mendes, Ivan Carneiro. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisora: Rosangela Cassilio
SP-Contatos: Ana Maria S. T. Lobo, Carlos Byron Rodrigues
RJ-Contato: Mônica Campos
Coordenadores: José Soares A. Santos, Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamim S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Departamento de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex: (011) 83178, Fax: (011) 813-9115. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, S/ 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Circulação desta revista: **novembro/91. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel.: (011) 823-9222.

ANER IVC

Fotolito: Repro S.A. Estúdio Gráfico
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET CINEMA & VÍDEO

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

SET 53

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock. Pop. Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundos dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANARIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

FAMA
Música e Ídolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, s 1533 34, CEP 20020, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 36890. Fax: (021) 532-1486.

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990 5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134 226-3644 (FAX)
Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528. Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

Futrica das Boas

Idolatria e escândalo gratuito são as matrizes das biografias de Woody Allen e Jack Nicholson

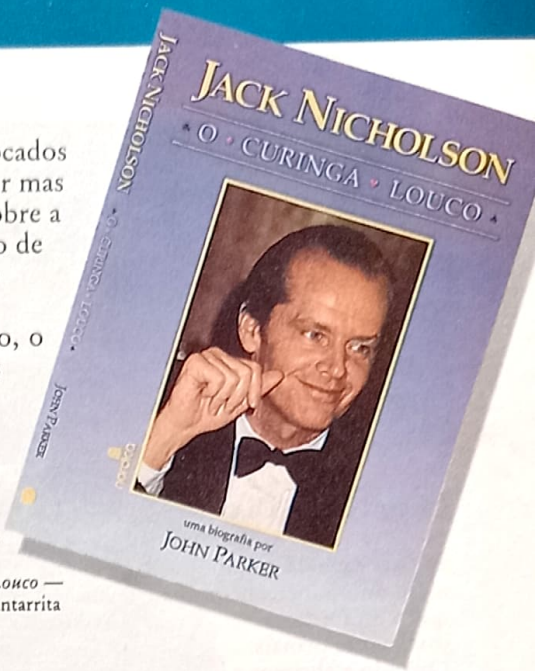
Fugindo do tradicional atraso editorial, as biografias de Woody Allen e Jack Nicholson chegam ao Brasil quase que simultaneamente aos seus respectivos lançamentos no mercado internacional.

O escritor canadense Eric Lax levou três anos para concluir seu *Woody Allen*, para o qual entrevistou mais de cem pessoas e recebeu permissão do diretor nova-iorquino para acompanhar de perto toda a produção de seus últimos cinco filmes. O resultado é um grosso volume, no qual Allen aparece falando de suas mulheres, de sua paixão por Nova York e dos tempos em que era um mero comediante em night-clubs.

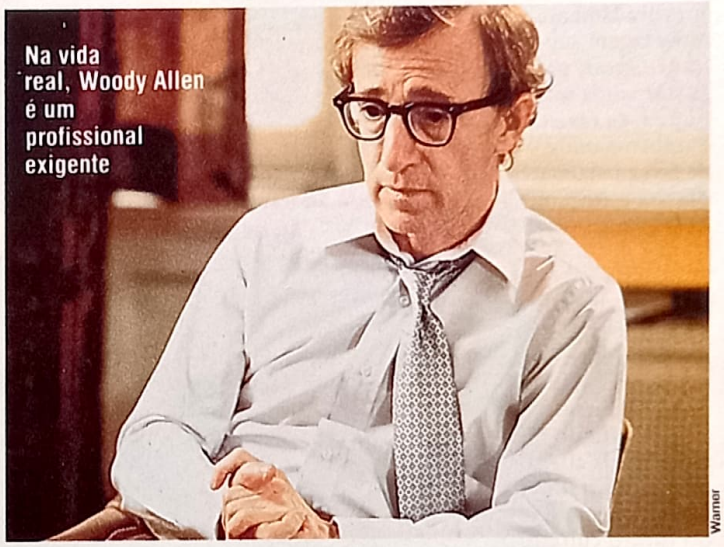
Lax consegue mostrar, por fim, que a imagem do ator como neurótico azarão está restrita às telas. Allen, além de profissional exigente, é um diretor insatisfeito com seus filmes, que ainda pretende realizar uma obra-prima à altura de seu mestre Ingmar Bergman. O deslize do biógrafo, no entanto, é se revelar um fã ardoroso que perde as rédeas da obra, exagerando nas minúcias e perdendo o ritmo da narrativa.

Em contrapartida, o inglês John Parker, menos comprometido com seu biografado, fez de *Jack Nicholson — O Curinga Louco* uma mistura de boa informação e muita fofoca, como a de que só aos 38 anos Nicholson teria descoberto que sua mãe na verdade era sua irmã. O livro tem alguns comentários bem colocados sobre os filmes do ator mas exagera nas futricas sobre a sua vida sexual e o uso de drogas, resvalando no escândalo fácil e no sensacionalismo barato, o que pode afugentar os admiradores mais exigentes.

Ariel Finguerman

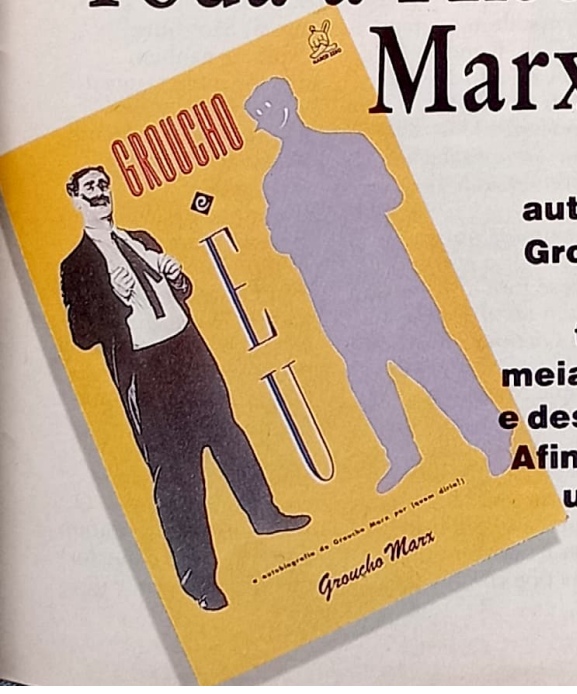


Woody Allen — Eric Lax — trad. Geovani Mafra e Silva — Ed. Companhia das Letras.
Jack Nicholson — O Curinga Louco — John Parker — trad. Marcos Santarrita — Ed. Nórdica, 234 págs. Cr$ 7.900,00.


Na vida real, Woody Allen é um profissional exigente

Warner

Toda a História Marxista



Em sua autobiografia, Groucho Marx não perde tempo com meias palavras e destila ironia. Afinal, a vida é uma grande piada

Antes de começar a ler *Groucho e Eu*, esqueça todas as formas de "auto" e biografias já publicadas. Só assim seu espírito estará preparado para acompanhar a trajetória que Julius Henry Marx (1890-1977), ou Groucho Marx, como era conhecido, desenha em sua autobiografia. Sem abrir mão, em nenhum momento, da mais pura irreverência, Groucho satiriza as desgraças pelas quais passou toda a atrapalhada família Marx, tira um sarro deslavado do *vaudeville* e de figuras marcantes do *showbusiness* (todas com pseudônimo, pois Groucho não queria encrenca) e ainda filosofa sobre televisão, teatro e cinema.

Em capítulos curtos, sem ordem cronológica e muitas vezes engraçadíssimos, Groucho passa a limpo sua infância, sua família marxista (não a de Karl, mas de Groucho, Harpo, Chico e Zeppo), seus casamentos. Ou seja, toda a história de uma geração que chegou ao cinema para desmontar de rir até o espectador corroído por problemas hepáticos.

Deborah Peleias

Groucho e Eu — Groucho Marx — trad. Maria José Silveira — Ed. Marco Zero, 316 págs. Cr$ 9 200,00.

Fotos UIP

Ghost Não se Discute

Só pela capa da edição n.º 9, ano 5, percebemos que a SET estaria totalmente demais. Quando a abrimos e apavoradamente vimos a reportagem sobre o filme *Ghost*, passamos a gostar ainda mais do filme e da revista. Parabenizamos Walter de Silva pela matéria.
Marisa e Regiane
(São Paulo — SP)

A matéria — pequena, mas ótima — da edição n.º 9, ano 5, de SET sobre *Ghost* deveria ter sido publicada na ocasião do lançamento do filme nos cinemas. Walter de Silva conseguiu traduzir perfeitamente o espírito do futuro cult movie. Bem, como diria, antes tarde do que nunca.
Antonio Carlos Surtica
(Minas do Butiá — RS)

É do Swayze que Todos Gostam

Adorei a reportagem do filme *Point Break*, sobre o qual estava curiosa há muito tempo. Finalmente, depois de anos, SET soube aceitar que Swayze é mais do que apenas um símbolo sexual.
Isabel Cristina M. Aleksiejuk
(Guaíra — PR)

Extraordinário! Esta é a expressão correta em relação à edição n.º 9, ano 5, de SET, voltada para o galã Patrick Swayze. Um ótimo trabalho, que começou na capa da revista, passou pelo lançamento em vídeo de *Ghost* e chegou nas emoções de *Point Break* e *City of Joy*, que esquentarão as telas nas próximas temporadas.
Antônio Rodolpho Duarte
(Cuiabá — MT)

Posso dizer que sou fã n.º 1 de Patrick Swayze e estou adorando acompanhar todas as reportagens que SET vem publicando sobre ele. Adorei também a revista-pôster com Patrick.
Maria Denise Pinto
(Porto Alegre — RS)

Mamãe, que Gafe

Os leitores Dário, de Maceió, e Sílvio Carlos, de São Paulo, pegaram um "escorregão bonito" no texto de Mamãe Não Quer que Eu Case *(n.º 9, ano 5, seção Em Cartaz). Publicamos ambas as cartas por acharmos que a confusão com as atrizes Maureen O'Sullivan e Maureen O'Hara é indesculpável. Mas entendemos que errar é humano.*

"Não é nada tão sério assim: John Candy é um policial solteiro que mora com a mãe viúva (Maureen O'Hara, a Jane de priscas eras do Tarzã Johnny Weissmuller)..." Pode parar, sr. Rondeau, pode parar. Essa Maureen O'Hara que o sr. descreve no texto de *Mamãe Não Quer que Eu Case* (n.º 9, ano 5, página 47) é aquela ruiva que curti na década de 50 em filmes como *Paixão de Beduíno, A Grande Audácia, Os Filhos dos Mosqueteiros, Rio Bravo* e tantos outros, nunca foi a Jane de Tarzã. Homem de Deus, o sr. se enganou. Foi Maureen O'Sullivan — viúva do cineasta John Farrow, mãe da atriz Mia Farrow, sogra do diretor/ator Woody Allen — quem desempenhou o citado papel. Sr. Rondeau, sr. Rondeau, não cochile que eu estou aqui, ó, de olho vivo.
Dário Soriano Rocha
(Maceió — AL)

Fotos M.G.M.

Me sinto na obrigação de corrigir o comentário de José Emílio Rondeau em seu texto *Mamãe Não Quer que Eu Case* (n.º 9, ano 5) quando diz que Maureen O'Hara foi a Jane do Tarzã Weissmuller. Na verdade, a Jane dessas "priscas eras" foi Maureen O'Sullivan. Errar é humano, mas às vezes põe em dúvida a credibilidade da revista.
Sílvio Carlos Salomão Vieira
(São Paulo — SP)

Schwarzenegger Espetacular

Parabenizo SET pela edição n.º 8, ano 5, que está simplesmente incrível. Em especial a Matéria de Capa, com Schwarzenegger, que está espetacular.
Luiz Carlos Ferreira Antonio
(São Paulo — SP)

Destaco o excelente nível da edição n.º 8, ano 5, principalmente a reportagem sobre *O Exterminador do Futuro 2* e também a matéria "Alma Negra".
Júlio Cesar Rodrigues
(Alvorada — RS)

Realmente SET "pisou na bola" com a matéria superficial sobre um dos filmes que marcarão a década de 90: *O Exterminador do Futuro 2*. Outra coisa, a entrevista com Schwarzenegger merecia mais páginas e fotos maiores.
André Luiz F. Pereira
(Taubaté — SP)

Sinceramente, não sei o que vem acontecendo com SET, pois sua qualidade vem caindo muito. A entrevista com Schwarzenegger (n.º 8, ano 5) não soube explorar nenhum detalhe interessante da vida do superastro.
Fátima Cristina Ptilocci
(Colina — SP)

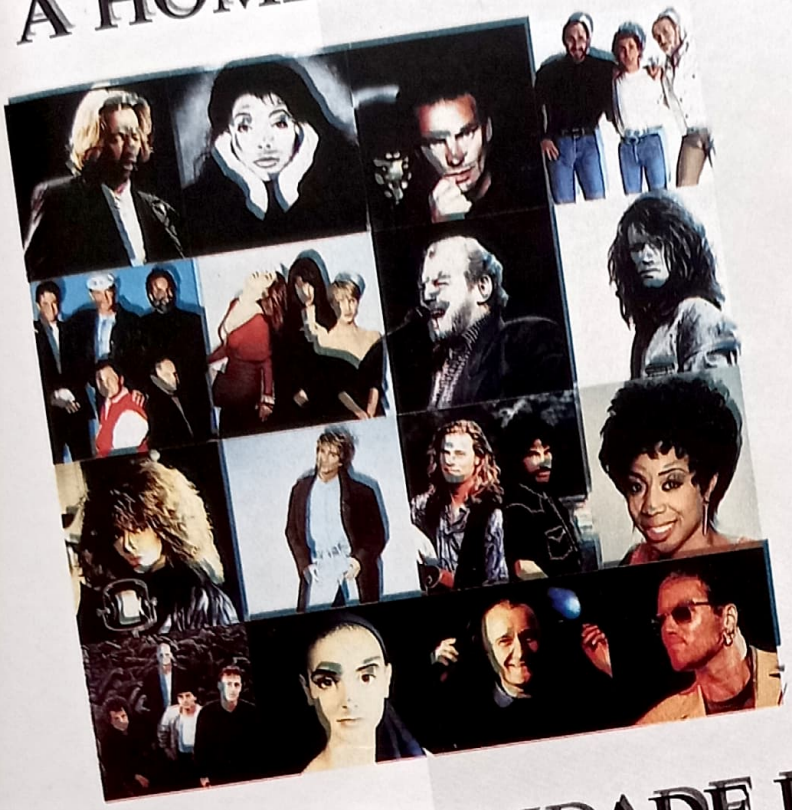
Na minha opinião, a matéria sobre *O Exterminador do Futuro 2* (n.º 8, ano 5) deixou a desejar, e a entrevista com Schwarzenegger foi demasiadamente curta.
Sérgio Paulo Eufrosino
(Santo André — SP)

Fiquei muito triste com a matéria sobre *O Exterminador do Futuro 2* (n.º 8, ano 5), que foi menos interessante que

Método? Que Método?

Ao ler o Editorial da edição n.º 9, ano 5, de SET, deparei-me com um sem-número de afirmações gratuitas — aliás, numerosas demais para um texto curto como este — que me levou a escrever. Dentre as preciosidades, quatro são dignas de nota: 1.ª — "Método é aquilo que os atores antigamente usavam para respaldar um monte de caretas, resmungos e expressões variadas". Método seria apenas isso? 2.ª — Sobre o Actor's Studio, diz o texto, "aprendiam a fazer cara de coitado e a falar com uma porção de algodão nas bochechas". Parece que o editor não aprecia muito o método utilizado por tão famoso estúdio. 3.ª — "A atuação de Marilyn, como se sabe, era mais corporal". Teria, por acaso, o articulista já visto *Niágara* e *O Segredo das Jóias*? 4.ª — "Laurence Olivier, que, com seu método metido a shakespereano". Na verdade, tudo isso não passa de um monte de argumentos para introduzir o "seu" ator e seu "método" — Patrick Swayze, sobre quem SET publica oito páginas. Não é um pouco de exagero para um ator de tão poucos recursos, cujo único mérito é o de ter estrelado um filmeco que estourou nas bilheterias? Não seria o caso de SET parar de utilizar termos como "metido a", "atazanar", "estar a um", "perder a parada" e outras jóias? Outra coisa: o que se passa com SET? Isto é sério ou brincadeira? É intenção da revista agradar ao leitor com matérias leves como a sobre *Ghost*? É a mexicanização chegando em SET?
Ricardo K. Ywata
(São Paulo — SP)

A HOMENAGEM DESTES 16 ARTISTAS



À GENIALIDADE DESTES DOIS

RESULTOU NUMA OBRA IMPERDÍVEL

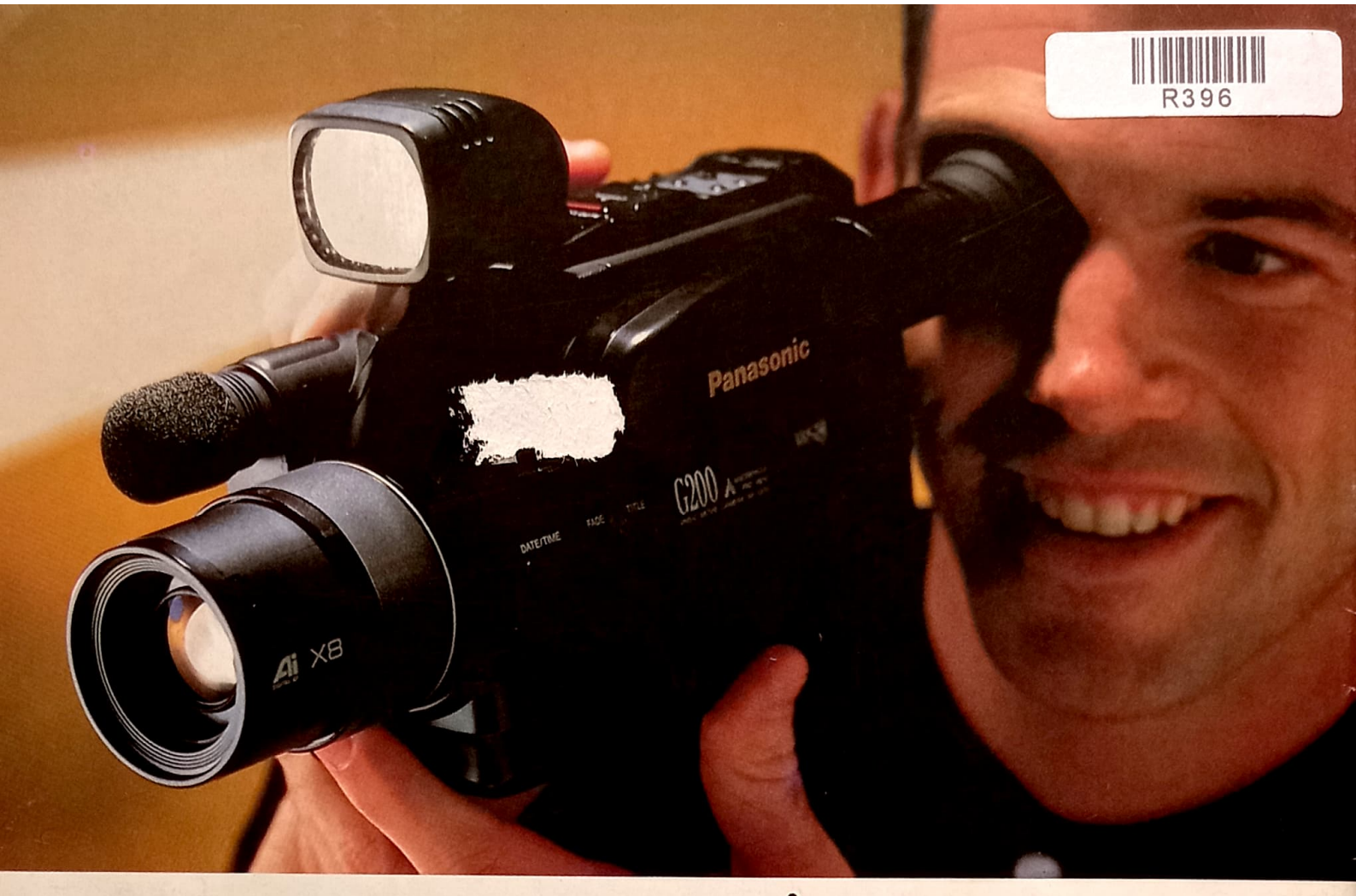
Dezesseis astros de primeira grandeza invadiram estúdios da Europa e Estados Unidos com um único objetivo: cada um deles gravou sua música favorita dentro da obra de **Elton John e Bernie Taupin**. O resultado foi um mapa astral emocionado, brilhante, homenageando uma das mais ricas parcerias da história moderna da música. Só para você sentir o gostinho: tem **Sinead O'Connor** cantando *Sacrifice*, **Eric Clapton** com *Border Song*, **Rod Stewart** com *Your Song* e mais, muito mais. Se você gosta mesmo de música, este álbum não pode ficar de fora na sua discoteca.

À VENDA EM CD, LP, K7 e VÍDEO

PolyGram

TWO ROOMS — *Celebrating The Songs Of*
ELTON JOHN & BERNIE TAUPIN

R396



INTELLIGENT MOVIE.

A Primeira Câmera VHS Compacta com Iluminação Automática.

Enquanto a nova câmera G200 Panasonic trabalha, você se diverte. Com o ultra-rápido Auto Focus Digital AI (Artificial Intelligence), e uma iluminação incorporada que funciona automaticamente. E mais: 8X Power Zoom com controle na ponta dos seus dedos.
"Intelligent Movie" Panasonic - para dia e noite.

VHS
NV-S200PN

VHS
NV-G200PN

Panasonic
Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

À venda na Zona Franca de Manaus.